



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

Daiana do Amaral Jeremias

A polissemia e a representação espacial das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro

**Chapecó
2014**

Daiana do Amaral Jeremias

A polissemia e a representação espacial das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof^a Dra Morgana Fabiola Cambrussi.

Chapecó

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

J55p

Jeremias, Daiana do Amaral

A polissemia e a representação espacial das preposições 'de' e 'para' do português brasileiro/ Daiana do Amaral Jeremias. -- 2014.
104 f

Orientadora: Morgana Fabiola Cambrussi.
Dissertação (mestrado) (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó - SC, 2014.

1. Polissemia de preposições. 2. Experiência Corporificada. 3. Esquemas Imagéticos. 4. Campos Semânticos. 5. Hipótese de Relação Temática. I. Título. II. Morgana Fabiola Cambrussi.

Ficha catalográfica elaborada pela Assessoria de Informação,
Conhecimento e Tecnologia – Campus Chapecó – UFFS

Daiana do Amaral Jeremias

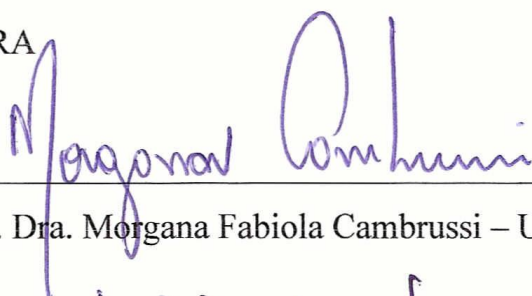
A polissemia e a representação espacial das preposições 'de' e 'para' do português brasileiro

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendida em banca examinadora em 27/06/2014.

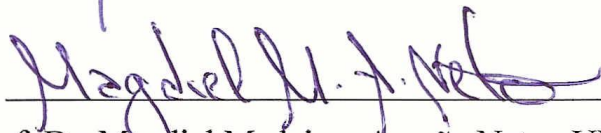
Orientador (a): Profa. Dra. Morgana Fabiola Cambrussi

Aprovado em: 27 / 06 / 2014

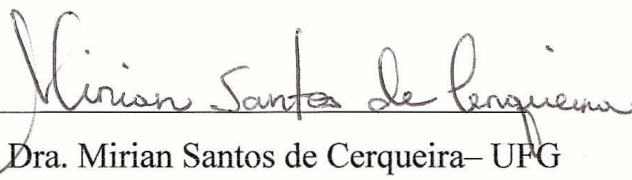
BANCA EXAMINADORA



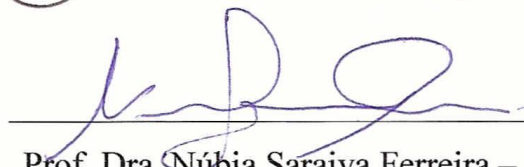
Profa. Dra. Morgana Fabiola Cambrussi – UFFS



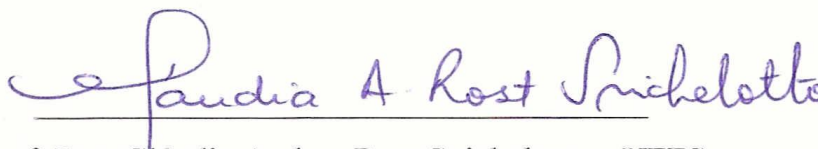
Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto – UFPB



Prof. Dra. Mirian Santos de Cerqueira – UFG



Prof. Dra. Núbia Saraiva Ferreira – UFFS



Prof. Dra. Cláudia Andrea Rost Snichelotto – UFFS

Chapecó – SC, Junho 2014

Dedico a todos aqueles que acreditam na construção de um mundo melhor, através da educação e da produção do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a todo povo brasileiro por financiar meus estudos e o trabalho de todos os profissionais que estão direta e indiretamente envolvidos nele, acreditando colaborar por uma sociedade menos desigual.

Agradeço a minha orientadora Morgana. Primeiro, por confiar e acreditar em mim, fato! Segundo, por me fazer descobrir e me inserir no “maravilhoso mundo encantado” do estudo do significado. Terceiro, pela sua humanidade, sensibilidade e generosidade, qualidades que me motivaram ainda mais a mergulhar “de cabeça” nessa pesquisa.

Agradeço, imensamente, a colaboração dos professores Magdiel, Mirian, Núbia e Cláudia, tanto por aceitarem em participar da minha banca, como também pelos comentários valiosos que me ajudaram a compreender e desenvolver ainda mais o que eu estava propondo como trabalho.

Agora, no lado pessoal, agradeço a minha família por me amar e rezar por mim nesse momento mágico (de verdade!!! Parece mágica mesmo), mesmo não entendendo nada da minha dissertação, claro, não por falta de interesse, mas por falta de oportunidade.

E por último, e jamais menos importante, agradeço ao meu “namorado” Jonas, que esteve do meu lado, me apoiando, durante todo o momento da minha dissertação, desde o ‘esqueleto’ até o presente trabalho. Durante essas etapas, ele foi tudo o que eu desejei em um príncipe encantando: um amor, um amigo. Sem mais!

RESUMO

Esse trabalho apresenta uma proposta de descrição da polissemia das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro, através da abordagem localista de Jackendoff (1983; 1992). De acordo com nossa pesquisa, as preposições ‘de’ e ‘para’ podem ser consideradas como itens polissêmicos, pois cada uma dessas preposições, individualmente, pode atribuir diferentes significados ao seu objeto de referência, e esses significados podem estar ligados cognitivamente por meio de uma representação espacial conceitual de trajetória. Segundo Ilari *et al.* (2008), as preposições ‘de’ e ‘para’ são preposições que ocupam posições de ponto de origem e ponto final, respectivamente, em uma trajetória espacial de eixo horizontal. No entanto, o uso básico dessas preposições, ou seja, aquele em que conseguimos interpretar um significado diretamente ligado a um espaço físico, pode ser estendido para outros significados, que podem ser interpretados conceptualmente como espaciais. Para uma interpretação metafórica do esquema imagético de trajetória, Jackendoff (1983; 1992) propõe a Hipótese de Relação Temática, em que os significados espaciais conceituais das preposições, podem ser explicados através de campos semânticos distintos. Essa possibilidade de extensão, para significados espaciais conceituais, é baseada na experiência corporificada dos falantes, pois quando interpretamos, de maneira conceitual, um item lexical, afirmamos que o mundo real nos fornece o substrato para nossas percepções sensoriais e as conceituações decorrentes dele. Através dessa experiência, construímos inconscientemente experiências estruturais de significados, que são esquemas imagéticos, e projeções metafóricas (JOHNSON, 1987). Desse modo, levantamos a hipótese de que os diferentes significados estabelecidos pelas preposições ‘de’ e ‘para’ podem ter relação entre si, isto é, o mesmo esquema de imagem, corroborando a ideia de polissemia dessas preposições. Propomos que, através da corporificação, o falante é capaz de estender, cognitivamente, o significado de um item lexical para outros significados conceituais, ou seja, o uso espacial básico de uma preposição pode ser estendido para usos metafóricos, cuja interpretação, de caráter espacial, pode ser resgatada através dos campos semânticos propostos por Jackendoff (1983; 1992). Os campos semânticos que tratamos nessa pesquisa são: Temporal, Possessional, Identificacional, Circunstancial e Existencial. Desse modo, estabelecemos como objetivos de pesquisa: a) a apresentação das relações de significados estabelecidas pelas preposições ‘de’ e ‘para’; b) a apresentação do processo cognitivo de experiência corporificada; c) a apresentação do esquema imagético dessas duas preposições e d) a conexão dos campos semânticos não espaciais, das relações de significados dessas preposições, com uma abordagem localista. Como metodologia de pesquisa, faremos análises das relações semânticas de sentenças do português brasileiro, em que as preposições ‘de’ e ‘para’ estabelecem relações de significado, buscando identificar, por meio da teoria de Hipótese de Relação Temática, a relação dos significados conceituais, de seus respectivos campos semânticos, com os significados espaciais de base.

Palavras-Chave: Polissemia de preposições. Experiência Corporificada. Esquemas Imagéticos. Campos semânticos. Hipótese de Relação Temática.

ABSTRACT

This work employs Jackendoff's localist approach (1983; 1992) to advance a proposal for a description of the polysemy of prepositions "from" and "to" in Brazilian Portuguese. According to our research, prepositions "from" and "to" can be considered polysemic items, given that each of these prepositions, individually, can attribute different meanings to its object of reference and these meanings can be cognitively related by a spatial-conceptual representation of trajectory. According to Ilari *et al.* (2008), the prepositions "from" and "to" occupy the origin and the final positions, respectively, in a spatial trajectory of the horizontal axis. However, the basic use of these prepositions, that is, the one in which we are able to interpret a meaning directly related to a physical space, can be extended to other meanings that can be conceptually interpreted as spatial. For a metaphoric interpretation of the imagetic scheme of the trajectory, Jackendoff (1983; 1992) proposes the Thematic Relation Hypothesis, according to which the spatial-conceptual spaces of prepositions can be explained through distinct semantic fields. This possibility of extension for spatial-conceptual meanings is based on the embodied experience of the speakers, because when we interpret conceptually a lexical item, we state that the real world furnishes us a substratum for our sensorial perceptions and for the conceptualizations that follow from it. Through this experience we unconsciously build structural experiences of meanings that are imagetic schemes, and metaphoric projections (JOHNSON, 1987). Thus, we hypothesize that the different meanings established by prepositions "from" and "to" can be related among themselves, that is, they have the same image scheme, corroborating the idea of a polysemy for these prepositions. We propose that through embodiment the speaker is able to extend cognitively the meaning of a lexical item to other conceptual meanings, that is, the basic spatial use of a preposition can be extended to metaphoric uses whose interpretation, of a spatial character, can be recovered through the semantic fields proposed by Jackendoff (1983; 1992). The semantic fields we shall deal with in this work are: Temporal, Possessional, Identificational, Circumstantial and Existential. Thus, we establish as the goals of our research as follows: a) to present the meaning relations established by prepositions "from" and "to"; b) to present the cognitive process of the embodied experience; c) to present the imagetic scheme of these two prepositions and d) the connection of non-spatial semantic fields, of the semantic relations of these prepositions, within a localist approach. As our research methodology, we will analyze the semantic relations of Brazilian Portuguese sentences in which prepositions "from" and "to" establish meaning relationships, trying to identify, through the theory of the Thematic Relation Hypothesis, the relation of conceptual meanings, their respective semantic fields, with special base meanings.

Key-words: Polysemy of prepositions. Embodied experience. Imagetic schemes. Semantic fields. Thematic relation hypothesis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
-------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

O comportamento das preposições ‘de’ e ‘para’ no português brasileiro	15
1.1 As preposições ‘de’ e ‘para’ na visão prescritivista.....	16
1.1.1 Conceito	17
1.1.2 Organização em classe	18
1.1.3 Função gramatical das preposições ‘de’ e ‘para’	19
1.1.4 Conteúdo Semântico	20
1.2 A preposições ‘de’ e ‘para’ pelos estudos linguísticos	24
1.2.1 Conceito	25
1.2.2 Organização em classe	26
1.2.2.1 Gramaticalização das preposições	28
1.2.3 Função Gramatical e Função Semântica.....	32
1.2.3.1 Preposição Funcional.....	32
1.2.3.2 Preposição Lexical.....	33
1.2.3.3 Atribuição de significados	34
1.2.4 Conteúdo Semântico	36
1.2.5 A preposição ‘de’ e ‘para’ sob a ótica da linguística cognitiva	40
1.2.5.1 A preposição e sua representação espacial	43

CAPÍTULO 2

A polissemia e a representação espacial das preposições ‘de’ e ‘para’	48
2.1 A polissemia: Uma proposta para a expansão de significados das preposições ‘de’ e ‘para’	49
2.2 A ideia de trajetória espacial e a experiência corporificada	59
2.2.1 Os esquemas imagéticos e os processos metafóricos.....	61
2.3 Uma proposta para a representação espacial das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro	64
2.3.1 Os campos semânticos e a Hipótese de Relação Temática	70

CAPÍTULO 3

A representação espacial das preposições polissêmicas ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro: uma proposta de análise através da Hipótese de Relação Temática.....	75
3.1 Campo Semântico Temporal	76
3.1.1 Campo semântico Temporal: Preposição ‘de’	77
3.1.2 Campo semântico Temporal: Preposição ‘para’	79
3.2 Campo semântico Possessional	81
3.2.1 Campo semântico Possessional: Preposição ‘de’	82
3.2.2 Campo Semântico Possessional: Preposição ‘para’	83
3.3 Campo semântico Identificacional	85
3.3.1 Campo semântico Identificacional: Preposição ‘de’	86

3.3.2 Campo semântico Identificacional: Preposição ‘para’	87
3.4 Campo semântico Circunstancial	89
3.4.2 Campo semântico Circunstancial: Preposição ‘de’	90
3.4.1 Campo semântico Circunstancial: Preposição ‘para’	91
3.5 Campo semântico Existencial	93
3.5.1 Campo semântico Existencial: Preposição ‘de’	94
3.5.2 Campo semântico Existencial: Preposição ‘para’	95
Considerações finais	98
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objeto de estudo a investigação do fenômeno da polissemia em duas preposições do português brasileiro, a saber, as preposições ‘de’ e ‘para’. Inicialmente, acreditamos que essas duas preposições podem ser polissêmicas, pois seus diferentes sentidos podem estar relacionados entre si, através de uma abordagem localista, cuja representação espacial de trajetória corresponderia a ponto de origem, para a preposição ‘de’, e ponto final, para a preposição ‘para’. Segundo a gramática tradicional, sobretudo pautada em uma abordagem prescritivista, as preposições são vocábulos que servem de morfema de relação, subordinando um substantivo a adjunto de outro substantivo ou a complemento de um verbo ou de um nome. Chamamos de regência esse processo de subordinação e apresentamos como respectivos exemplos as seguintes construções: “Livro ‘de’ Pedro”/ “Fugiu ‘de’ mim” (CAMARA, 1996, p. 198). Todavia, as preposições acumulam essa função subordinante com as relações semânticas que carregam. Entre essas relações podemos citar a relação de posse, posição, direção, finalidade, instrumento entre outras. Os significados que essas duas preposições estabelecem, enquanto introdutoras de uma complemento de um verbo ou adjunto, a depender do contexto, são diferentes, porém, através de uma interpretação metafórica, é possível identificar um caráter espacial de trajeto nos usos das preposições ‘de’ e ‘para’, o que caracterizaria uma proposta de polissemia.

As preposições ‘de’ e ‘para’ funcionam como predicadores de espaço, expressando categorias de posição, deslocamento e distância. Segundo Ilari *et al.* (2008), elas atuam respectivamente como ponto inicial e ponto final de percurso dentro de uma trajetória espacial horizontal. No entanto, em dados eventos, elas podem assumir papéis semânticos distintos quando seus sentidos se derivam em função de diferentes processos metafóricos, composição de sentidos e mudança de esquema imagético (CASTILHO, 2010). Dessa maneira, essas preposições podem apresentar sentidos diferentes no que tange à trajetória e ao objeto referente. A trajetória é um dos esquemas imagéticos correspondentes aos usos das preposições, que por sua vez são estruturas da imaginação, resultantes da experiência corporificada do falante (JOHNSON, 1987).

Assim, com o objetivo de investigar o caráter polissêmico dessas duas preposições, propomos analisar as relações semânticas que elas estabelecem para seu objeto de referência, independentemente de sua posição estrutural, ou seja, introdutora de complementos ou

adjuntos, pois acreditamos que essas preposições, estejam elas em posição de complemento ou adjunto de um verbo, apresentam valor semântico ao estabelecer informações de significado desse predicador. Dentro dessa proposta de análise, a preposição tem como função atribuir algum valor semântico entre a figura ou tema e o seu objeto de referência. Essa relação semântica pode possuir um significado de base espacial, ou um significado interpretado conceitualmente como espacial. Por exemplo: ‘Ele me deu um sapato de couro’, a palavra ‘sapato’ é tema do objeto de referência ‘couro’, cuja preposição atribui relação semântica de especificação. No entanto, dentro da abordagem localista de Jackendoff (1983, 1992), um sentido que não seja de base espacial pode ser metaforizado, ou seja, aplicando essa teoria para a interpretação semântica da sentença acima, o sintagma ‘de couro’ representa um ponto de origem (origem do material), que podemos conceptualizar como um ponto inicial de um esquema imagético de trajetória.

Desse modo, um dos motivos que impulsionou nossa pesquisa foi o interesse de investigar as preposições do português brasileiro sob uma perspectiva da semântica lexical, pautada no cognitivismo. Encontramos o tratamento dispensando às preposições, pautado em classificações estruturais, tais como Cunha e Cintra (2008), Rocha Lima (2011), Bechara (2009), Said Ali (1971) entre outros. Há ainda outros trabalhos dedicados às preposições, no âmbito linguístico, no que concerne à posição argumental desses itens, classificação categorial das preposições e processo de construção referencial, tais como Berg (2005), Godoy (2008), Farias (2005), Gonçalves (2008) entre outros. Encontramos alguma evidência de polissemia de preposição em Ilari *et al.* (2008), Castilho (2010), Cançado (2012) e em Oliveira (2009). Todavia, nesses quatro últimos trabalhos, o fenômeno da polissemia não é apresentado de maneira aprofundada, de modo que possamos argumentar a favor do comportamento polissêmico das preposições ‘de’ e ‘para’ sob uma perspectiva localista. Acreditamos que nosso trabalho é relevante por apresentar aspectos dessas duas preposições que até então não foram amplamente explorados. Essas duas preposições, assim como todas as outras, são indispensáveis para a complementação do sentido do predicador ou de um nome, e as informações de significado que as preposições estabelecem em uma sentença vão além das classificações estruturais, merecendo um trabalho investigativo acerca do fenômeno da polissemia e da representação espacial possivelmente inerente nesses itens.

Quando propomos nossa pesquisa, partimos da ideia de que nossa percepção física espacial está muito mais presente no emprego das preposições do que imaginamos. E, dentro

de uma teoria localista, ou seja, de representação espacial, elas podem ser consideradas como itens polissêmicos, pois nossa experiência corporificada cria, em nível conceitual, estruturas imaginativas denominadas esquemas imagéticos ou esquemas de imagem (JOHNSON, 1987) que organizam e sistematizam os significados desses itens, organizando-os em campos semânticos (JACKENDOFF, 1983; 1992). As preposições ‘de’ e ‘para’, por exemplo, pertencem ao esquema imagético de trajetória, ocupando ponto de origem e ponto final respectivamente (ILARI *et al.*, 2008). Embora algumas abordagens teóricas não aprofundem essa proposição, expoentes da semântica lexical, tal como Jackendoff (1983; 1992), nos apontam que os significados que as preposições estabelecem, embora sem apresentar significado espacial de base, são relacionadas através de uma abordagem localista chamada de Hipótese de Relação Temática, que permite, através da interpretação de significados de campos semânticos distintos, uma metaforização ou conceptualização do sentido de base, fazendo com que significados até então diferentes sejam cognitivamente relacionados por meio de uma única representação espacial, ou seja, a de trajetória, corroborando a proposta de polissemia para essas duas preposições. Através dessa proposição, levantamos as seguintes hipóteses acerca da pesquisa que propomos:

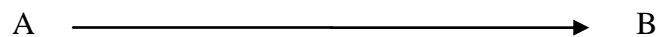
- a) as relações de significado das preposições ‘de’ e ‘para’ podem ter conexão entre si, através do esquema imagético de trajetória, que por sua vez é uma estrutura da imaginação, ou seja, um reflexo da experiência corporificada e do processo natural de economia das línguas;
- b) os significados estabelecidos pelas preposições ‘de’ e ‘para’ podem pertencer a campos semânticos distintos, interpretados conceitualmente como uma mesma representação espacial, através da Hipótese de Relação Temática.

Visando corroborar essas hipóteses, que são, de certo modo, interdependentes, temos como objetivo geral, investigar a natureza da polissemia das preposições ‘de’ e ‘para’, ou seja, quais características lexicais e cognitivas nos permitem propor que essas duas preposições, através de uma abordagem localista, sejam itens polissêmicos. Sendo assim, para chegar ao objetivo principal, temos como objetivos específicos:

- a) apresentar as relações de significado que as preposições ‘de’ e ‘para’ podem estabelecer aos seus objetos de referência;
- b) descrever o processo cognitivo da experiência corporificada, voltada para uma abordagem localista, em que nossa percepção de espaço físico está diretamente presente na influência

criativa de nosso léxico. Desse modo, sugerimos que nossa experiência de mundo pode ser restrita e determinada pela natureza dos corpos que temos, implicando na noção da personificação da experiência. Essa experiência é então projetada em nossa língua, e conseqüentemente, nos fenômenos relacionados a ela, como no caso da polissemia (TYLER; EVANS, 2003) e conseqüentemente na representação locacional dessas preposições.

c) descrever a representação espacial das preposições ‘de’ e ‘para’, buscando apresentar o esquema imagético de trajetória, pautado na experiência corporificada do falante, refletido no uso dessa categoria lexical. O esquema de trajetória apontado por Johnson (1987) e também por Jackendoff (1983, 1992) e Ilari *et al.* (2008) é o exemplo apresentado abaixo, ou seja, uma linha horizontal que representa uma imagem de percurso, percorrendo um extremo a outro, isto é, ponto de origem A e ponto final B:



d) apresentar e descrever os campos semânticos das relações de significados das preposições ‘de’ e ‘para’, de modo que possamos interpretá-los conceitualmente como passíveis de uma representação espacial de trajetória.

Para cumprir aos objetivos do trabalho de investigação, o trabalho será dividido em 3 capítulos. Como faremos uma descrição do comportamento polissêmico das preposições ‘de’ e ‘para’, propomos, no capítulo 1: a) fazer uma retomada das considerações feitas por alguns autores da gramática tradicional, tais como Cunha e Cintra (2008, Rocha Lima (2011) e também por Bechara (2009); e pelos estudos linguísticos embasados por Castilho (2010), Ilari *et al.* (2008) e Neves (2011), buscando elencar o que se apresenta nessas duas abordagens como característico do comportamento linguístico individual dessas preposições, ou seja, o conceito de preposição, a função gramatical e semântica das preposições ‘de’ e ‘para’, bem como o conteúdo semântico apresentado nessas duas funções e seu agrupamento em classe. b) Fazer um levantamento do que se apresenta das preposições ‘de’ e ‘para’ no português brasileiro, a partir de uma perspectiva localista cognitivista.

Segundo a literatura linguística (CASTILHO, 2010; ILARI *et al.*, 2008; NEVES, 2011), as preposições são palavras que podem desempenhar funções *sintáticas* quando tratam da ligação de palavras e de sentenças; funções *semânticas* quando atribuem um sentido geral tangente à localização no espaço; funções *discursivas* quando tratam das construções de

tópico preposicionado em acréscimos de informações e organização textual. Cada preposição tem um sentido de base, de localização espacial ou temporal, por exemplo, deste modo, elas “localizam” no espaço e no tempo os termos que ligam, atribuindo propriedades semânticas às palavras que relacionam (CASTILHO, 2010).

As preposições ‘de’ e ‘para’ indicam movimento no sentido de ponto de origem e ponto final respectivamente. Elas possuem inerentemente uma noção semântica de trajeto; uma trajetória que permite um ponto de partida (preposição ‘de’) e um ponto final (preposição ‘para’). Com o uso, esta preposição passou a noção de base de trajetória a outras noções, tais como espaço, tempo e finalidade. A preposição ‘de’ marca as relações de tempo, espaço e muitas outras em que o “valor espacial de procedência pode ou não exercer algum papel” (ILARI *et al.*, 2008, p. 663).

No capítulo 2, apresentaremos o referencial teórico, aportado em teorias de Semântica Lexical, onde exploraremos a questão da polissemia das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro, descrevendo seus respectivos processos de expansão de significado, a relação com a experiência corporificada, suas representações espaciais de base e metafórica, e a distribuição das relações de significados em campos semânticos não espaciais por meio da Hipótese de Relação Temática. A saber, acreditamos que as relações de significado das preposições ‘de’ e ‘para’ podem estar relacionadas a campos semânticos distintos, tais como: Temporal, Possessional, Identificacional, Circunstancial e Existencial. Essas duas preposições, como veremos, podem assumir mais de um sentido no que concerne aos valores semânticos de lugar, finalidade e trajeto. Nesse capítulo, traremos pressupostos teóricos de Jackendoff (1983, 1992, 1994), Johnson (1987), Tyler e Evans (2003), Fauconnier (2003) entre outros.

No capítulo 3, procederemos às análises de sentenças, buscando identificar e interpretar as relações de significado das construções apresentadas, dentro dos seus respectivos campos semânticos. E, ao estabelecer os campos semânticos dessas relações de significado, buscaremos encontrar, em nível metafórico, uma identificação de cada campo semântico com uma representação espacial de trajetória, em que a preposição ‘de’ seja interpretada como ponto de origem, e a preposição ‘para’ como ponto final. Desse modo, ao estabelecer uma conexão de campos semânticos com a representação espacial, estaremos propondo que essas relações de significados podem ter, metaforicamente, um relação entre si, caracterizando o fenômeno da polissemia.

CAPÍTULO 1

O comportamento das preposições ‘de’ e ‘para’ no português brasileiro

No português brasileiro, as preposições podem ser apresentadas através de duas abordagens distintas: a gramática tradicional e os estudos linguísticos. Sabe-se que os estudos prescritivistas tratam as preposições de uma forma mais limitada, conforme defenderemos neste capítulo, que aquela produzida pelos estudos linguísticos, principalmente no que concerne ao seu reconhecimento categorial e às relações semânticas que elas estabelecem. Por outro lado, vários linguistas se preocupam em estabelecer uma classificação que contemple a natureza híbrida das preposições, buscando relacionar os usos desses itens com suas implicações lexicais, sintáticas, funcionais e cognitivas. Em função desses diferentes tratamentos, mostraremos neste trabalho o que se apresenta das preposições ‘de’ e ‘para’, seja pela gramática tradicional, seja pelos estudos linguísticos, de modo que possamos estabelecer um quadro comparativo do tratamento dispensado às preposições e compreender o nível de complexidade que esses itens estabelecem aos seus complementos/adjuntos dentro de uma sentença. Para ter uma ideia prévia do que estamos abordando, observemos as sentenças a seguir:

1.0 (a) *Qual é o pior horário dessa saída da cidade ‘de’ manhã?* (ILARI *et al.*, 2008, p.663)

(b) *Esse daí não é perigo lá que o Nostradamus falou ‘para’ o ano dois mil?*

(*ibidem*, p.664).

Nas sentenças (1a-b), podemos encontrar diferenças quanto ao trato das preposições ‘de’ e ‘para’. Ao consultarmos Cunha e Cintra (2008) e Rocha Lima (2011), essas preposições seriam apresentadas como elementos que ligam o termo *antecedente* a um *consequente*, estabelecendo relação semântica de tempo. Na perspectiva linguística de Ilari *et al.*, (2008), Castilho (2010), Neves (2011), as preposições ‘de’ e ‘para’ das sentenças acima, são expressões que relacionam a *figura*, localizando-a em um ponto de *referência*, atuando como operadores de predicação, ou seja, segundo a abordagem linguística desses trabalhos, a preposição ‘de’, na posição de adjunto, da sentença (1a) estabelece relação semântica de circunstanciação temporal (NEVES, 2011), enquanto a preposição ‘para’ na sentença (1b),

também em posição de adjunto, atribuiu ao objeto de referência ‘o ano dois mil’ um significado de especificação (NEVES, 2011).

Essa comparação ilustra, de maneira breve, a distinção entre o tratamento dado às preposições pela gramática tradicional e pelas análises linguísticas. Cada abordagem apresenta um método diferente de estudo. Diferente da visão tradicional, os linguistas não definem as preposições como termos de ligação, mas lhe atribuem, ao localizar a figura no objeto de referência, além das funções gramaticais, funções semânticas, ou seja, assumem que preposições estabelecem relações semânticas para os objetos a que fazem referência.

Desse modo, em função da dicotomia do tratamento dado às preposições, faremos primeiramente uma retomada das considerações feitas pelo prescritivismo acerca do tratamento dado à classe das preposições, mas em especial às preposições ‘de’ e ‘para’, buscando elencar o que se apresenta na gramática tradicional como característico do comportamento linguístico individual dessas preposições e de seu agrupamento em classe. Em seguida, veremos o tratamento dado a essas mesmas preposições sob o viés dos estudos linguísticos, buscando apresentar, nessa perspectiva, a sua organização em classe, o conteúdo gramatical e semântico, associadas a essas preposições. Por último, faremos um levantamento dos estudos de descrição e de análise linguística que direta ou indiretamente abordam o comportamento dessas preposições em uma perspectiva da semântica lexical pautada no cognitivismo.

1.1 As preposições ‘de’ e ‘para’ na visão prescritivista

Visando estabelecer um quadro contrastivo do tratamento dispensado às preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro, faremos, nessa seção, um levantamento do comportamento linguístico das preposições ‘de’ e ‘para’ segundo classificações prescritivistas, apresentando: a) o conceito, b) a sua organização em classe, c) sua função gramatical e d) seu conteúdo semântico. Para isso faremos uma exposição de alguns pressupostos de Cunha e Cintra (2008), Rocha Lima (2011), Bechara (2009), Said Ali (1971), entre outros. Todavia, para os dois últimos autores citados, a abordagem das preposições não é apenas prescritiva, como acontece na maioria das gramáticas tradicionais. Bechara (2009) e Said Ali (1971) estudam e descrevem sistematicamente as preposições principalmente como itens semânticos. Eles apresentam e explicam a etimologia de seus usos e os significados que

elas estabelecem ao conseqüente a que fazem referência. Contudo, se compararmos aos estudos linguísticos, veremos que essa última abordagem apresenta estudos mais desenvolvidos e “inovadores” ao tratamento das preposições do português brasileiro, principalmente no que concerne ao fenômeno da polissemia e da representação espacial conceitual desses itens. Desse modo, segue a dicotomia desses tratamentos, de modo que possamos identificar a maneira como cada autor aborda esses itens.

1.1.1 Conceito

Segundo Cunha e Cintra (2008, p. 569), as preposições são “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (conseqüente)”. Na frase: “Todos saíram de casa”, a preposição ‘de’ faz a relação entre o *antecedente* ‘todos’ e o *conseqüente* ‘casa’.

Segundo Bechara (2009):

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência- isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz. (p. 296)

Temos como exemplo a sentença “Aldenora gosta ‘de’ Belo Horizonte”. “A preposição ‘de’ une a forma verbal ‘gosta’ ao termo complementar ‘Belo Horizonte’ para ser o índice da função gramatical preposicionada ‘complemento relativo’”. (ibidem, p. 296).

O emprego desta mesma preposição no sintagma “homem ‘de’ coragem” (ibidem, p. 296) permite:

[...]que o substantivo coragem exerça o papel de adjunto adnominal do substantivo homem - função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um transpositor, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se homem coragem; para que coragem esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo corajoso

(homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor ‘de’: homem de coragem (BECHARA, 2009, p. 296).

Além de estabelecer ligações entre um *referente* e um *consequente*, as preposições também podem receber conceitos acerca de sua forma. Elas podem ser *simples*, quando expressas por um único vocábulo, ou *compostas* (também chamadas de locuções prepositivas), quando expressas por dois ou mais vocábulos (CUNHA; CINTRA, 2008). Na sentença citada anteriormente, “homem ‘de’ coragem”, a preposição está em sua forma simples, já em uma sentença como “apesar de pequeno, este homem tem coragem”, o item ‘apesar de’ é uma locução prepositiva.

As preposições ‘de’ e ‘para’ são consideradas preposições simples e também *essenciais*, pois só “aparecem na língua como preposições” (BECHARA, 2009). Elas são consideradas essenciais para se distinguir das preposições consideradas *acidentais* que “são outras palavras, de outras espécies, que podem figurar como preposições. Neste caso, dizem-se acidentais: exceto, durante, consoante, mediante, fora, afora, segundo, tirante, senão, visto” (ROCHA LIMA, 2011, p. 232).

1.1.2 Organização em classe

Em função das diferentes propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas que as palavras podem assumir, a gramática tradicional estabeleceu uma divisão entre elas, delimitando as que pertencem a uma classe aberta e as que pertencem a uma classe fechada de palavras. Na classe aberta encontramos morfemas lexicais e variáveis, enquanto que na classe fechada, encontramos morfemas gramaticais e invariáveis (CUNHA; CINTRA, 2008).

Na classe aberta, os morfemas são lexicais e variáveis, pois se acredita que através da interface ‘uso’ e ‘convencionalidade’ sempre podemos criar novos morfemas a partir de um já existente, combinando morfemas flexionais ou desinências. Além disso, as palavras pertencentes à classe aberta são as de maior número na língua e ainda carregam significado, permitindo gerar novos vocábulos (ROSA, 2009). Os morfemas pertencentes a esta classe são os substantivos (flexionam em gênero, número e grau), os adjetivos (flexionam em gênero, número e grau), os verbos (flexionam em gênero e número) e advérbios de modo.

As preposições, os artigos, os pronomes, os numerais, as conjunções e os demais advérbios pertencem à classe fechada de palavras, pois são palavras invariáveis que não permitem a criação de novos morfemas, não admitindo a aderência de uma desinência ou de morfemas flexionais (CUNHA; CINTRA, 2008). Outra característica da preposição, apontada por esses estudos, é o fato de não possuir significado, pois enquanto elementos isolados não apresentam sentido algum. Para identificar um sentido é preciso analisar a sentença completa (AZEREDO, 2011).

Deste modo, as preposições são morfemas finitos, pois é improvável a possibilidade de criação de novos morfemas a partir de uma única preposição. Diferente das palavras pertencentes à classe aberta, também não podemos atribuir um caráter flexional de gênero, número e grau nas preposições ‘de’ e ‘para’, por exemplo. Em todos os contextos, elas sempre aparecerão da mesma forma, ou seja, sempre como ‘de’ ou ‘para’, desempenhando apenas sua função conectiva, ligando um antecedente a um conseqüente.

1.1.3 Função gramatical das preposições ‘de’ e ‘para’

Como vimos no decorrer deste capítulo, as preposições ‘de’ e ‘para’ têm como função ligar um referente a um conseqüente, subordinando um elemento a outro elemento, e apresentando o segundo como complemento do primeiro (ROCHA LIMA, 2011). Para a gramática tradicional, quando essas preposições desempenham esse papel de subordinação, executam funções gramaticais diferentes entre elas. A preposição ‘de’¹, por exemplo, tem como função gramatical, segundo Rocha Lima (2011):

1.1 (a) Introduzir complemento relativo de verbo em sentenças como:

João é um garoto exigente, ele só gosta ‘de’ chocolate ao leite.

(b) Iniciar objeto direto preposicional em sentenças como:

Ouvirás ‘de’ todo mundo que eu estava certa.

(c) Expressa relação de ponto de partida ou origem:

Eu sou de Santa Catarina.

(d) Reger verbos no infinitivo que formam conjugações perifrásticas em sentenças como:

¹ Os exemplos utilizados nos itens 1.1 e 1.2 são sentenças adaptadas das obras de Rocha Lima (2011) e de Bechara (2009).

Ele simplesmente parou ‘de’ falar.

Assim como a preposição ‘de’, a preposição ‘para’ também executa funções gramaticais. Esta preposição tem como tarefa (ibidem):

1.2 (a) Introduzir objeto direto em sentenças como:

Esse presente é ‘para’ mim.

(b) Ser utilizada em construções sentenciais como:

Ele não nasceu ‘para’ esse trabalho.

(c) Introduzir oração de forma subordinada, cujo sentido é independente da oração principal, em sentenças como:

Ele chorou ‘para’ não apanhar.

Conforme vimos, as preposições ‘de’ e ‘para’ desempenham funções gramaticais distintas entre si. E, além dessas funções, essas preposições também apresentam conteúdo semântico quando ligam um referente a um conseqüente, como veremos a seguir.

1.1.4 Conteúdo Semântico

Segundo Bechara (2009) “cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre coisas e da nossa experiência de mundo” (p. 298). Do ponto de vista semântico, podemos dividir as preposições em dois campos: “um que se caracteriza pelo traço ‘dinamicidade’ (física ou figurada), e outro em que os traços de noções ‘estáticas’ e ‘dinâmicas’ são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo” (ibidem, p. 298-9).

As preposições ‘de’ e ‘para’ pertencem ao primeiro campo, aquele caracterizado pelo traço da dinamicidade física ou figurada. Contudo, de modo a apresentar o caráter dinâmico dessas preposições, é proposta uma divisão em grupos para este campo, classificando as propriedades de movimento destas preposições. Assim temos os grupos: (i) movimento de aproximação ao ponto de chegada e (ii) movimento de afastamento (BECHARA, 2009). O primeiro grupo se divide em subgrupos: a) noção de *chegada ao limite* e b) noção de *mera direção*. O segundo grupo se divide em subgrupos: a) origem e b) afastamento. A preposição ‘para’, por exemplo, pertence ao subgrupo que apresenta a ideia de *mera direção*. Podemos observar essa noção de percurso na sentença “João foi para o trabalho”, em que a preposição

‘para’ representa uma dada trajetória até um ponto final, neste caso ‘o trabalho’. Por outro lado, a preposição ‘de’ pertence ao subgrupo de *origem*, em que ‘de’ representa o ponto de partida de uma dada trajetória. Na sentença “Maria veio ‘de’ São Paulo”, a preposição ‘de’ representa a origem do percurso feito por Maria.

No latim, a preposição ‘de’ exprimia o afastamento no sentido *de cima para baixo*, e para indicar o afastamento no sentido horizontal utilizava-se a preposição ‘ab’. No entanto, como estas duas preposições confundiam-se no que concerne à prática de movimentos, segundo linhas mais ou menos inclinadas, o sentido distinto entre os extremos vertical e horizontal se desfaziam. Deste modo, a preposição ‘de’ acabou substituindo ao longo do tempo a preposição ‘ab’ do latim (SAID ALI, 1971).

Segundo a gramática tradicional, a preposição ‘de’ indica movimento, um “afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem. As noções de causa, posse, etc., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto” (CUNHA; CINTRA, 2008 p. 582). Outro exemplo de sentença com a preposição ‘de’, dando ideia de *movimento*, temos em “Todos saíram ‘de’ casa” (CUNHA; CINTRA, 2008 p. 570). Nessa sentença, a preposição ‘de’, em posição de adjunto, estabelece uma relação semântica de origem para o conseqüente ‘casa’, em que o verbo ‘sair’ faz a indução de um movimento. Além de movimento, esta mesma preposição também apresenta ideia de situação, em sentenças como: “Chorava ‘de’ dor” (ibidem, p. 570). Dessa maneira, o valor de *movimento* e *situação* “podem ser considerados com referência ao ESPAÇO, ao TEMPO e à NOÇÃO” (ibidem, p. 571). Para Cunha e Cintra (2008), a preposição ‘de’² por exemplo, estabelece as seguintes relações semânticas nas sentenças abaixo:

1.3 (a) Espacial:

João veio ‘de’ Mato Grosso.

(b) Temporal:

Ele partiu ‘de’ manhã.

(c) Nocional:

Maria veio me visitar e falou ‘de’ você a tarde toda.

Nos casos acima a preposição ‘de’:

² Os exemplos a seguir, do item 1.3, são sentenças adaptadas de Cunha e Cintra (2008).

[...] relaciona palavras à base de uma ideia central: “movimento de afastamento de um limite”, “precedência”. Em outros casos, mais raros, predomina a noção daí derivada, de “situação longe de”. Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento (ibidem, p.571).

Rocha Lima (2011) propõe outros tipos de relações, com valor semântico específico. No entanto, a ideia de *tempo*, *espaço* e *noção* também podem ser identificadas em algumas relações semânticas. Segundo a proposta do autor, a preposição ‘de’³ estabelece relações, nas sentenças a seguir, de:

1.4 (a) Ponto de partida:

João veio ‘de’ sua casa.

(b) Procedência:

É uma semente ‘de’ rosa.

(c) Causa:

Cansado ‘de’ cantar ele abandonou a carreira artística.

(d) Efeito:

Ele tem dor de cabeça, mas não é ‘de’ trabalhar.

(e) Assunto:

Agora vamos falar ‘de’ amizade eterna.

(f) Meio e instrumento:

João vivia ‘de’ doações.

(g) Modo:

Ele me olhou ‘de’ lado para não ser percebido.

(h) Agente da passiva:

Carlos quis consolar sua amiga Laura, cabisbaixa ‘de’ intensa tristeza.

Como vimos, a preposição ‘de’ estabelece diferentes relações semânticas para seus consequentes. Apesar das diferenças entre Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2008), podemos encontrar um ponto de intersecção entre os autores, como por exemplo, a relação semântica com significado espacial. Com a preposição ‘para’ não é diferente. Segundo Cunha e Cintra (2008), a preposição ‘para’, assim como preposição ‘de’, indica movimento: “uma

³ Os exemplos utilizados no item 1.4 são sentenças adaptadas de Rocha Lima (2011).

tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de ‘a’ por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento” (p. 587). Essa noção de movimento se aplica aos mesmos contextos citados por Cunha e Cintra (2008) anteriormente, ou seja, o espaço, o tempo e a noção. Segundo proposta destes gramáticos, o emprego da preposição ‘para’⁴ nas sentenças a seguir, expressa relação:

1.5 (a) Espacial:

Ele não queria viajar ‘para’ Chapecó.

(b) Temporal:

Ele deixou a leitura ‘para’ o dia seguinte.

(c) Nocional:

Eles me deram um computador ‘para’ eu digitar os textos escritos.

Como mencionamos anteriormente, as relações semânticas apresentadas por Cunha e Cintra (2008) são diferentemente tratadas por Rocha Lima (2011). Observamos esta distinção de abordagem no emprego da preposição ‘de’ e também observaremos no uso da preposição ‘para’. Rocha Lima (2011) aponta que a preposição ‘para’ expressa, nas seguintes sentenças, relações de:

1.6 (a) Local para onde:

Foi ‘para’ Buenos Aires que ele se mudou.

(b) Direção:

Ele foi ‘para’ o norte do país.

(c) finalidade:

Ele ficou em casa ‘para’ ajudar o pai na faxina.

(d) Consequência:

Essa bolsa é muito pequena ‘para’ carregar suas coisas.

Embora Rocha Lima (2011) estabeleça relações distintas de Cunha e Cintra (2008), podemos observar que existem correlações nos usos da preposição ‘para’. Os significados existentes nas relações expressas pelos autores são semelhantes em sua natureza temporal, espacial e nocional. Essas três noções são encontradas nas duas abordagens. Outro ponto a

⁴ Os exemplos utilizados nos itens 1.5 e 1.6 foram adaptados da obra “Nova gramática do português brasileiro”, de Cunha e Cintra, 2008.

destacar nos exemplos acima é a extensão de sentidos que as preposições ‘de’ e ‘para’ podem apresentar, ou seja, individualmente, essas duas preposições, a depender do contexto, estabelecem diferentes relações semânticas para seus consequentes. No entanto, é necessária uma classificação para determinar suas funções no discurso e na formação de sentença. E, em razão dos significados possíveis que essas preposições podem assumir, através das diferentes sentenças apresentadas, podemos concluir que:

Embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional (CUNHA; CINTRA, 2008 p. 572).

Deste modo, as diferentes abordagens acerca do comportamento semântico das preposições ‘de’ e ‘para’ não são obstáculos para a compreensão do emprego dessas preposições, pois esses itens, de uma forma ou de outra, estarão presentes no contexto espacial e/ou temporal e/ou nocional, estabelecendo relações semânticas diferentes, a depender de cada contexto de uso. Nos itens a seguir, veremos o tratamento dado às preposições ‘de’ e ‘para’ pelos estudos linguísticos, seguindo a mesma classificação: conceito, organização em classe, função gramatical e conteúdo semântico. Buscamos, através das apresentações até então feitas e das que se seguirão, encontrar os diferentes significados que estas preposições podem assumir e como os valores semântico e gramatical são considerados.

1.2 A preposições ‘de’ e ‘para’ pelos estudos linguísticos

Nesta seção, poderemos compreender um pouco mais acerca do comportamento linguístico das preposições, em especial ‘de’ e ‘para’. O conteúdo que será exposto a seguir, sob a ótica dos estudos linguísticos, trará o conceito, a sua possível organização em classe, sua função gramatical, função semântica e conteúdo semântico que estas preposições estabelecem aos elementos que elas relacionam. Nessa seção, dedicada à abordagem linguística das preposições ‘de’ e ‘para’, trataremos, sobretudo, do comportamento semântico dessas duas preposições, principalmente no que concerne a sua posição estrutural e sua natureza cognitiva.

1.2.1 Conceito

O termo preposição foi originário das palavras latinas *prae* e *positio*, as quais deram origem à composição *praepositio* que significa posicionar à frente. Em um sintagma preposicional, a preposição é sempre a primeira palavra, podendo estar ligada a verbos, substantivos, adjetivos e pronomes (ILARI *et al.*, 2008).

Segundo Ilari *et al.* (2008), juntas, as preposições ‘de’ e ‘para’ são as mais usadas pelos falantes. Na ordem quantitativa, percebeu-se que as preposições apresentam percentuais de uso desiguais. No total de 5.215 ocorrências registradas, referentes ao uso das preposições, a preposição ‘para’ ocupa 12% deste montante e a preposição ‘de’ 31%. Portanto estas duas preposições representam 43% do total de todas as outras preposições utilizadas, nos dados que integram o estudo.

Conforme vimos no início deste capítulo, o prescritivismo atribuiu às preposições uma função de predicação, pois as preposições seriam palavras invariáveis que basicamente fazem relação a dois termos da sentença, um antecedente e um conseqüente. E, de acordo com as análises linguísticas, as preposições localizam no espaço e no tempo os termos que ligam.

[...] localizar um objeto ou um evento é sempre relacioná-lo com outro objeto ou evento; em outras palavras, a operação de localização espacial só pode ter sucesso se, além do objeto que queremos localizar espacialmente, nos referirmos a um segundo objeto que é então tomado como ponto de referência. Isso é uma condição necessária da localização espacial, independentemente do eixo em que é feita e da classe morfossintática a que pertencem às palavras que a expressam (ILARI *et al.*, 2008, p. 670).

Desse modo, assim como assume a gramática tradicional, as preposições atuam como *operadores de predicação* (CASTILHO, 2010, p. 584). Na gramática funcionalista de Castilho (2010), cada objeto ou evento localizado pela preposição é chamando de *Figura*, e cada objeto ou evento que a essa figura é relacionado é chamado de *Ponto de referência*, ou até mesmo *Objeto de referência* (JACKENDOFF, 1983, 1992). Fazendo um contraponto com a gramática tradicional, o termo *Figura* seria o equivalente ao termo *antecedente* e o *ponto de referência*, ao termo *conseqüente*.

De modo geral, a preposição localiza a Figura: (i) em lugares precisos e em estados de coisa dinâmicos, considerando um percurso hipotético, tais como

o ponto inicial do percurso, o segmento medial do percurso, o ponto final do percurso; (ii) em lugares precisos e em estados estáticos, tais como em cima/embaixo, à frente/atrás, à direita/ à esquerda; (iii) em lugares imprecisos, tais como dentro/ fora, longe/perto, ausência/ copresença. (CASTILHO, 2010 p. 585).

Na relação *figura x ponto de referência*, as preposições ‘de’ e ‘para’ podem interferir em diferentes construções sintáticas, ou seja, quando essas preposições fazem relação entre um substantivo, adjetivo, advérbio ou verbo, elas podem se completar a estes itens lexicais de forma essencial, ou acessória (ILARI; BASSO, 2007), isto é, essas preposições podem, respectivamente, ser complementos de um predicador ou adjunto e, a depender destas relações, podemos obter funções gramaticais ou semânticas.

As preposições ‘de’ e ‘para’ também podem unir-se a outros elementos sintáticos, formando novas palavras. Como exemplo de contração da preposição ‘para’ com os artigos definidos ‘a’ e ‘o’ e os artigos indefinidos ‘uma’ e ‘um’, temos as seguintes novas construções: pra (para+ a), pro (para + o), pruma (para + uma) e prum (para + um). Na união da preposição ‘de’ com os artigos definidos ‘a’ e ‘o’ e os artigos indefinidos ‘uma’ e ‘um’ temos: da (de + a), do (de + o), duma (de + uma) e dum (de + um). (ILARI *et al.*, 2008 p. 645).

1.2.2 Organização em classe

A gramática tradicional trata a preposição como uma classe fechada de palavras. O termo “fechada” serve para classificá-la como classe que não permite criação de novos morfemas. Além disso, não há flexão de gênero, número e grau. Para Ilari *et al.* (2008), “o caráter fechado das classes de palavras é de alguma forma uma representação criada pelas gramáticas, e há nisso um círculo vicioso”. Esses autores apontam que a estabilidade até então encontrada nas “classes fechadas” nem sempre se apresentou dessa maneira, como mostra a gramática hoje. As preposições “nem sempre foram como são hoje [...] essas classes sofreram e sofrem mudanças, com a saída de membros antigos e a incorporação de membros novos” (ibidem, p. 629), porém de maneira lenta. Classificar como “fechada” estabelece limites à classe das preposições, impossibilitando acréscimo de itens novos. Desse modo, Ilari *et al.* (2008) propõem uma moderação na noção de ‘classe fechada’, sugerindo pensar na divisão entre classe aberta e classe fechada “ não como uma questão de tudo ou nada, mas em termos

graduais: as classes abertas têm *alta* possibilidade de criação, e as fechadas, *baixa* possibilidade” (p. 630).

A classificação acerca da classe fechada das preposições decorreu em função da divisão entre o funcionamento das preposições, pronomes, artigos entre outros, tidos como classes fechadas, e os verbos, os substantivos, adjetivos entre outros, tidos como classe aberta. Ser uma classe fechada, para a gramática normativa, significa que as preposições não podem receber novos constituintes, ou seja, diferentemente dos substantivos, novas preposições não são criadas a todo o momento. No entanto, apesar de não receberem novos itens, elas podem cair em desuso, por exemplo. Segundo Ilari *et al.* (2008), algumas preposições sofreram modificações no decorrer dos anos, embora essa mudança seja muito mais lenta e menos perceptível. Como exemplo de mudança, Ilari *et al.* (2008) apresentam o movimento de redução de classe, em que as preposições “ante”, “perante”, “pós” e “trás” são exemplos de elementos que caíram em desuso (p. 630).

Na classe fechada, as palavras possuem uma morfologia muito particular, pois não são utilizadas como afixos ou desinências e também não passam por processos de flexão como os verbos e nem derivação como os substantivos. Dadas essas características, os membros pertencentes à classe fechada, como no caso das preposições, acabam recebendo a denominação de palavras invariáveis, pois “não entram em processos de flexão ou derivação, nem são utilizada como ‘instrumentos’ dos processos morfológicos, isto é, como sufixos ou desinências” (ibidem, p. 631). Diferentemente da classe fechada, a classe aberta apresenta processos morfológicos “ricos” (ibidem), facilitando a identificação das palavras que “pertencem” a esta classe, como por exemplo, a terminação dos verbos, as desinências e afixação dos substantivos.

Para alguns autores, como Ilari *et al.* (2008), as palavras que englobam a classe fechada apresentam funções básicas na arquitetura de nossa língua, e isso significa que conhecer essas funções é conhecer um pouco da estrutura desta mesma língua. A função básica da preposição é localizar objetos ou eventos no espaço (ILARI *et al.*, 2008), e esse espaço pode ser representado na sentença literalmente ou metaforicamente. Através das preposições, é possível estabelecer uma relação de localização no espaço, por exemplo: i) “João é de Chapecó”, ii) “Esse livro é da Maria”. Na sentença *i*, a preposição ‘de’ localiza ‘João’ no espaço ‘Chapecó’. Já na sentença *ii*, a relação espacial é apresentada de modo conceitual, em que a figura ‘livro’ é relacionada, conceitualmente, ao campo semântico

Possessional ‘Maria’, através da preposição ‘de’, ou seja, o objeto referente ‘Maria’ é o ponto de origem em uma trajetória imaginária. Abordaremos com maiores detalhes esse fenômeno nos próximos capítulos.

1.2.2.1 Gramaticalização das preposições

Em função dos diferentes sentidos, que uma preposição pode assumir em determinados contextos e do processo lento de variações em sua forma linguística ao longo do tempo e do uso, podemos dizer que as preposições também são passivas de um processo chamado de gramaticalização. Esse processo “se dá ao longo do tempo, através do qual um item lexical sofre alterações em sua combinatória e em sua forma, até se transformar, no limite, em um morfema” (ILARI *et al.*, 2008 p. 633). Segundo Castilho (2010), os processos de gramaticalização das preposições podem ser: (i) recategorização de outras classes, (ii) regramaticalização de preposições já existentes e (iii) desaparecimento de preposições.

Na recategorização de outras classes, temos recategorização de substantivos em preposições complexas. “Designação de partes do corpo humano são frequentemente gramaticalizadas como preposições complexas [...]. Isso ocorreu ‘com frente’ > ‘frente’, em ‘à frente de’ e ‘testa’ [...] em ‘à testa de’”. (CASTILHO, 2010, p. 589). Na recategorização de verbos “as formas nominais do verbo podem recategorizar-se como preposições, como ‘exceto’, ‘salvo’, ‘durante’, ‘mediante’” (ibidem, p. 589). E, além de substantivos e verbos, temos a recategorização de numerais em preposições. O numeral ‘segundo’ é empregado também como preposição, assim como vemos na sentença: “Segundo as testemunhas, o ladrão teria saltado o muro.” (ibidem, p. 589).

Outro processo de gramaticalização das preposições é a *regramaticalização*. Neste processo, as preposições combinam-se com outras quando vão se tornando opacas quanto à representação do espaço (CASTILHO, 2010). Como exemplo desse processo, temos a preposição ‘com’ do português “em que tivemos do latim ‘mecum’ > para o português arcaico ‘migo’ > para o português moderno comigo, em que ‘com’ é repetido” (ibidem, 2010 p. 590).

No processo de gramaticalização que envolve o desaparecimento das preposições, uma preposição acaba sendo substituída por outra ao longo do tempo. Antes da substituição, elas convivem por um período de tempo (CASTILHO, 2010) até que uma delas acaba sendo mais utilizada e adotada pelas comunidades de fala. Como exemplo, temos no português brasileiro

a preposição ‘a’ que aos poucos vem desaparecendo. “O desaparecimento progressivo de ‘a’ deve explicar as dificuldades atuais em operar com a questão da crase, tanto quanto as flutuações na transitividade de verbos como agradecer, que de transitivo indireto caminha para transitivo direto.” (ibidem, p.590). Como exemplo do processo de substituição da preposição ‘a’, temos uma sentença extraída por Castilho (2010) do jornal Folha de São Paulo: “Não respondo aos insultos e aos elogios, que chegaram em partes iguais. Ignoro os primeiros ‘e agradeço os segundos’” (ibidem, p. 590).

As preposições ‘a’, ‘de’, ‘com’, ‘em’ e ‘para’ são as preposições que mais refletem esse processo, principalmente por serem as mais utilizadas entre os falantes e, portanto, mais suscetíveis a variações, isso porque elas “podem realizar tarefas mais tipicamente gramaticais” (ibidem, p. 633) na construção argumental do português brasileiro.

As preposições ‘de’ e ‘para’, que abordamos neste trabalho, são altamente gramaticalizadas e frequentes. A preposição ‘de’ “marca relações de espaço, tempo e muitas outras em que o valor espacial de procedência pode ou não exercer algum papel” (CASTILHO, 2010, p.663). Isso acontece em casos como o partitivo. Temos como exemplo as seguintes sentenças:

1.7 (a) *Quando chega um cara ‘do’ Rio, era essa fama: o cara é carioca, é sem vergonha.* (ibidem, p. 663).

(b) *Qual é o pior horário dessa saída da cidade ‘de’ manhã?* (ibidem, p. 663).

(c) *Eu acho que um pouquinho ‘da’ minha/ minha revolta contra isso tudo, vem daí.* (ibidem, p. 663).

Na preposição ‘para’, “a noção de trajeto que lhe é inerente passou naturalmente do espaço para o tempo e a finalidade, além de outros tipos de relações” (CASTILHO, 2010, p. 664). Temos como exemplo as seguintes sentenças:

1.8 (a) *Fiz uma viagem daqui ‘pra’ Camaçari que parecia que eu tinha ido quase a Feira de Santana* (ibidem, 664).

(b) *Esse daí não é perigo lá que o Nostradamus falou ‘para’ o ano dois mil?* (ibidem, p. 664).

(c) *O estudante, quando não é bom estudantes, usa certos meios ‘pra’ se safar e sair bem* (ibidem, p.664).

Alguns gramáticos afirmavam que as preposições são palavras vazias de sentido (CASTILHO, 2010), pois possuiriam significado apenas em um contexto sentencial. Segundo

Ilari *et al.* (2008), a concepção equivocada sobre a ausência de sentido das preposições poderia ser chamada de “transposição de esquema sem motivação aparente” (ibidem, p. 632), que significa “que não é qualquer preposição que pode combinar-se com qualquer verbo, substantivo, adjetivo etc., porque há uma motivação, ainda que atualmente ‘invisível’, por trás dessa combinação” (ibidem, p.632). Como exemplo de motivação invisível explicitada por estes mesmos autores, temos a preposição ‘de’ que sempre acompanha o verbo *gostar*. Além desse verbo, há outros verbos, tais como *necessitar*, *precisar*, que também exigem a preposição ‘de’ como introdutora de complemento. Nesses casos, as preposições são inerentes ao verbo (CANÇADO, 2003). Por exemplo:

1.9 (a) *Eu gosto/preciso/necessito ‘de’ chocolate.*

(b) * *Eu gosto/ preciso/ necessito ‘para’/ ‘em’ chocolate.*

No exemplo acima, os verbos *gostar*, *precisar* e *necessitar* requerem a preposição ‘de’ para que seu significado se sature. Conceptualizando o significado, a preposição ‘de’ demarca a origem do ‘gosto’ e da ‘necessidade’, localizando o evento ‘gostar’ e ‘necessitar’ no objeto de referência *chocolate*.

Castilho (2010) afirma que, para cada preposição, podemos identificar um sentido, seja ele de base espacial ou outros que podem ser conceptualizados. Muitas vezes esse sentido não nos é claro; no entanto, quando nos deparamos com os diferentes significados presentes nas frases abaixo, percebemos que as preposições podem atribuir relações semânticas distintas quando relacionadas aos seus objetos de referência:

1.10 (a) *Cheguei ‘de’ Recife* (CASTILHO, 2010, p. 584);

(b) *Cheguei ‘em’ Recife* (ibidem, p. 584);

(c) *Você está rindo ‘pra’ mim ou está rindo ‘de’ mim?* (ibidem, p.584).

Nas sentenças *a* e *b*, os elementos relacionados pelas preposições ‘de’ e ‘em’, ou seja, a figura e o objeto de referência, são basicamente os mesmos, no entanto, são estas preposições que atribuem valores semânticos diferentes. Em (a), a preposição ‘de’ indica ‘deslocamento’ de um lugar para outro, ou seja, ele chegou de ‘Recife’. Nessa sentença, a preposição ‘de’ estabelece a relação semântica de origem entre a figura e o objeto de referência. Na sentença (b), a preposição ‘em’ indica descolamento, atribuindo relação semântica de ponto final ao objeto de referência ‘Recife’. Já na sentença (c), a preposição ‘de’ estabelece relação semântica de direção entre a figura e o objeto de referência ‘rindo’ e ‘mim’. Diferentemente do exemplo 1.9, nas sentenças em 1.10, as preposições não são inerentes, ou seja, não existe

uma ‘motivação invisível’ que exija somente uma única preposição para a saturação do significado do verbo, pelo contrário, o verbo ‘chegar’ permite diferentes preposições como introdutoras do argumento ‘Recife’, por exemplo, ‘de’ e ‘em’; todavia, os significados estabelecidos, a depender da preposição empregada, são diferentes.

Em função dos sentidos que essas duas preposições podem estabelecer, alguns autores, tais como Berg (2005), propuseram uma divisão, no que concerne aos sentidos das preposições. Essa divisão consiste em dividir as preposições do português brasileiro em dois grupos, aquelas que possuem sentido forte, e aquelas que possuem sentido fraco. Como preposição de sentido forte, temos a preposição ‘sem’ e ‘até’. Seu sentido é considerado forte, pois esses itens não precisam de um contexto para ser compreendido como a ideia de “ausência” e “ponto limite” respectivamente. Já as preposições fracas precisam de um contexto para que seu sentido seja apreendido.

“Essas possuem um rol maior de significados (mais de um sentido), que são previsíveis, especificados dentro do contexto sentencial, como no caso de palavras ambíguas. Por exemplo, a preposição *de* tem uma lista de sentidos especificados em sua entrada lexical: origem (*Eu adquiri esse imóvel de Maria*); tempo (*Saí de madrugada*); matéria (*Daniel fez sua cama de madeira*); instrumento (*Roberto me viu de luneta*); causa (*Roberto morreu de fome*); modo (*Ele andou de joelhos*); etc. Não conseguimos estabelecer um único sentido para ela, quando fora da sentença. Quando ela é inserida em um contexto específico, um dos seus sentidos é escolhido para compor o sentido da sentença” (BERG, 2005, p. 25-6).

Assim, apresentamos abaixo exemplos que corroborem a afirmação acima:

1.11 *Maria foi ‘de’ avião para Mato Grosso.*

Nessa sentença, a preposição ‘de’, já contextualizada, estabelece um significado de modo, e ao estabelecê-lo, a preposição adquire um sentido pleno dentro da sentença. Desse modo, se trocarmos de preposição, conseqüentemente o significado será diferente. Nos exemplos a seguir, veremos que a preposição também é responsável pela atribuição de sentido, identificamos isso ao substituir as preposições:

1.12 (a). *João foi ‘sem’ avião/ ‘com’ avião/ ‘no’ avião para Mato Grosso*

(b). *Eu fiz isso ‘com’/ ‘em’/ ‘por’/ ‘para’ Maria.*

As preposições ‘de’ e ‘para’ podem estabelecer diferentes significados, a depender do contexto, por isso elas podem ser consideradas fracas, pois seus significados somente são identificados a partir de uma determinada situação sentencial. Todavia, a divisão forte x fraca

ainda pode ser vista em termos graduais, visto que algumas preposições, dentre as que pertencem à classificação de sentido fraco, têm maior número de significados que outras. Para Berg (2005):

[...] quanto mais forte é a preposição, menos variedade de sentidos ela porta, ao passo que, quanto mais fraca é a preposição, mais variedade de sentidos ela apresenta. Não há, na literatura, uma terminologia precisa para falar dos sentidos das preposições, por isso usamos termos como “objeto ou fato ao qual se faz referência”, “tempo”, “espaço”, etc . (p. 45).

As preposições ‘de’ e ‘para’, enquanto preposições de sentido fraco, apresentam, como veremos nas próximas seções, uma considerável diversidade de significados, no que tange aos seus objetos a que fazem referência, tais como ideia de espaço, tempo, instrumento, causa, finalidade entre outros.

1.2.3 Função Gramatical e Função Semântica

Tendo em vista a divisão entre o grupo das preposições de sentido forte x fraco, veremos como elas se comportam enquanto categoria. Segundo algumas classificações linguísticas, tais como Cançado (2009), Berg (2005) e Franchi (2003), as preposições, a depender de sua posição estrutural, podem desempenhar funções funcionais ou lexicais, sem, todavia, apresentar ausência de significado.

1.2.3.1 Preposição Funcional

As preposições funcionais são aquelas preposições que encabeçam os argumentos acarretados pelos verbos. Essas preposições não atribuem papéis temáticos, entretanto, partimos da afirmação de “que elas têm sentido e que seus sentidos têm que ser compatíveis semanticamente com o papel temático dos argumentos acarretados pelo verbo predicador” (BERG, 2005, p. 52). Nessa relação, a preposição estabelece um significado ao relacionar uma figura, representada por um evento ou estado do verbo, ao objeto que este faz referência. Por exemplo:

1.13 (a) *João veio ‘de’ Paris ontem.*

(b) *João foi ‘para’ Paris ontem.*

Nessa sentença, as preposições ‘de’ e ‘para’ encabeçam o argumento dos verbos: ‘Paris’, atribuindo a esse último um significado de origem e meta, respectivamente, entre o evento ‘ida’ e ‘vinda’ e o objeto de referência ‘Paris’. Essa relação de significação é compatível com a semântica dos verbos ‘ir’ e ‘vir’, que em um sentido base denota movimento de um ponto de partida e ponto final. Mas, ainda há situações em que a preposição é inerente ao verbo (Cançado, 2003), como é o caso dos verbos que citamos anteriormente: ‘gostar’, ‘precisar’ e ‘necessitar’, que na maioria das vezes requerem a preposição ‘de’ como introdutora de complemento. Observe nos exemplos a seguir que a troca da preposição ‘de’ por outra qualquer desencadeia uma má formação na sentença:

1. 14 (a) *Maria gosta ‘do’ café com bastante açúcar.*

(b) **Maria gosta ‘com’/ ‘sem’/ ‘para’/ ‘em’ café com bastante açúcar.*

1. 15 (a) *Eu preciso/necessito ‘de’ ajuda no trabalho acadêmico.*

(b) ** Eu preciso/necessito ‘com’/ ‘sem’/ ‘em’ / ‘por’ / ‘para’ ajuda no trabalho acadêmico.*

Como pudemos observar nas sentenças acima, a preposição ‘de’ parece ser inerente aos verbos ‘gostar’, ‘precisar’ e ‘necessitar’. Todavia, assim como mencionamos na última seção, elas apresentam relações de significados, pois mesmo as preposições inerentes “não são destituídas de sentido” (BERG, 2005, p. 55), já que o sentido das preposições inerentes deve ser compatível com os objetos a que fazem referência. Desse modo, para depreender os significados estabelecidos por essa preposição é preciso recorrer a uma interpretação metafórica que nos permita identificar uma noção de ponto de origem em uma trajetória conceptual. No exemplo 1.13, os verbos ‘ir’ e ‘vir’ facilitam a compreensão dos significados atribuídos pelas preposições ‘de’ e ‘para’, ou seja, um significado espacial. Todavia, o verbo ‘gostar’, ‘necessitar’ e ‘precisar’ não apresentam um significado de base espacial. E, para interpretá-los como tal, recorreremos à metáfora para compreender que a preposição ‘de’, nesses três verbos, pode possuir uma noção de ponto de origem ao especificar a natureza desses estados.

1.2.3.2 Preposição Lexical

Outra função desempenhada pela preposição é a lexical. As preposições lexicais, enquanto introdutoras de adjuntos, são aquelas que têm função predicadora, pois atribuem papel temático aos seus argumentos. Nessa classificação, as preposições estabelecem funções semânticas para cada um de seus argumentos. E, diferentemente da função funcional, na qual a preposição é introdutora de complemento, a função lexical tem seu significado relacionado diretamente com um adjunto, localizando uma figura no objeto de referência, em que o complemento acaba se tornando o argumento da própria preposição. Por exemplo:

1.16 (a) *Maria comprou o carro ‘do’ João.*

(b) *João vendeu o carro ‘para’ Maria.*

Nas sentenças acima, as preposições ‘de’ e ‘para’ estabelecem relações de sentido, ao relacionar a figura ‘carro’ aos objetos de referências ‘João’ e ‘Maria’. Na função semântica, a figura é um nome, um substantivo; e a preposição atribui aos objetos de referências, representados por nomes próprios, significados específicos. Os sintagmas “carro ‘do’ João” e “carro ‘para’ Maria” denotam um significado de posse, em que a preposição ‘de’ corresponde à origem da figura ‘carro’ e a preposição ‘para’ a meta dessa mesma figura. Observe outros exemplos:

1.17 (a) *Laura caminha ‘para’ o sucesso.*

(b) *Dormimos ‘de’ olhos bem abertos.*

Nas sentenças acima, os verbos ‘caminhar’ e ‘dormir’ são verbos de apenas uma diátese, ou seja, exigem apenas um argumento. Os sintagmas “‘para’ o sucesso” e “‘de’ olhos bem abertos” são adjuntos, e, portanto, as preposições ‘de’ e ‘para’ representam funções lexicais. A preposição ‘para’ atribui significado, ao relacionar o evento ‘caminhar’ e a meta desse evento ‘o sucesso’. A preposição ‘de’ em (b) também atribui significado ao localizar o evento ‘dormir’ no modo como este é realizado.

Como pudemos acompanhar, independentemente das funções desempenhadas pelas preposições ‘de’ e ‘para’, ou seja, funcionais ou lexicais, essas preposições apresentam significado dentro de seus respectivos contextos. Essa divisão entre funções teve como objetivo, mostrar, mesmo que superficialmente, que as preposições também podem ocupar posições estruturais diferentes, tendo como consequência diferentes funções, conforme apresentamos.

1.2.3.3 Atribuição de significados

A abordagem linguística admite a concomitância de função gramatical e de função semântica para as preposições ‘de’ e ‘para’. Na função gramatical, pautada em uma interface sintaxe-semântica, as preposições, como vimos, atuam como introdutoras de complementos e adjuntos, de verbos e de nomes. De acordo com essa classificação, os sintagmas preposicionados, na condição de complemento, “são sintagmas necessários ao preenchimento dos lugares abertos pelo predicador da sentença” (ILARI *et al.*, 2008, p. 635). No entanto, as preposições ‘de’ e ‘para’, enquanto introdutoras de complemento de verbos, também estabelecem relação semântica para os objetos a que fazem referência. O complemento encabeçado pela preposição ‘de’, por exemplo, além de outras relações semânticas, pode se referir ao ponto de origem, como nas sentenças:

1.18 (a) “*Tudo vem ‘de’ nossa experiência*” (NEVES, 2011, p 645).

(b) “*O fenômeno deriva (...) ‘de’ deficiência do sistema educacional*” (ibidem, p. 645).

Já o complemento encabeçado pela preposição ‘para’ pode se referir a um ponto de chegada ou ponto final, como na sentença:

1.19 *João foi ‘pra’ casa da Maria.*

Desse modo, a função de introdutora de complemento permite que a preposição contemple o ‘lugar’ aberto pelo verbo, além de estabelecer um significado ao seu objeto referente, correspondente a um valor semântico complementar ao verbo.

A preposição assume, então, um papel de complementação, e sua ausência em uma sentença pode comprometer a boa formação da construção. Para Ilari *et al.* (2008), quando um sintagma preposicional que é necessário em uma sentença está ausente, pode-se perceber que há um defeito na construção, é como se faltasse algo para plenitude da sentença “ela parecerá truncada, ou parecerá que parte de sua transcrição foi perdida, ou ainda que uma formulação em curso foi abandonada e substituída por outra” (ibidem p. 635). Desse modo, as preposições enquanto introdutoras de complementos são necessárias para a complementação dos lugares abertos pelo predicador da sentença.

Na função semântica, também pautada na interface sintaxe-semântica, os sintagmas preposicionais aparecem em posição de adjunto. Nos processos de adjunção, as preposições encabeçam um sintagma cuja posição sintática estrutural é acessória ao predicado da sentença. No entanto, as preposições em posição de adjunto e as preposições em posição de

complemento de verbos podem completar o significado do verbo, e, portanto, existem informações de significados que são lexicalizadas pelo predicador. Nas sentenças: “Salvei a honra ‘dos’ assustados”, a preposição ‘de’ contraída ao artigo ‘os’, estabelece relação de especificação ao objeto referente ‘assustados’. Na construção: “Vemos apenas um privilégio ‘para’ o exercício dos cargos públicos” (ibidem, p. 696), a preposição ‘para’, em posição de adjunto de um verbo, também estabelece uma relação de especificação para o objeto de referência ‘o exercício dos cargos públicos. As preposições, independentemente de sua posição estrutural e determinadas funções, estabelecem relações semânticas, apresentando, portanto, conteúdo semântico que pode estar, de certo modo, relacionado ao verbo, e muitas vezes, para a interpretação desse sentido, é preciso recorrer à metáfora, pois através desse fenômeno cognitivo, conseguimos identificar uma relação com um esquema de imagem típico de trajetória, que é o que veremos no desenvolver desse trabalho.

1.2.4 Conteúdo Semântico

Neste item, veremos o conteúdo semântico das preposições ‘de’ e ‘para’, ou seja, os significados atribuídos por essas preposições. Como vimos, os sintagmas preposicionais em posição de complemento e adjuntos estabelecem relações semânticas. No entanto, o conteúdo semântico que essas preposições atribuem aos objetos a que fazem referência, diz respeito a relações de significado específicas, a depender do contexto. Os significados de base das preposições ‘de’ e ‘para’ podem ser percebidos quando essas preposições expressam espacialmente as categorias de posição, de deslocamento e de distância. No entanto, devido aos processos metafóricos, à composição de sentido e a mudanças do esquema imagético, seus sentidos se derivam, assumindo papéis semânticos distintos (CASTILHO, 2010). Desse modo, veremos nesta seção os diferentes sentidos que uma única preposição pode assumir. As preposições ‘de’ e ‘para’ podem apresentar comportamentos semânticos distintos em determinados contextos que serão aqui levantados. Dentre as várias relações semânticas que a preposição ‘de’ pode assumir, apresentaremos as seguintes: i) especificação, ii) localização espacial, iii) localização temporal, iv) circunstância de modo, v) circunstância de instrumento, vi) circunstância de causa, vii) circunstância de posição e viii) relação de posse (NEVES, 2011)⁵.

⁵ Os exemplos, usados nas relações semânticas apresentadas, são sentenças adaptadas de Neves (2011).

Na relação semântica de especificação, a preposição ‘de’ especifica alguma característica ou propriedade para o seu objeto de referência, e essa relação representa a ligação entre a figura e o ponto de referência. Como exemplo de sentença em que a preposição ‘de’ estabelece relação semântica de especificação, temos a sentença:

1.20 *Maria quer se consolar ‘de’ seu sofrimento.*

Nessa construção, a preposição ‘de’ estabelece esse tipo de relação, quando relaciona a figura ‘se consolar’, que representa um verbo, ao objeto de referência ‘sofrimento’. Outro exemplo, temos a sentença ‘João tem uma plantação ‘de’ arroz’. Nessa sentença, a preposição ‘de’ relaciona a figura ‘plantação’, que representa um nome, ao objeto de referência, estabelecendo uma relação semântica de especificação. Também conseguimos identificar esse mesmo tipo de relação de significação na sentença: “Hoje ela recebeu do banco mais um cartão ‘de’ crédito”. Nessa sentença, propomos que a preposição também pode atribuir relação semântica de especificação, relacionando a figura ‘cartão’ com o objeto de referência ‘crédito’.

Além da relação semântica de especificação, a preposição ‘de’ também estabelece relação semântica de localização espacial. Segundo alguns autores, tais como Ilari *et al.* (2008) e Jackendoff (1983; 1992), o significado de relação espacial é o mais básico da preposição. Como exemplo desse tipo de relação, temos a sentença:

1.21 (a) *João saiu ‘de’ casa.*

(b) *João é um morador ‘de’ Chapecó.*

Na construção (a), a preposição ‘de’, estabelece relação espacial de ponto de partida para o objeto de referência ‘casa’. Já na sentença “João é um morador ‘de’ Chapecó”, a preposição ‘de’ estabelece relação espacial de origem ao localizar a figura ‘morador’ no objeto de referência ‘Chapecó’.

Outro tipo de relação semântica é a relação de localização temporal. Nesse tipo de relação, a preposição localiza no tempo os objetos a que faz referência, por exemplo, “Maria chegou ‘de’ tarde”. Nessa construção, a preposição ‘de’ localiza no tempo a figura que representa o evento ‘chegada de Maria’, relacionando esse evento ao objeto de referência ‘tarde’. Observamos esse mesmo tipo de relação em sentenças como:

1.22 (a) *Ele mudou muito ‘de’ uns tempos pra cá.*

(b) *Ele dormiu ‘das’ dez horas da manhã até as dez da noite.*

Na sentença em (a), a preposição localiza no tempo o evento ‘mudança’, e em (b) a preposição localiza no tempo o evento ‘dormir’.

A preposição ‘de’ também estabelece relações semânticas de circunstâncias de modo, instrumento, causa e posição. Observamos a relação de significação de circunstância de modo em sentenças como:

1.23 “*João apanhou ‘de’ chinelo*”.

Nesse exemplo, a preposição ‘de’ estabelece relação semântica de circunstância de instrumento ao relacionar o evento ‘apanhar’ com seu objeto de referência ‘chinelo’. Já na sentença “Ele fez esse comentário ‘de’ propósito”, a preposição ‘de’ relaciona a figura, representada pelo evento ‘fazer alguma coisa’, ao objeto de referência ‘propósito’. Outra relação de circunstância é a de causa, em que a preposição ‘de’ estabelece um significado de causa ao seu objeto de referência, por exemplo, “Essa criatura não morre ‘de’ ruim que ela é”. Por último, temos a relação de circunstância de posição, por exemplo, “Eles acompanharam o recital ‘de’ pé, pois não tinha cadeira para todos”. Além das relações de significação acima, temos a relação semântica de posse, como por exemplo:

1.24 (a) *Joana emprestou o livro ‘do’ João*.

(b) *Esse ladrão roubou a bolsa ‘de’ uma mulher*.

Na primeira sentença, a preposição estabelece relação de posse entre a figura ‘livro’ e o objeto referente ‘João’. Na segunda sentença, a preposição também estabelece relação de posse entre a figura ‘bolsa’ e o objeto referente ‘uma mulher’.

Apresentamos até agora exemplos de relações semânticas expressas pela preposição ‘de’; no entanto, com a preposição ‘para’ não é diferente. Dentre as relações semânticas que a preposição ‘para’ pode estabelecer, temos: i) especificação, ii) localização espacial, iii) localização temporal, e iv) finalidade (NEVES, 2011)⁶. Na função semântica de especificação, a preposição ‘para’ estabelece relação semântica entre a figura e seu objeto de referência, por exemplo, “o salário do João subiu ‘para’ 10 mil reais”. Nessa sentença, a figura é representada pelo evento ‘subida’, e o objeto de referência por ‘10 mil reais’.

Na função básica, a preposição ‘para’ estabelece relação semântica de localização espacial, em que o objeto referente representa um lugar ou região onde a preposição localiza a figura, estabelecendo relações de significação, como por exemplo:

1.25 (a) *Eu vou ‘para’ Floripa*.

⁶ Os exemplos, usados nas relações semânticas da preposição ‘para’, são sentenças adaptadas de Neves (2011)

(b) *João foi ‘para’ casa.*

Nessas construções, a preposição ‘para’ estabelece localização espacial, especificando a direção do objeto de referência. No primeiro exemplo, a preposição ‘para’ relaciona a figura, que representa o evento ‘ida’, no futuro, ao objeto de referência ‘Floripa’. No segundo exemplo, a preposição relaciona a figura, evento ‘ida’, no passado, ao objeto de referência ‘casa’.

A localização temporal também é uma das relações de significado expressa pela preposição ‘para’, por exemplo:

1.26 (a) *Ele deixou as tarefas ‘para’ o dia seguinte.*

(b) *Ele mudou muito de uns anos ‘pra’ cá.*

No primeiro exemplo, a preposição ‘para’ estabelece relação de localização temporal entre a figura ‘tarefas’ e o objeto de referência ‘o dia seguinte’, isto é, a figura é localizada temporalmente no objeto de referência. No segundo exemplo, propomos a mesma relação; no entanto a preposição ‘para’ aparece em uma versão contraída e usual ‘pra’, relacionando a figura, representada pelo evento ‘mudar’, localizando-a no objeto de referência ‘cá’.

Na relação semântica de finalidade, a preposição ‘para’ relaciona a figura ao objeto de referência, estabelecendo relações de significação, em que o ponto de referência é um objetivo. Por exemplo:

1.27 *Ele guardou dinheiro ‘para’ pagar as contas.*

Nessa sentença, a preposição ‘para’ atribuiu um significado de objetivo ou meta, em que ambos são relacionados à finalidade, ou seja, ao significado atribuído ao objeto de referência ‘pagar as contas’. Através desses exemplos e dos outros anteriores, observamos que as preposições ‘de’ e ‘para’, individualmente, estabelecem diferentes relações de significado. No início desse trabalho, propusemos que essas preposições são itens polissêmicos, todavia, para defender essa proposição, precisamos mostrar como esses diferentes significados, estabelecidos por essas duas preposições estão relacionados entre si, caracterizando o fenômeno da polissemia. Nas seções seguintes, faremos uma breve apresentação desse fenômeno, que além de estar diretamente ligado às informações lexicais, está também relacionado ao cognitivismo.

Como vimos, no decorrer do capítulo, as preposições ‘de’ e ‘para’ foram definidas e classificadas distintamente pelo prescritivismo e pelos estudos linguísticos. Estas duas

abordagens estão rotineiramente em conflito pelos pressupostos que defendem acerca dos estudos e das análises destes componentes. Para Ilari *et al.* (2008):

O tratamento dispensado pelas gramáticas às preposições é ao mesmo tempo sumário e detalhista: as palavras identificadas como preposições, depois de receberem uma caracterização sintática muito genérica (geralmente como ‘palavras que relacionam palavras’), são consideradas uma a uma, numa análise que enumera seus diferentes sentidos. Neste tipo de análise, acaba-se inevitavelmente por sugerir que as preposições são muito parecidas do ponto de vista sintático, e que cada preposição apresenta uma pluralidade de ‘usos’ ou ‘sentidos’ que nada têm em comum entre si, ou seja, para usar um termo técnico, que os vários usos de uma mesma preposição estão em relação de homonímia (p.624).

Corroborando esta afirmação, embora não seja mencionada essa informação nas seções dedicadas às análises linguísticas, propomos que as preposições são itens polissêmicos, não representando uma relação de homonímia. Veremos, nas próximas seções e próximos capítulos, que os significados estabelecidos pelas preposições ‘de’ e ‘para’ podem estar em relação, pertencendo a uma mesma rede de significados, através de uma representação espacial conceitual de trajetória.

1.2.5 A preposição ‘de’ e ‘para’ sob a ótica da linguística cognitiva

As preposições ‘de’ e ‘para’ podem assumir um comportamento mais complexo, o comportamento polissêmico, todavia, os falantes, não se dão conta desse acontecimento. Eles sabem da variedade de significados que uma única preposição pode estabelecer para o seu objeto de referência, a depender de contextos específicos; no entanto, não têm consciência do fenômeno que está por trás desse processo. Todas as preposições, independentemente de seu grau de gramaticalização, expressam as mais variadas relações de significado (ILARI *et al.*, 2008, p. 648). Esses significados variados, estabelecidos pelas preposições, parecem estar cognitivamente organizados, todavia, não sabemos como funciona essa organização. Acreditamos que, em determinados contextos exclusivos, temos a consciência de escolher qual preposição usar, ao invés de usar outra preposição aleatoriamente. Para buscar uma resposta ao fenômeno da polissemia de preposições, Ilari *et al.* (2008, p. 648) recorrem ao

cognitivismo para fundamentar suas proposições, “pois a linguagem é formatada pela cognição humana, que por sua vez busca recursos nas percepções características da espécie [...], nas experiências motoras básicas de que somos capazes [...] e nas experiências culturais.”. Este processo cognitivo é comum a todos os seres humanos e os conhecimentos adquiridos são baseados em seu conhecimento empírico, que conseqüentemente pode refletir-se nos hábitos linguísticos e culturais de uma determinada comunidade (ibidem).

No modelo cognitivo, podemos descrever a preposição através de três bases de conhecimento operadas por habilidades cognitivas: (i) esquemas imagéticos, (ii) modelos cognitivos idealizados e (iii) a língua.

Os esquemas imagéticos são estruturas conceituais de compreensão, operando a percepção e o movimento corporal do falante, através do espaço físico e manipulação dos objetos (JOHNSON, 1987). Sendo assim, esses esquemas são em grande parte de natureza espacial, pois a categoria de espaço está constantemente ligada com atividades corriqueiras que envolvem deslocamento, localização e contato com objetos. Estas atividades podem refletir o conhecimento empírico das pessoas, independentemente de sua identidade cultural. Portanto, “o espaço é uma experiência humana primordial, na qual convergem (i) a percepção da capacidade de movimento corporal e (ii) a percepção das coisas que rodeiam o ser humano como entidades únicas” (ILARI *et al.*, p. 650).

Para colocar em ordem os diferentes usos que localizam e relacionam um elemento a outro, isto é, localizam ou relacionam uma figura a um objeto de referência, utilizamos, no sistema preposicional do português brasileiro, quatro esquemas espaciais:

1.28 (a) O esquema de trajeto: faz a seleção da dimensão horizontal. Exemplos de preposições: de, desde, por, a, para, até, ante, perante, entre, após, trás.

(b) O esquema de em cima/ embaixo: faz a seleção da dimensão vertical. Exemplos de preposições: sobre, sob.

(c) O esquema da caixa: faz a seleção de três dimensões onde os elementos podem estar ou não estar contidos. Exemplos de preposições: em

(d) Esquema da ligação: identifica a presença ou a ausência de elementos que se relacionam no espaço. Exemplos de preposições: com, sem. (ILARI *et al.* 2008).

Outra base de conhecimento são os modelos cognitivos idealizados (MCIs), que são “[...] construções conceituais destinadas a enquadrar situações, um recurso mediante o qual formulamos nossa compreensão do mundo, consolidando as categorias que o descrevem e

fixando o semantismo das expressões da língua” (ibidem, p. 652). Segundo os autores, essas construções conceituais são projeções metafóricas, ou mesmo estruturas da imaginação (JOHNSON, 1987), conforme veremos no próximo capítulo.

Os MCIs classificam as situações de modo geral, sem base no abstrato, e sim no conhecimento empírico dos seres humanos, fazendo uma categorização da realidade.

[...] a história das preposições é uma história de mudanças de sentido motivadas por MCIs, e a polissemia que as preposições apresentem é explicada pela possibilidade de valorizar um ou outro aspecto entre vários que, em condições normais, estão simultaneamente presentes numa mesma experiência e são captados pelo mesmo MCI. Nas extensões polissêmicas, há sempre resquícios dos usos originários, e são esses usos que justificam as extensões de sentido, mesmo que o falante atual não os perceba. (ILARI *et al.* p. 653).

Além dos MCIs, temos outra base de conhecimento do modelo cognitivo, a própria língua. A língua fornece através de seus recursos morfossintáticos e lexicais, uma adequação do que o falante deseja comunicar. No âmbito das preposições, por exemplo, o falante é o responsável pela escolha da preposição, pois é essa preposição que irá determinar a localização e as limitações de um evento (ILARI *et al.*, 2008). Por exemplo, “Ele riu ‘de’ mim” ou “Ele riu ‘para’ mim”. Nessas sentenças, as preposições são diferentes, assim como as relações de significado que elas estabelecem, todavia, é o falante que escolherá o item que irá descrever a situação que pretende representar linguisticamente.

Em alguns casos, a escolha da preposição altera o significado do evento, expresso pelo verbo ou do adjunto adnominal, podendo estabelecer diferentes relações semânticas, conforme vimos na seção 1.2.4, e conseqüentemente o significado da sentença. Outro exemplo que pode refletir essa situação é o que acontece com o verbo falar, pois podemos selecionar: falar ‘com’ ou falar ‘para’. No primeiro caso, estamos nos referindo a uma conversa, no sentido de conversa coletiva, com uma ou mais pessoas. Já no segundo caso, estamos nos referindo à direção da informação, que é uma “instanciação do esquema do trajeto e de um modelo cognitivo idealizado que representa a comunicação como deslocamento ao longo de um canal - a informação é representada como algo que passa para o interlocutor” (ibidem, p. 655).

Os MCIs são projetados pela língua, pois é ela, que dentro de um contexto cultural, determinará o limite das nossas experiências.

É ainda a língua que estabelece limites para aquilo que será considerado uma extensão metafórica possível para um sentido dado. Tome-se, por exemplo, a representação do tempo: o português representa o tempo através da metáfora ‘tempo é movimento no espaço’. Com isso, o conceito abstrato de tempo pode ser entendido e “vivenciado” em termos de experiências corporais. Ligadas à vivência física de deslocamento. Recorrer à experiência do deslocamento e à metáfora de que o tempo é deslocamento ao longo de um trajeto é uma estratégia que muitas línguas usam, mas o português apresenta além do mais uma dupla possibilidade quanto ao sentido do movimento: ora são os eventos que se movem em direção ao enunciador e vão ficando para trás, ora são os enunciadores que se movem em direção aos eventos e os ultrapassam. Comparem-se: ‘João, o fim do ano está chegando/ João, desse jeito você vai chegar esgotado ao fim do ano’(ibidem, p. 655-6).

Desse modo, devido aos processos metafóricos, à composição de sentido e a mudanças do esquema imagético, os significados de base de uma preposição podem derivar significados conceituais, estabelecendo uma rede de significação (CASTILHO, 2010). O esquema imagético de trajeto, representativo no uso das preposições ‘de’ e ‘para’, pode ser identificado por processos metafóricos, representando, em uma interpretação conceitual, o deslocamento imaginário das preposições (JACKENDOFF, 1992), nesse caso, as preposições ‘de’ e ‘para’. A ideia de trajetória, que parece ser inerente a esse tipo de esquema de trajeto, apresenta informação espacial, onde cada percurso terá um eixo espacial específico e *a priori*, inconscientemente idealizado pelo falante. Portanto, é possível propor que as relações de significado estabelecidas pelas preposições ‘de’ e ‘para’ tenham algum tipo de relação, isto é, relação espacial. Na seção a seguir, veremos quantos eixos são possíveis para uma representação espacial de trajetória de base ou conceitual das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro.

1.5.1 A preposição e sua representação espacial

Em virtude do que expomos acima, acreditamos que é possível fazer uma proposição acerca da natureza polissêmica das preposições. Acreditamos que a polissemia pode estar presente nesses itens, através de uma representação espacial do esquema de trajetória, em que os significados de base podem ser estendidos para significados conceituais, cuja relação de

significação pode ser resgatada através de uma interpretação metafórica do significado primitivo. Buscando uma compreensão do sentido básico das preposições, apresentaremos nessa seção a representação espacial de base das preposições, buscando identificar o eixo espacial ocupado pelas preposições ‘de’ e ‘para’.

Segundo Ilari *et al.* (2008), na função básica das preposições encontramos duas características principais quanto a sua localização espacial. Uma dessas características é manifestação de uma “preferência marcada por localizações facilmente identificáveis do ponto de vista topológico” (ibidem, p. 671), isto é, espacialmente. Nas sentenças em que as preposições ‘de’ e ‘para’ estabelecem relações de significado, a figura “aparecerá em lugares precisos em estado de coisas dinâmicos” (ibidem, p. 671). Por exemplo, em um percurso hipotético, ou seja, de trajetória, o ponto de origem representa uma posição que pode ser ocupada pela preposição ‘de’; e o ponto final, ocupado pela preposição ‘para’. Outra característica da função de base espacial é que ela:

Funciona à base de assimetrias. É assimétrica a relação entre o objeto que queremos localizar e o ambiente em que vamos localizá-lo, dadas suas diferenças de tamanho, conteúdo, orientação, ordem, direção, distância, movimento ou até mesmo em virtude da combinação dessas propriedades. São por isso mesmo pouco habituais expressões como *igreja atrás da bicicleta, mesa debaixo do livro* etc., embora perfeitamente compreensíveis em articulações discursivas adequadas (ILARI *et al.*, 2008, p. 671).

Sabendo que as preposições localizam a figura em relação a um ponto de referência ou objeto de referência, Ilari *et al.* (2008) propõem que as preposições projetam os seguintes eixos espaciais: horizontal, vertical, transversal, proximal/ distal e continente e conteúdo. Como investigaremos, nesse trabalho, apenas o comportamento das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro, apresentaremos apenas o eixo espacial horizontal, também chamado por Johnson (1987) e Jackendoff (1983, 1992, 1994) de esquema imagético de trajetória.

As preposições ‘de’ e ‘para’, por exemplo, atuam unicamente no *eixo espacial horizontal*, atuando, respectivamente, como ponto inicial e ponto final de percurso (ibidem, p. 672). Nesse esquema imagético, “as preposições dispõem a figura em pontos específicos de um percurso imaginário: o ponto inicial, o ponto medial e o ponto final” (CASTILHO, 2010 p. 596). Considerando apenas as posições ocupadas pelas preposições ‘de’ e ‘para’, no ponto inicial ou origem, o movimento se dá no espaço ou no tempo real, onde um participante se

desloca de um ponto de origem para um ponto de destino. A título de exemplo, temos a sentença:

1.29 “*Quando um empregado sai ‘de’ uma firma...ele deve procurar o seu sindicato...*”(ILARI *et al.* 2008 p. 675).

Nesse exemplo, a preposição ‘de’ demarca o ponto de origem do evento ‘saída’ (ibidem). No ponto final ou meta, a preposição ‘para’ atribui uma noção de final de trajetória. Identificamos essa proposição na sentença: “Então eu os levo ‘para’ a escola...e vou trabalhar” (ibidem, p. 681). Nessa construção, a preposição ‘para’ demarca posição de ponto de final do evento ‘levar’. Observe que, nessas duas sentenças, aplicamos o esquema de trajetória apenas no significado de base espacial dessas preposições; contudo, esse tipo de esquema de imagem pode ser estendido e aplicado a outros significados das preposições ‘de’ e ‘para’, mas de uma forma conceitual, através da Hipótese de Relação Temática de Jackendoff (1983, 1992), corroborando a ideia de polissemia, pois através dessa hipótese os significados, estabelecidos por essas duas preposições individualmente, podem ser relacionados entre si.

Como pudemos observar nas exposições acima, a preposição ‘de’ é utilizada unicamente no ponto de origem; e a preposição ‘para’, no ponto final. Embora essas preposições atuem em um único eixo espacial, elas assumem diferentes relações semânticas quando empregadas em determinadas situações de uso. No entanto, propomos que esses diferentes significados, relacionados ao eixo espacial horizontal, podem ser relacionados metaforicamente, corroborando a proposição de que as preposições ‘de’ e ‘para’ podem ser itens polissêmicos.

Buscamos, através deste levantamento do tratamento dado às proposições, fornecer um panorama geral do tratamento dispensado para a descrição do comportamento linguístico das preposições ‘de’ e ‘para’ sob o viés do prescritivismo e dos estudos linguísticos, com o objetivo de enfatizar como há significados associados ao uso dessas preposições e as condições para formação e desenvolvimento do caráter polissêmico das preposições ‘de’ e ‘para’, considerando o aparato teórico analítico da linguística cognitiva. E, para finalizamos esse capítulo, de modo que possamos estabelecer as principais diferenças do que se apresenta das preposições no português brasileiro, propomos um quadro-síntese, apresentando os principais pontos referentes à organização em classe das preposições e suas funções,

descrevendo o tratamento dispensado à preposição, tanto pela gramática tradicional quanto pelos estudos linguísticos.

	Perspectiva Gramática Tradicional Cunha e Cintra (2008) Rocha Lima (2011)	Perspectiva Investigação Linguística Castilho (2010) Ilari <i>et al.</i> (2008)
a) Conceito de preposição	Palavras que relacionam dois termos de uma oração ou sintagma: Um antecedente e um conseqüente	São operadores de predicação que localizam uma figura em um objeto de referência, atribuindo a este uma relação de significação
b) Organização em classe	As preposições pertencem a uma classe fechada de palavras.	Acredita-se que o termo “fechada”, para a classe das preposições, é um pouco extremista. Propõe-se considerar que as preposições pertencem a uma classe com baixa possibilidade de criação de itens novos

<p>c) Função gramatical</p>	<p>Introduz complementos gramaticais e adjuntos.</p>	<p>Introduz complementos gramaticais e adjuntos. No entanto, os estudos linguísticos apresentam uma divisão sistemática no que concerne à posição estrutural das preposições. Segundo classificações linguísticas, as preposições podem ser funcionais quando introduzem um argumento do verbo; e lexicais quando introduzem um adjunto do verbo.</p>
<p>d) Conteúdo Semântico</p>	<p>As preposições ‘de’ e ‘para’ possuem significado apenas em contexto de sentença.</p>	<p>As preposições ‘de’ e ‘para’ possuem significado dentro de um contexto sentencial. Os significados, atribuídos nos contextos, podem ser relacionados entre si através da polissemia, cuja representação espacial de trajetória pode ser aplicada às preposições ‘de’ e ‘para’. Nesse esquema imagético, essas preposições ocupam, respectivamente, posições de ponto de origem e ponto final, independentemente de sua posição estrutural.</p>

1.36 Quadro Comparativo

CAPÍTULO 2

A polissemia e a representação espacial das preposições ‘de’ e ‘para’

Após o levantamento do comportamento das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro, vimos o quanto essa categoria pode ser apresentada de maneiras bem distintas. Contudo, foi possível compreender que as preposições são itens que possuem um nível de complexidade que vai além dos tratos formais. Conforme propomos anteriormente, essas preposições podem apresentar comportamento polissêmico. Afirmamos isso pelas diferentes relações de significado que as preposições ‘de’ e ‘para’ estabelecem para o objeto a que fazem referência. Portanto, trataremos nesse capítulo sobre o fenômeno da polissemia e sobre os processos de expansão de significado que estão envolvidos nesse tipo específico de ambiguidade lexical. Dentre esses processos, apresentaremos a experiência corporificada e a formação do esquema imagético representado por essas duas preposições. Depois da apresentação do esquema imagético em questão, mostraremos como a polissemia dessas preposições pode ser representada a partir de uma abordagem localista proposta por Jackendoff (1983,1992), em que as relações de significados dessas preposições são relacionadas entre si em nível conceitual.

Nas seções a seguir, faremos uma exposição do que se apresenta do fenômeno da polissemia, principalmente no que concerne à polissemia das preposições, procurando identificar, nessa ambiguidade lexical, como diferentes significados de uma mesma preposição podem estar relacionados entre si e como a experiência corporificada, que aparenta possuir relação direta com esse tipo de ambiguidade, contribui para a consolidação de uma rede de significados que podem estar ligados, de maneira conceitual, a um mesmo item lexical. Após apresentar o fenômeno da polissemia e sua relação com a experiência corporificada, faremos uma exposição de como esse fenômeno e essa experiência estão diretamente ligados com a representação espacial conceitual das preposições ‘de’ e ‘para’ através da hipótese de relação temática, proposta por Jackendoff (1983, 1992), em que o comportamento complexo das preposições, característico de sua possível natureza polissêmica, pode ser explicado pela expansão do significado de base espacial desses itens, para significados que possuam um caráter conceitual de espaço, através dos campos semânticos.

Assim, começamos na seção 2.1 com a exposição da polissemia e sua relação com os usos das preposições, especificamente, das preposições ‘de’ e ‘para’.

2.1 A polissemia: uma proposta para a expansão de significados das preposições ‘de’ e ‘para’

A polissemia é uma ambiguidade lexical em que diferentes significados de uma mesma palavra são percebidos como extensões de um significado básico (ILARI, 2012, p. 152). Mas o que seria esse significado básico? Imaginemos uma representação espacial, inerente aos significados das preposições ‘de’ e ‘para’ (ILARI *et al.*, 2008), em que o significado básico é aquele diretamente ligado a um espaço físico, por exemplo: “Eu saí de Manaus hoje”. Nessa sentença, a preposição ‘de’ estabelece uma relação de significado de base espacial, pois o objeto referente⁷ é uma cidade, ou seja, um espaço físico. Vejamos agora um exemplo dessa representação espacial de base com a preposição ‘para’, observe a sentença: “Me senti mal e fui ‘para’ casa”. Nessa construção, a preposição ‘para’ estabelece um significado básico, de caráter espacial, para o seu objeto referente, pois ‘casa’, assim como ‘Manaus’, também é um espaço físico. Até este momento, tentamos, de certo modo, apresentar o que acreditamos ser significado básico espacial, ao menos na relação das preposições ‘de’ e ‘para’ com seus objetos referentes. Mas o que seria então um significado “não básico”? Em uma representação de base espacial, acreditamos que um significado espacial que não seja de base é aquele que expressa, de maneira conceitual, um significado espacial. Mais adiante, veremos como se apresenta um significado conceitual. Para tanto, precisamos expor como funciona o fenômeno da polissemia para compreender como se chega a esse tipo de significado.

A polissemia, segundo Pustejovsky (1996), é um tipo de ambiguidade em que uma palavra na língua pode ter mais de um significado, e esse significado pode estar relacionado ou sobreposto a um significado de base. Esse autor segue Weinreich (1964) na distinção de dois tipos de ambiguidade: a contrastiva e a complementar. A ambiguidade contrastiva, no caso da homonímia, ocorre quando um item carrega acidentalmente dois significados distintos que não são relacionados:

2.0 (a) *Maria sentou no ‘banco’ da praça.*

⁷ Ver denominação de figura e objeto de referência no capítulo 1.

(b) *Maria mora ao lado do ‘banco’ do Brasil.*

A ambiguidade complementar envolve sentidos lexicais que são manifestações de um significado básico de uma palavra, ocorrendo em contextos diferentes. Exemplos:

2.1(a) *João pulou da ‘janela’.*

(b) *Maria pintou a ‘janela’.*

Nos exemplos acima, a palavra *janela* denota ‘abertura’ na sentença em (a) e, objeto físico na sentença em (b). Em outro exemplo, na língua inglesa, temos a mudança de categoria na palavra ‘farm’:

2.2 (a) *The ‘farm’ will fail unless we receive the subsidy promised.* (PUSTEJOVSKY, 1996, p.28).

(a’) A fazenda fracassará a menos que nós recebamos os subsídios prometidos.

(b) *To ‘farm’ this land would be both foolish and without reward.* (ibidem)

(b’) Cultivar essa terra seria uma tolice sem recompensa.

Nos exemplos acima, a palavra ‘farm’ em (a) pertence à categoria de substantivo, enquanto em (b), de verbo. Desse modo, segundo Pustejovsky (1996), existem dois tipos de sentido complementar: (a) os que preservam a categoria, como é o caso da polissemia de preposições, pois mesmo em uma interpretação conceitual, elas ainda pertencem a essa classe gramatical; (b) os que mudam de categoria, como exemplo 2.2, em que a palavra ‘farm, nos diferentes exemplos, pertence à categoria de substantivo e de verbo, respectivamente. Quando os significados de uma palavra pertencem a uma mesma categoria, Pustejovsky (1996) afirma que se trata de polissemia lógica, que é um tipo de polissemia menos ampla que a complementar, cujos significados múltiplos de uma palavra se sobrepõem, são dependentes ou partilhados. Fazendo um paralelo com a teoria desse autor, no caso de polissemia de preposição, os significados que estes itens estabelecem são sobreposições de um significado espacial. Desse modo, as relações de tempo, posse, especificação, circunstanciação entre outras, atribuídas pelas preposições ‘de’ e ‘para’, são extensões de seu significado primitivo.

Para estabelecer uma relação entre as palavras polissêmicas, “usamos nossa intuição de falante e, às vezes, os nossos conhecimentos históricos a respeito dos itens lexicais” (CANÇADO, 2012, p. 72). Todavia, essa relação entre os itens não é estabelecida de modo trivial (ibidem, p. 72). No caso das preposições, a polissemia pode ser estudada através dos esquemas imagéticos, ou eixos espaciais e suas respectivas expansões metafóricas (ibidem, p.

138). Como vimos no capítulo anterior, as preposições ‘de’ e ‘para’ pertencem ao eixo espacial de trajeto.

Esse fenômeno se apresenta em todas as línguas, ou seja, é uma consequência de um processo natural, pois uma língua sem polissemia: “violaria o princípio de economia, pois estenderia o vocabulário ao infinito” (RICOUER, 2005, p. 180); violaria a regra de comunicação, multiplicando as designações, “tanto quanto o exigissem, por princípio, a diversidade da experiência humana e pluralidade dos sujeitos da experiência” (ibidem, p. 180). O falante necessita de um sistema lexical sensível ao contexto de fala, portanto, flexível, pois somente desse modo seria possível projetar na língua tamanha variedade da experiência humana sem, contudo, criar a todo momento e circunstância um item lexical. Com isso, esse tipo de ambiguidade lexical é, de certo modo, um fenômeno de cumulação de sentidos.

A polissemia atesta o caráter aberto da textura das palavras: uma palavra é isto que tem vários sentidos e que ainda pode adquirir novos. Portanto, é um traço descritivo da significação que introduz a teoria das mudanças de sentidos, a saber, que para um nome pode haver mais de um sentido e, para um sentido mais de um nome. (RICOUER, 2005, p. 182).

Na literatura linguística, costuma-se estabelecer diferença entre polissemia e homonímia. Tradicionalmente essa distinção é vista diacronicamente.

[...] unidades homônimas são derivadas de fontes lexicais distintas, e sua identidade ortográfica/fonológica é devida à perda de uma distinção original em função da mudança linguística ou do empréstimo, enquanto unidades polissêmicas são derivadas da mesma fonte lexical, sendo o resultado de processos de extensão, tais como metáfora ou metonímia. (CROFT; CRUSE, 2004, p. 111)⁸.

Além da distinção diacrônica, referente às fontes lexicais, na polissemia os vários sentidos relacionados a uma única realização fonológica possuem alguma relação entre si, formando uma rede de significados na descrição do léxico de uma língua. “Palavras

⁸ Tradução livre, no original: “[...]homonymous units are derived from distinct lexical sources, and their orthographical/ phonological identity is due either to the loss of an original distinction due to language change, or to borrowing, whereas polysemic units are derived from the same lexical source, being the result of processes of extension such as metaphor and metonymy (CROFT; CRUSE, 2004, p. 111).

polissêmicas serão listadas como tendo uma mesma entrada lexical, com algumas características diferentes; as palavras homônimas terão duas (ou mais) entradas lexicais” (CANÇADO, 2012, p. 72).

Quanto à polissemia:

Esse fenômeno significa que nas línguas naturais a identidade de uma palavra em relação às outras admite ao mesmo tempo uma heterogeneidade interna, uma pluralidade, de tal modo que a mesma palavra pode receber diferentes acepções conforme o contexto. Essa heterogeneidade não arruína a identidade da palavra (à diferença da homonímia) porque: 1) estas significações podem ser enumeradas, isto é, referidas a classes de empregos contextuais; 2) podem ser ordenadas, ou seja, apresentar certa hierarquia que estabelece uma proximidade relativa e, portanto, uma distância relativa dos sentidos mais periféricos em relação aos mais centrais; 4) enfim e sobretudo, a consciência linguística dos locutores continua a perceber certa identidade de sentido na pluralidade de acepções. (RICOUER, 2005, p. 179- 180).

Uma ambiguidade lexical, como a polissemia, pode ocorrer no uso das preposições, pois esses morfemas são “itens lexicais ‘leves’” (CANÇADO, 2012 p. 74), isto é, “podem ter vários sentidos, que só serão estabelecidos a partir da composição com seu complemento e, às vezes, até mesmo em composição com o verbo” (ibidem, p. 74). As preposições ‘de’ e ‘para’ podem estabelecer vários sentidos para os seus complementos, como por exemplo, sentido de especificação, posse, localização, circunstanciação etc. E, quando dizemos que essas preposições são itens polissêmicos, propomos que esses significados, que atribuem aos objetos de referência, possuem relação entre si através de uma abordagem localista, em que determinados processos cognitivos, tais como a experiência corporificada e os esquemas imagéticos justificam a expansão dos significados das preposições ‘de’ e ‘para’, relacionadas em uma representação espacial. Para tanto, vamos retomar alguns dos exemplos do capítulo anterior para compreender o que estamos apresentando:

2.3 (a) *João saiu ‘de’ casa* (relação espacial).

(b) *Maria gosta ‘de’ chocolate* (relação de especificação).

(c) *Ele mudou muito ‘de’ uns tempos pra cá.* (relação temporal).

(d) *Joana emprestou o livro ‘do’ João* (relação de posse).

(e) *João apanhou ‘de’ chinelo* (relação de circunstância de modo).

Nessas sentenças, a preposição ‘de’ aparece em diferentes contextos sentenciais, no entanto, somente em (2.3(a)) a preposição apresenta um sentido de base espacial. Nas outras

sentenças, temos diferentes significados; todavia, é possível interpretar as outras sentenças como tendo um significado espacial, no entanto, como apontamos, ele é interpretado metaforicamente, pois para compreendê-lo como espacial, precisamos criar em nosso imaginário, uma estrutura conceitual que agregue essas relações de significados como pertencentes a uma representação espacial de trajetória. Assim, recorrendo à metáfora, organizamos os usos acima em uma única representação espacial conceitual, onde podemos interpretar a preposição ‘de’ em (2.3(b)) como a origem identificacional do evento ‘gostar’; em (2.3(c)) a origem temporal do evento ‘mudança’; (2.3 (d)) a origem da posse da figura ‘livro’; e, em (2.3(e)) o modo de origem pelo qual é desencadeado o evento ‘apanhar’. No capítulo 3, veremos, mais especificamente, como são estruturadas e representadas esses tipos de interpretações. Agora, observemos mais contextos polissêmicos correspondentes à preposição ‘para’:

2.4 (a) *Eu vou ‘para’ Floripa* (relação espacial).

(b) *Ele deixou as tarefas ‘para’ o dia seguinte* (relação temporal).

(c) o salário do João subiu ‘para’ 10 mil reais (relação de especificação).

(d) Ele guardou dinheiro ‘para’ pagar as contas (relação de finalidade).

A preposição ‘para’ apresenta significado de base espacial apenas em (2.4(a)). Todavia, assim como fizemos anteriormente, também podemos metaforizar essas relações, de modo que elas se identifiquem conceitualmente com uma representação espacial de trajetória. Com isso, podemos interpretar a preposição ‘para’ em (2.4(b)) como meta temporal do evento ‘ir’; já em (2.4(c)), podemos interpretá-la como meta específica do evento ‘subir’; e, em (2.4(d)), podemos interpretar a preposição ‘para’ como meta da figura ‘dinheiro’, no qual ‘pagar as contas’ representa a ‘finalidade’ demarcada pela preposição ‘para’.

No entanto, para ser possível interpretar, nas sentenças acima, as preposições ‘de’ e ‘para’ como ponto de origem e ponto final, caracterizando assim o fenômeno da polissemia, lidamos com abordagens teóricas da semântica lexical, ancoradas no cognitivismo. Assim sendo, para a compreensão dessa extensão de sentidos, através de uma abordagem localista, é preciso compreender pressupostos básicos acerca da conceptualização do mundo, em que o falante projeta na língua sua experiência corporificada, ou seja, a experiência que relaciona a mente e o corpo está, de certa forma, implícita nas circunstâncias dos contextos de fala mais triviais do falante.

Todavia, essa ambiguidade não será equivalente para todos os itens de todas as línguas, pois esse fenômeno é uma característica convencional e empírica de uma determinada comunidade linguística (PINKER, 2007), desse modo, um item polissêmico no português brasileiro pode ser monossêmico em outra língua. As preposições ‘de’ e ‘para’ podem ser consideradas polissêmicas no português brasileiro, mas suas formas correlatas em outras línguas podem não apresentar esse mesmo fenômeno. Em algumas traduções, inclusive, a preposição não é requerida. No francês, por exemplo, a forma correlata da preposição ‘de’, que também é ‘de’, é requerida no verbo ‘necessiter’, correlato ao verbo ‘necessitar’. Como vimos, no português brasileiro, a preposição ‘de’ é inerente a este tipo de verbo. Vejamos em francês:

2.5 (a) "*Des affirmations extraordinaires nécessitent ‘des’ preuves extraordinaires.*". (SAGAN, 1980).

(a') "*Afirmações extraordinárias necessitam ‘das’ provas extraordinárias*".

Ainda na língua francesa, o verbo ‘aimer’, correlato ao verbo ‘gostar’, não requer uma preposição como introdutora de complemento. Por exemplo:

2.6 (a) "*J'aime le chocolat*".

(a') *Eu gosto ‘de’ chocolate.*

Vale ressaltar que o verbo ‘aimer’ pode ser traduzido como ‘amar’ e ‘gostar e, no português, o verbo ‘amar’ não requer preposição ‘de’, ao contrário do verbo gostar. Já na língua inglesa, os verbos correlatos a ‘gostar’ e ‘necessitar’ não requerem a preposição ‘de’, por exemplo:

2.7 (a) *Mary likes chocolate.*

(a') *Maria gosta ‘de’ chocolate.*

(b) *John needs you.*

(b') *John precisa ‘de’ você.*

Se compararmos com as línguas acima, poderíamos dizer que a preposição ‘de’ é dispensável em verbos correlatos com ‘gostar’ e ‘necessitar’, ao contrário do português brasileiro, cuja preposição é inerente a esses verbos. *A priori*, segundo algumas classificações linguísticas, a preposição ‘de’, nesses casos, apresenta uma função gramatical, em que a preposição prepara o sintagma nominal para o recebimento de papel temático. Contudo, cada língua apresenta determinadas especificidades, caracterizando fenômenos provenientes de seu léxico e de seu uso convencional. Em uma abordagem metafórica, no português brasileiro, a

preposição ‘de’ pode indicar a origem do evento denotado por verbos como ‘gostar’, ‘precisar’ e ‘necessitar’. Por exemplo, em sentenças como “João necessita de ajuda”, a preposição ‘de’ localiza no sintagma ‘ajuda’ a origem do evento ‘necessitar’.

É interessante que, em outras línguas, as formas correlatas do ‘de’ e do ‘para’ nem sempre apresentam comportamento polissêmico. A depender do contexto, uma preposição é utilizada, ou até não empregada, como é o caso das sentenças em 2.7. Podemos demonstrar essa diferença, confrontando o português brasileiro com o inglês em outras sentenças. Por exemplo:

2.8 (a) *I came ‘from’ Québec.*

(a’) *Eu vim ‘do’ Québec.*

2.9 (a) *The table is made ‘of’ wood.*

(a’) *A mesa é feita ‘de’ madeira.*

Como pudemos acompanhar nas sentenças acima, as preposições ‘from’ e ‘of’ são formas correlatas da preposição ‘de’. Na sentença (a) em 2.8, a preposição ‘from’ indica um sentido base de localização, atribuindo ao objeto de referência ‘Québec’ um significado de origem; já na sentença (a) em 2.9, a preposição ‘of’ indica um sentido de especificação, atribuindo ao objeto de referência ‘madeira’ uma propriedade. Em contrapartida, nas sentenças em 2.7: “Mary likes chocolate” (Maria gosta ‘de’ chocolate) e “Jean needs you”. (Jean precisa ‘de’ você), a preposição, como vimos, não é requerida.

Nas preposições correlatas ao ‘para’ também observamos algumas diferenças. Por exemplo:

2.10 (a) *I’m going ‘to’ Floripa.*

(a’) *Eu vou ‘para’ Floripa.*

2.11 (a) *I came ‘for’ the carnival.*

(a’) *Eu vim ‘para’ o carnaval.*

Nos exemplos acima, as preposições ‘to’ e ‘for’ são formas correlatas da preposição ‘para’. Os contextos sentenciais em que elas são empregadas são diferentes no que concerne à natureza do objeto de referência; no primeiro caso, o ponto de referência é o espaço físico ‘Floripa’ e, no segundo, o evento ‘carnaval’. No entanto, no português brasileiro, conseguimos compreender que a preposição ‘para’ apresenta a ideia de direção no sentido meta, isto é, para compreender que ‘Floripa’ e ‘carnaval’ são direções do evento ‘ir’ e ‘vir’, não precisamos recorrer à metaforização, pois o sentido alvo desses eventos pode ser identificado nos próprios

verbos. Segundo Corrêa e Cançado (2006), verbos como ‘ir’ e ‘vir’ possuem inerentemente ideia de trajetória, representando significados ‘meta’ e ‘origem’ respectivamente. O verbo ‘vir’, inclusive, pode apresentar esses dois sentidos em sentenças como: (a) Ele veio ‘de’ Manaus e (b) Ele veio ‘para’ Manaus. No primeiro caso, a preposição ‘de’ demarca a origem do evento denotado por ‘vir’ e, no segundo caso, o ponto final.

No inglês, conforme apresentamos acima, duas realizações fonológicas são possíveis para as preposições ‘de’ e ‘para’. O ‘de’, inclusive, não aparece em sentenças com o verbo ‘gostar’ e ‘precisar’. No português brasileiro, no uso dessas duas preposições, conseguimos ‘depreender’ uma interpretação localista, através da metáfora, possibilitando classificá-lo como tal em uma trajetória conceitual. Isso é possível, pois cada língua retrata, em seu léxico e em sua gramática, suas experiências físicas, culturais e motoras, ou seja, como sua experiência corpórea está internalizada no sistema cognitivo e conseqüentemente na língua. No português brasileiro, as preposições ‘de’ e ‘para’ são duas das preposições mais usadas e, segundo pressupostos da linguística cognitiva, tais como os apresentados por Jackendoff (1983;1992), Lakoff e Johnson (1980), Pinker (2007), Castilho (2010) e Ilari *et al.* (2008), quanto mais frequente é o uso de um item, mais polissêmico ele é; e esse tipo de ambigüidade lexical é convencionado, ou seja, é uma consequência das práticas arbitrárias de uma comunidade de fala. Para Castilho (2010) e Ilari *et al.*(2008), as preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro são naturalmente polissêmicas, pertencendo originalmente a um eixo espacial horizontal, cuja interpretação pode ser compreendida inicialmente com alguma localização espacial ou metaforizada como tal.

Para Taylor (2003), a polissemia é definida como um conjunto de significados que são ligeiramente relacionados a uma única forma fonológica. No entanto, para supor que exista essa associação entre os significados, é preciso saber de que forma ocorre essa relação. O fenômeno da polissemia coloca em destaque o confronto do nosso senso comum frente à interface do significado de base contido nas palavras e na realidade mais complexa presente na construção de outros significados. Através dessa proposição, compreendemos que a dinâmica da expansão de sentidos é capaz de revelar a riqueza e a variedade das capacidades cognitivas que trazemos sobre as situações contextuais mais banais de nosso cotidiano (FAUCONNIER; TURNER, 2003).

Fauconnier e Turner (2003) propõem substituir as expressões de noções de ‘significado de uma expressão’, ‘representação semântica’ e ‘função de verdade’ e utilizar o

termo ‘potencial de significado’ de um signo linguístico. Esse potencial de significado retrata os processos cognitivos criativos, em que o falante faz conexões conceituais no uso da língua. Para os autores, a criatividade, presente em nossos contextos discursivos reais, é escondida pela natureza inconsciente e rápida das inúmeras operações cognitivas que contemplam a mais simples de nossas construções de significado.

Um dos aspectos da polissemia deriva do poder de significado potencial, ligado à operação de conceptualização de mundo, que por sua vez é desenvolvida a partir “da interação entre formas memorizadas e operações combinatórias” (PINKER, 2007, p. 138) entre os componentes básicos da linguagem, isto é, as palavras e as regras. Sendo assim, esse fenômeno não é apenas um reflexo da sincronia da língua, mas principalmente de uma manifestação da flexibilidade e adaptabilidade do falante frente ao seu instrumento de comunicação, a língua e sua relação direta com a cognição humana (FAUCONNIER; TURNER, 2003).

A expansão de sentidos de um item lexical expõe o falante a um problema fundamental, pois, enquanto o sistema linguístico é relativamente estreito, o sistema conceitual é vasto, rico e aberto (ibidem). Desse modo, nos deparamos com problemas referentes à relação entre esses dois sistemas: como o sistema linguístico pode ser usado para representar um vasto sistema conceitual se ele é tão restrito? Uma solução para essa questão seria que nós, seres humanos, possuímos um sistema de forma pronta que viabiliza a construção de significados que vão além de uma listagem limitada (ibidem). Pinker (2007) aponta outra evidência para os muitos sentidos polissêmicos, que segundo ele são adquiridos pela exposição pura e simples, isto é, “[...] quanto mais frequente é a palavra, mais polissêmica ela é, e vice e versa” (p. 139).

Podemos expandir esse pressuposto para o uso das preposições ‘de’ e ‘para’. Por exemplo, além de seu significado espacial de base, essa categoria representa outras construções de redes conceituais de significado que, em certo nível metafórico, relacionam-se. Dizemos, então, que essas preposições estão associadas a uma infinidade de mapeamento de sentidos não arbitrários. Assim, diferentes formas gramaticais exigem diferentes mapeamentos conceituais. Podemos interpretar esses diferentes mapeamentos conceituais como diferentes campos semânticos, ou seja, cada mapeamento pode ser representado por um campo semântico (como veremos nas últimas seções deste capítulo).

Conforme apresentamos no capítulo anterior, na seção ‘conteúdo semântico’ das preposições ‘de’ e ‘para’, observamos que essas duas preposições estabelecem diferentes relações semânticas para seu objeto referente, tais como especificação, circunstância de origem, modo, finalidade, instrumento, meta etc. Cada um desses significados pode ser relacionado a um determinado campo semântico, alguns desses significados podem, inclusive, pertencer a um mesmo campo semântico. Jackendoff (1983, 1992) propõe uma Hipótese de Relação Temática (veremos em detalhes na última seção e no próximo capítulo), em que a extensão de sentidos de uma preposição ou de um verbo pode ser explicada através de uma abordagem localista, cujos campos semânticos são mapeados de modo que possamos identificar um significado conceitual espacial no uso das preposições.

Evans e Tyler (2003) abordam o fenômeno da polissemia das preposições do inglês, considerando-as formas lexicais que podem ser relacionadas, de modo convencional, a significados, formando pares de sentidos armazenados em nosso léxico mental. Por sua vez, nosso léxico mental produz relações de significados associados a uma forma simbólica, dando a entender que essas relações de sentido são dependentes, portanto, motivadas. Estendendo essa proposição para o caso das preposições ‘de’ e ‘para’, conforme veremos a seguir, diferentes significados estão associados a esses itens de conotação espacial, de forma sistemática e não arbitrária. Tyler e Evans (2003), assim como Jackendoff (1992, p. 117-8), propõem que é possível fazer uma relação de sentido entre os significados associados a uma mesma forma léxica, pois eles podem constituir uma rede semântica sistemática associada a um significado primário de base. As preposições possuem um significado primário de base espacial (ILARI *et al.*, 2008), portanto, os outros significados, que não possuem essa correlação direta, podem ser metaforicamente conceptualizados de modo que essa configuração seja relacionada com alguma representação locacional.

Segundo Tyler e Evans (2003), cada sentido pertencente a uma rede polissêmica de significados, associados a um item lexical, é produto de estratégias de inferências, responsáveis por interpretações adicionais e representações mentais. Segundo essas autoras, essas interpretações adicionais, ou extensão de sentidos, levam-nos a uma teoria de construção de significado, ou ‘integração conceitual’. Para tanto, elas partem dos seguintes pressupostos básicos (*ibidem*, p. 3-4):

(i) Os itens lexicais e sintáticos de uma língua subdeterminam as interpretações que são atribuídas regularmente pela ocorrência natural dos enunciados. Podemos interpretar essa

afirmação através da pressuposição de que as entradas lexicais servem como porta de entrada para a construção de significado. Essa construção de sentido faz parte de um grande processo conceitual que envolve uma elaboração linguística altamente criativa.

(ii) Para representação do significado, utilizamos inconscientemente um sistema conceitual para a interpretação das formas linguísticas, pois a língua não faz referência direta ao mundo real. Esse sistema contém uma estrutura, que pode ser organizada por conceitos, esquemas imagéticos ou imagens, que refletem e interpretam, simbolicamente, o mundo através do conhecimento empírico do falante.

(iii) A estrutura conceitual é uma ferramenta que o falante utiliza para interagir com o mundo, ou seja, o espaço físico que habitamos. Esse mundo exterior nos fornece o substrato necessário para a representação conceitual da língua, e é um substrato sensório-perceptivo que nos permite fazer interpretações abstratas do nosso conhecimento de mundo.

(iv) A língua é um sistema biológico que está em constante evolução. A sincronia da língua revela um fato pontual dentro de um percurso histórico de mudança contínua. O estudo factual da língua nos permite compreender o processo de formação de uma rede semântica de um determinado item lexical.

Ao propor que as preposições ‘de’ e ‘para’ são polissêmicas, estamos corroborando os pressupostos citados acima e sugerimos que os possíveis significados, associados a cada uma dessas preposições, estão, de certa forma, relacionados espacialmente, devido nossa interação com espaço físico e a conceptualização indireta que fazemos dele. Na polissemia, uma forma linguística é ligada ao nível conceitual através de uma rede de significados distintos que estão relacionados. Na seção a seguir, veremos como essa polissemia pode ser interpretada, no nível espacial, através do processo de corporificação e projeção do esquema de trajetória, característico de uma abordagem localista e representativa da polissemia dessas preposições.

2.2 A ideia de trajetória espacial e a experiência corporificada

Após a apresentação do fenômeno da polissemia e sua relação com o caráter econômico da língua, retomamos o que falamos acerca de nosso conhecimento de mundo, pois através de uma experimentação e interpretação indireta de nossa realidade, conseguimos estabelecer uma mediação entre nosso sistema de percepção humano e a construção e a

representação simbólica dessa vivência, através da língua. Quando interpretamos de maneira conceitual um item lexical, acreditamos que o mundo real nos fornece o substrato para nossas percepções sensoriais e para as conceituações decorrentes dele. Assim, as propriedades de espaço físico do mundo e o nosso conhecimento empírico são fundamentais à cognição humana. Desse modo, sugerimos que nossa experiência de mundo é restrita e determinada pela natureza dos corpos que temos, implicando na noção da personificação da experiência. Essa experiência é então projetada em nossa língua e, conseqüentemente, nos fenômenos relacionados a ela, como no caso da polissemia.

Embora a capacidade linguística decorra de um sistema biológico, somente podemos interpretar conceitualmente um significado reproduzido por esse sistema, através dos substratos fornecidos pelo mundo exterior, ou seja, nossa experiência corporificada. Segundo Silva (2012) a “gramática é uma conceptualização” (p. 19), e as palavras e as estruturas gramaticais do léxico de uma língua “são recursos que o falante utiliza para simbolizar suas experiências da vida cotidiana. Aquilo que as pessoas falam a respeito do mundo não representa o mundo em si, mas a visão que elas têm dele (ibidem, p. 19).”

Segundo Tyler e Evans (2003):

A experiência incorporada constitui a noção de que a experiência humana do mundo é mediada pelos tipos de corpos que temos, e, portanto, é em grande medida determinada pela natureza dos corpos que mediam como nós experimentamos o mundo. Além disso, muitos cientistas cognitivos estão sugerindo que é essa experiência incorporada que dá origem à estrutura conceitual. Ela o faz, foi sugerido, porque nossa percepção do mundo é significativa de várias maneiras para nós como seres humanos. Em outras palavras, nosso mundo, conforme mediado pelo nosso aparato perceptual (nossa fisiologia e arquitetura neural, ou seja, nossos corpos), dá origem à estrutura conceitual, isto é, aos pensamentos e aos conceitos. (p. 23-4)⁹.

Johnson (1987) complementa essa proposição, afirmando que essa experiência corporificada ganha estrutura através dos esquemas imagéticos e das projeções que fazemos

⁹ Tradução livre, no original: “Embodied experience constitutes the notion that human experience of the world is mediated by the kinds of bodies we have, and hence is in large measure determined by the nature of the bodies which mediate how we experience the world. Moreover, many cognitive scientists are increasingly suggesting that it is this embodied experience that gives rise to conceptual structure. It does so, it has been suggested, because our perception of the world is meaningful in various ways to us as human beings. In other words, our world, as mediated by our perceptual apparatus (our physiology and neural architecture, in short, our bodies), gives rise to conceptual structure, that is, to thought and concepts.” (JOHNSON, 1985, p. 23-4).

através da metáfora, que nada mais são do que experiências estruturais de significado, que por sua vez são essenciais para o nosso raciocínio e compreensão abstrata. As projeções metafóricas são motivadas por nossas experiências (LAKOFF; JOHNSON, 1980); logo, a experiência deve ser entendida em um sentido amplo em que incluímos dimensões perceptuais, motoras, emocionais, históricas, sociais e linguísticas. Para Johnson (1987), “Nossa realidade é moldada pelos padrões do nosso movimento corporal, os contornos da nossa orientação espacial e temporal e as formas de nossa interação com objetos” (p.xix)¹⁰.

2.2.1 Os esquemas imagéticos e os processos metafóricos

Dentro dessa perspectiva da corporificação, para a representação conceitual de um item lexical, nesse caso as preposições, nossa experiência de mundo, em que ligamos nossa mente ao nosso corpo, permite que projetemos, na língua, nossa vivência dentro de um espaço físico, fazendo com que esse espaço seja compreendido, de modo metafórico. Essa relação entre o mundo físico e nosso léxico mental é identificada e representada através de esquemas que são estruturas não proposicionais da imaginação¹¹. Essas proposições existem como padrões de experiência e conhecimento. Então, como “os esquemas de imagem e suas extensões metafóricas são proposicionais neste sentido especial, constituem grande parte do que chamamos de estrutura de significado e padrões inferenciais” (p.4)¹², indicando que esses esquemas são pautados na experiência humana significativamente organizada, como por exemplo, as estruturas de movimento corporal e interações perceptivas.

Os esquemas imagéticos são estruturas imaginativas de compreensão que operam em nossa percepção e movimento corporal, através do espaço e da manipulação física dos objetos. Portanto, essas estruturas dependem da experiência corporificada (JOHNSON, 1987). A metáfora também é uma estrutura da imaginação e assim como os esquemas imagéticos, ela também influencia a natureza do significado, restringindo nossas inferências racionais

¹⁰ Tradução livre, no original: “[...]Our reality is shaped by the patterns of our bodily movement, the contours of our spatial and temporal orientation, and the forms of our interaction with objects.” (JOHNSON, 1985, p. xix).

¹¹ Nesse trabalho, o termo imaginação se difere de fantasia e criatividade, pois dentro de uma perspectiva cognitiva, pautada na corporeidade, ela é uma operação pela qual as percepções físicas e motoras, de base corporal, são memorizadas como imagens, que por sua vez estão presentes no pensamento como um reflexo do nosso mundo físico. Assim, a imagem é uma espécie de pintura mental identificada na experiência sensorial (JOHNSON, 1987).

¹² Tradução livre, no original: “[...]image schemata and their metaphorical extensions are propositional in this special sense, they constitute much of what we call meaning structure and inferential patterns”. (JOHNSON, 1985, p. 4).

(ibidem). Desse modo, a polissemia é o reflexo dessas estruturas imaginativas, pois esses dispositivos imaginativos permitem a extensão de um sentido central de uma palavra para outros sentidos que estão relacionados (ibidem). Através dos esquemas imagéticos e das projeções metafóricas, a extensão de sentidos, característica do fenômeno da polissemia, é estruturada e convencionada em nossa língua.

A organização espacial, inerente ao uso das preposições, expressa pela transposição de esquemas imagéticos, é apresentada por Ilari *et al.* (2008) como “uso metafórico de preposições” (p. 656), pois, através de um ponto de vista cognitivista, a metáfora é uma “operação que permite conceitualizar objetos e situações de um determinado tipo em termos de outros objetos e situações [...] a metáfora é antes de mais nada um mecanismo de descoberta e de organização do real.” (ibidem, p. 656).

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora se encontra no sistema conceptual, subjacente à língua, ou seja, ela não é um fenômeno decorrente de regras gramaticais ou no léxico, ela é um fenômeno cognitivo cuja existência é concomitante ao sistema linguístico. Ainda segundo os autores, a metáfora está infiltrada não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. “Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 3)¹³.

Nesse sentido, a metáfora representa um papel significativo na consolidação da extensão de um sentido de base de uma palavra, pois ela permite que os diferentes significados de uma mesma palavra sejam estruturados em nossa mente e projetados em nossa língua. Desse modo, a metáfora:

[...] não é meramente uma modalidade linguística da expressão; Antes, é uma das principais estruturas cognitivas, pelas quais nós somos capazes de ter experiências coerentes, ordenadas, sobre as quais nós podemos raciocinar e fazer sentido. Através da metáfora, usamos padrões que ocorrem em nossa experiência física para organizar nossa compreensão mais abstrata [...]. Primeiro, nossos movimentos e interações corporais em vários domínios físicos da experiência são estruturados [...], e essa estrutura pode ser projetada pela metáfora sobre os domínios abstratos. Segundo, a compreensão metafórica não é meramente uma questão de projeções arbitrárias fantasiosas de qualquer coisa em qualquer coisa sem nenhuma restrição. A experiência corporal concreta não restringe apenas o ‘input’ para as projeções metafóricas, mas também a natureza das próprias projeções

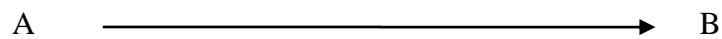
¹³ Tradução livre, no original: [...] Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 3).

metafóricas, ou seja, os tipos de mapeamentos que podem acontecer entre os domínios (JOHNSON, 1987, p. xiv-v)¹⁴.

Portanto, os processos metafóricos junto aos esquemas imagéticos são responsáveis por estruturar nossas experiências corporificadas, de modo que elas possam ser refletidas na língua. Por isso, os esquemas imagéticos, por exemplo, serão compostos de ‘partes’ que consistem de um conjunto de entidades, tais como pessoas, tipos de eventos, acessórios, estados físicos, fontes, metas, objetivos etc; e de ‘relações’, sendo elas relações causais, sequências temporais, estruturas agente-paciente e, até mesmo, relações instrumentais. Em geral, um esquema dado terá um número pequeno de partes entrando em relações simples (JOHNSON, 1987, p. 28).

Como um exemplo dessas partes e relações, podemos apresentar o esquema de trajetória citado por Johnson (1987, p. 28-9) e também levantado por Ilari *et al.* (2008), que é o esquema que podemos abordar para a representação espacial das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro:

2.12 Trajetória



A preposição ‘de’ corresponde à posição de origem ocupada pela letra ‘A’, e a preposição ‘para’ corresponde à posição de ponto final, ocupada por ‘B’ nessa representação imagética. Esse tipo de esquema é uma estrutura representativa de uma série de eventos, tais como (ibidem, p. 28): a) andar de uma direção à outra; b) lançar um objeto a um lugar ou a uma pessoa; c) chutar, socar alguém; d) dar alguma coisa a alguém; e e) mudança de estado

¹⁴Tradução livre, no original: [...] is not merely a linguistic mode of expression; rather, it is one of the chief cognitive structures by which we are able to have coherent, ordered experiences that we can reason about and make sense of. Through metaphor, we make use of patterns that obtain in our physical experience to organize our more abstract understanding [...]. First, our bodily movements and interactions in various physical domains of experience are structured (as we saw with image schemata), and that structure can be projected by metaphor onto abstract domains. Second, metaphorical understanding is not merely a matter of arbitrary fanciful projection from anything to anything with no constraints. Concrete bodily experience not only constrains the "input" to the metaphorical projections but also the nature of the projections themselves, that is, the kinds of mappings that can occur across domains. (JOHNSON, 1987, p. xiv-v).

físico, por exemplo, gelo derretendo (ibidem, p. 28). Esses eventos são interpretados metaforicamente como pontos de partida e ponto final, ou seja, ponto ‘A’ e ‘B’. Desse modo, percebemos que os “[...] esquemas imagéticos são mais gerais, abstratos e maleáveis do que imagens ricas; e eles têm partes definidas e relações estruturais que emergem principalmente no nível da nossa percepção ou movimentos físicos ou corporais.” (ibidem, p. 28)¹⁵.

Desse modo, é possível entender a polissemia por meio da experiência corporificada, pautada em um viés de uma representação espacial, pois, na medida em que os significados envolvem estruturas esquemáticas, que podem sofrer alterações em vários contextos, eles ganham estabilidade relativa ao tornarem-se convencionalmente pertencentes a uma rede de significados (JOHNSON, 1987). Descrever essas relações espaciais através de esquemas imagéticos é propor que a representação espacial, expressa no uso das preposições, é inerente à língua, como um “submódulo da relação espacial” (JACKENDOFF, 1992, p. 121)¹⁶. Esse tipo de abordagem, defendida por Jackendoff (1983; 1992), tem como base alguns fatores organizacionais básicos do cérebro humano e também de sua experiência corporificada.

Portanto, estendendo essa teoria para o uso das preposições ‘de’ e ‘para’, é possível propor que o caráter espacial de base, que elas já apresentam (conforme vimos no capítulo 1 e também veremos no final desse capítulo), pode se estender a diferentes contextos sem, contudo, perder a identidade localista, pois esta é resgatada através de uma interpretação metafórica do sentido de base. Na próxima seção, veremos um pouco mais acerca dessa representação espacial, estendida às preposições ‘de’ e ‘para’, e da estrutura semântica do esquema imagético de trajeto inerente a essas preposições.

2.3 Uma proposta para a representação espacial das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro

Nas seções anteriores, vimos um pouco sobre o fenômeno da polissemia e como esse fenômeno pode se estender ao uso das preposições do português brasileiro. Utilizamos alguns pressupostos teóricos que nos permitiram identificar os traços polissêmicos dessas preposições. E, através da experiência corporificada, desencadeadora da polissemia,

¹⁵ Tradução livre, no original: “[...]image schemata are more general, abstract, and malleable than rich images; and they have definite parts and structural relations that emerge chiefly at the level of our physical or bodily perception and movement (JOHNSON, 1987, p. 28-9).

¹⁶ Tradução livre, no original: “spatial relation submodule.”(JACKENDOFF, 1992, p. 121).

percebemos que o uso das preposições ‘de’ e ‘para’ está diretamente ligado à representação espacial de trajetória, seja ela de base ou conceitual. Vimos, também, que as preposições ‘de’ e ‘para’ indicam movimento no sentido de ponto de origem e ponto final, respectivamente. Elas possuem inerentemente uma noção semântica de trajeto; uma trajetória que permite um ponto de partida (preposição ‘de’) e um ponto final (preposição ‘para’).

Segundo Jackendoff (1992) e Pinker (2007), as línguas naturais tendem a organizar e individualizar os objetos por meio de uma localização conceptual. Portanto, pertencer a um eixo espacial específico, como o que abordamos nesse trabalho, isto é, o de trajetória, significa que a mente utiliza-se também desse atributo para a organização do nosso sistema linguístico. E, a representação do espaço na língua é tomada como uma estrutura abstrata que raramente se pondera conscientemente (PINKER, 2007).

A língua descreve o espaço de um modo que não parece em nada conhecido pela geometria, e pode às vezes deixar os ouvintes em suspenso no ar, no mar ou no escuro, para saber onde estão as coisas [...]. As línguas tendem a possuir termos para contato, alinhamento vertical, proximidade e para estar contido ou não, como se existisse um alfabeto cognitivo de relações espaciais mais básico que as preposições de cada língua (PINKER, 2007, p. 206-7).

Desse modo, acreditamos que as preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro apresentam significados relacionados com uma representação espacial de trajetória, não apenas por que buscamos uma interpretação plausível para isso, mas principalmente porque essa classificação vai ao encontro com a natureza metafórica e espacial das línguas naturais.

Conforme vimos no capítulo anterior, Ilari *et al.* (2008) afirmam que algumas preposições, inclusive ‘de’ e ‘para’, passaram por um processo de expansão de significados, indo da noção de base espacial para outras noções, tais como tempo, finalidade e outras; no entanto, independente dessa expansão, essas duas preposições pertencem ao eixo espacial horizontal, ou seja, o esquema imagético de trajetória; portanto, os significados estabelecidos pelas preposições ‘de’ e ‘para’, individualmente, possuem essa relação imagética entre si. Na função de base espacial das preposições, encontramos duas características que consolidam o caráter locacional dessas duas preposições, pois elas atuam no mesmo esquema de imagem e, conforme vimos nesse esquema, o eixo espacial horizontal, no caso das preposições ‘de’ e

‘para’ é demarcado por dois pontos específicos, um ponto de origem e outro final. Em um percurso imaginário, a preposição ‘de’ pode demarcar um ponto de partida em um dado trajeto; e a preposição ‘para’, um ponto de chegada. Por exemplo: ‘Maria saiu ‘de’ Chapecó direto ‘para’ Florianópolis’. Nessa sentença, observamos que as duas preposições acontecem concomitantemente. Em uma trajetória imaginária, ‘Maria’ sofreu um deslocamento, ou seja, ela partiu de um espaço de origem para outro correspondente ao final da trajetória. Obtivemos essa interpretação através do sentido de base que as preposições ‘de’ e ‘para’ estabelecem para os objetos a que fazem referência, ou seja, ‘Chapecó’ e ‘Florianópolis’.

Em uma perspectiva localista como a de Jackendoff (1983, 1992), as preposições estabelecem um significado locacional para o objeto a que fazem referência, mesmo que conceitualmente, localizando a figura no ponto de referência. Assim, o significado de base das preposições é projetado conceitualmente para outros campos semânticos que representam relações semânticas específicas, que, de certo modo, podem ser diretamente relacionadas com uma representação espacial, em que um objeto ou evento é localizado em outro objeto ou evento. No entanto, precisamos recorrer a uma interpretação mais abstrata, ou seja, imaginativa, para compreender essa projeção conceitual de localização. Jackendoff (1983) estabelece essa representação através de estruturas semânticas que organizam e padronizam essa representação espacial metafórica.

Segundo Jackendoff (1983; 1992; 1994) e Pinker (1993; 2007), as relações espaciais entre dois objetos não são expressas simetricamente na língua, inclusive no caso das preposições. Como modo de padronização, eles propõem um formalismo para o conceito geral de movimento, representado como [GO (X,P)]. Essa fórmula representa o movimento de algum objeto X, também chamado de tema, ao longo de uma trajetória P. Para esses autores, essa representação também é passível para categorias eventivas e estativas, que por sua vez, são situações que acontecem ao longo do tempo. As variáveis X e P da fórmula [GO] pertencem às categorias ontológicas [OBJECT] e [PATH], respectivamente, sendo ilustradas como:

2.13 [EVENT GO ([_{object} X], [_{path} p]) (JACKENDOFF, 1983, p. 152).

A função [GO] é a representação de uma trajetória de diversos eixos, inclusive o horizontal, lembrando que as preposições ‘de’ e ‘para’ são expressas nesse mesmo eixo

espacial. Essa função permite que organizemos a relação de significado que a preposição estabelece entre sua figura e seu objeto de referência, de modo que a representação espacial de base e também a representação espacial conceitual tenham uma interpretação semântica que se aplique a essas duas representações, fazendo com que um esquema imagético de trajetória represente uniformemente seu objeto e seu caminho, de forma que a rede de sentidos de uma preposição polissêmica possa ser agrupada em uma mesma estrutura, ou seja, independente da natureza de seu significado (de base ou metafórico), essa fórmula propicia uma interpretação padrão, dentro de uma perspectiva espacial.

A ideia de trajetória, numa função como [GO], pode ser expressa por um caminho-função. Nesse percurso, as preposições ‘de’ e ‘para’ atribuem sentidos aos seus complementos em um eixo espacial, seja ele de base ou conceitual. No inglês, o caminho-função expresso através da preposição ‘from’ designa um caminho que começa no objeto de referência, enquanto a preposição ‘to’ expressa um caminho que termina no objeto de referência (ibidem, JACKENDOFF, 1983, p. 165). O lugar ou ([PLACE]), especificado em uma trajetória P, é apresentado como uma função, onde a preposição, ao determinar um significado, localiza essa relação semântica no objeto de referência (idem, 1994 p. 203). Nesse sentido, o objeto de referência é usado para definir uma região em que se encontra a figura, através da relação de significado estabelecida, por exemplo, na sentença “ela se produziu toda ‘para’ a festa” a preposição ‘para’ estabelece relação semântica de finalidade para o objeto de referência ‘a festa’ e, interpretando conceitualmente essa relação, a preposição localiza a figura, representada pelo evento ‘se produzir’, no objeto de referência ‘a festa’. Fazendo um paralelo conceitual, o ponto de referência ‘a festa’, enquanto finalidade atribuída pelo predicador, pode representar um ponto final de uma trajetória conceitual.

Jackendoff (1992) expõe a grandeza das diferentes relações espaciais que as preposições podem expressar. Segundo ele, elas são naturalmente polissêmicas (p. 107). Por serem polissêmicas, as preposições apresentam restrições entre a figura e seu objeto de referência quando expressam relações espaciais. Para a definição de relações espaciais, alguns fatores devem ser respeitados, tais como: a assimetria entre a figura e objeto de referência, responsável pelos parâmetros básicos das relações espaciais; a descrição da referência do objeto; o objeto figura; a região ocupada pelo objeto de referência (p. 107). Essa assimetria segue os princípios de organização espacial que requerem que um objeto ou evento seja

localizado relativamente a outro objeto ou evento, para que assim a relação de significado seja estabelecida.

Dentro da classe dos significados dos sintagmas preposicionais, deve-se fazer uma distinção entre [PLACES] e [PATHS]. Dentro de uma estrutura de evento, [PLACES] projeta um ponto ou região que é ocupado por [THING]. Já [PATH] consiste de um caminho-função e um objeto de referência, como expresso pelo sintagma “para o chão” (JACKENDOFF, 1983, p. 163). Os sintagmas preposicionais correspondem aos conceitos de lugar de maneiras diferentes. Cada função de lugar impõe restrições conceituais sobre a natureza do objeto de referência. Esses objetos se apresentam na língua como restrições seletivas para as preposições que lhes fazem correspondência. Desse modo, as preposições não são empregadas aleatoriamente, pois existem restrições quanto à delimitação das relações de significados. Por exemplo, nas sentenças “Ele riu ‘de’ mim” e “Ele riu ‘para’ mim”, a depender da intenção do falante, a escolha da preposição determinará a relação de significado específica. Nos exemplos citados, ao atribuir a preposição ‘de’ ou ‘para’ ao objeto de referência ‘mim’, sentidos diferentes são compreendidos. Essa restrição imposta pelo objeto de referência refletirá diretamente na natureza dos significados que essas preposições estabelecerão. Na sentença “Ele riu ‘de’ mim”, a preposição ‘de’ denota um sentido de especificação, em que a origem da ação de ‘rir’ é proveniente do objeto de referência ‘mim’; já na sentença “Ele riu ‘para’ mim”, a preposição ‘para’ denota um sentido de direção, em que a meta da ação ‘rir’ também é proveniente do objeto de referência ‘mim’.

A função [PATH] ou função de trajetória pode ser dividida em três grandes tipos quando confrontados com relação a um dado percurso, retratando a direção a um objeto ou local de referência (JACKENDOFF, 1983, p. 165). Como exemplo do primeiro tipo, chamado “bounded paths”, podemos citar o caminho ‘fonte’ ou ‘origem’ do significado básico das preposições. Jackendoff (1983) cita os exemplos das preposições do inglês ‘from’ e ‘to’, formas correlatas do ‘de’ e do ‘para’ do português brasileiro, para demonstrar a relação de significado espacial dessas preposições. Por exemplo:

2.14 (a) “*John ran ‘from’ the house*” (ibidem, p. 165).

(a’) *João correu da casa.*

(b) “*John ran ‘to’ the house*” (ibidem, p. 165).

(b’) *João correu para a casa.*

Observe que, nas sentenças (a) e (b), as preposições ‘from’ e ‘to’ estabelecem relações de significado espacial de base, respectivamente ponto de origem e ponto final para o objeto de referência “house” (p. 165). O objeto de referência ou lugar são pontos de extremidade do início de um caminho de origem e o fim de um caminho de meta.

Um segundo tipo de trajetória (direction) é uma extensão do caminho para alguma distância não especificada. No português brasileiro, podemos citar sentenças como “João correu ‘para’ casa”, em que ‘casa’ não é necessariamente o ponto final, mas sim a direção de um percurso, no sentido de correr até a ‘casa’, sem, no entanto chegar e estar no objeto de referência ‘casa’. Um terceiro tipo de caminho é o de rota, em que o lugar ou objeto de referência está relatado no ponto interior da trajetória. Como exemplo desse tipo de caminho, temos a sentença: “O rato correu pela garagem”, em que a preposição ‘pela’ indica o ponto medial de um percurso.

Na relação espacial de trajetória, algumas preposições especificam, de modo real ou abstrato, o movimento entre a figura e um objeto de referência. Alguns grupos de preposições possuem eixos específicos que retratam determinados movimentos (JACKENDOFF, 1992). No português brasileiro, conforme apresentamos no primeiro capítulo, as preposições também se distribuem em eixo. No que concerne à rota desses movimentos, por exemplo, Ilari *et al.* (2008) apontam que as preposições ‘de’ e ‘para’ são representadas em um eixo espacial horizontal, ou seja, o movimento representa um deslocamento em linha reta, em que a preposição ‘de’ ocupa lugar de origem e a preposição ‘para’ meta. Jackendoff (1983) apresenta, como exemplo, as preposições ‘from’ e ‘to’, ambas opostas em uma trajetória linear:

2.15 (a) *‘The train came from inside the Soviet Union’* (JACKENDOFF, 1983 p.116

(a’) *O trem veio de dentro da União Soviética.*

(b) *‘The bird flew to the house’* (ibidem, p.116).

(b’) *O pássaro voou para casa.*

Na sentença (a), a preposição ‘from’, forma correlata da preposição ‘de’ do português brasileiro, denota o ponto de origem de uma trajetória, que começa na região em questão. Na sentença (b), a preposição ‘to’, forma correlata de ‘para’, expressa uma trajetória que termina na região. Desse modo, os exemplos (a) e (b) são construções que expressam um caráter espacial inerente ao significado das preposições.

Ao propor que as preposições apresentam caráter espacial, Jackendoff (1983; 1992) traz para sua discussão a complexidade do comportamento desses itens lexicais, ou seja, a polissemia. Algumas preposições envolvem configurações espaciais de base, ao relacionar uma figura a um objeto de referência. No entanto, muitas delas não apresentam esse comportamento prototípico de representação espacial. Todavia, propomos que o significado espacial, implícito no uso das preposições ‘de’ e ‘para’, pode ser interpretado metaforicamente, conforme vimos nas primeiras seções, apresentando, então, ambiguidade lexical. Esses significados metafóricos podem ser relacionados com os significados básicos das preposições, pois, a partir do momento em que identificamos nessa rede de significados traços semânticos semelhantes, sugerimos que as preposições podem, sim, ser itens polissêmicos. Embora a polissemia das preposições não seja tão evidente como em alguns nomes ou verbos, é possível, através da experiência corporificada e da criação de esquemas imagéticos, identificar que os significados das preposições ‘de’ e ‘para’ podem ser relacionados em uma trajetória espacial conceitual.

Dessa maneira, visando estabelecer uma relação entre os significados atribuídos pelas preposições ‘de’ e ‘para’, recorreremos a uma teoria que vise identificar uma relação direta entre as relações semânticas não espaciais das preposições e as relações espaciais. Essa teoria é denominada por Jackendoff (1983) como “Hipótese de Relação Temática”. Essa hipótese busca uma explicação para o fenômeno da polissemia das preposições, ou mesmo o processo de extensão de significado desses itens, através da interpretação de campos semânticos. Na seção a seguir, veremos como os significados projetados no caminho-função são organizados sistematicamente em campos semânticos dentro dessa hipótese, de modo que a interpretação conceitual de localização seja compreendida no uso das preposições ‘de’ e ‘para’.

2.3.1 Os campos semânticos e a Hipótese de Relação Temática

Após os pressupostos apresentados acerca da polissemia da preposição, da experiência corporificada e da representação espacial, passamos agora à organização dessa representação, ou seja, como organizamos os sentidos polissêmicos das preposições ‘de’ e ‘para’, de modo que possamos visualizar o seu sentido abstrato locacional. Nessa seção, nos propomos a apresentar a abordagem localista de Jackendoff (1983; 1992) para a compreensão das redes de sentidos dessas preposições. A princípio, o sentido de base espacial é aquele em que

conseguimos interpretar o sentido de localização sem recorrer a uma interpretação metafórica, por exemplo: “Eu fui ‘de’ Chapecó ‘para’ Roraima”. Nessa sentença, observamos que os sintagmas preposicionais apresentam de fato um significado relacionado a um local de base, ou seja, ponto de partida (Chapecó) e ponto final (Roraima). No entanto, esse significado locacional pode ser estendido para outros campos semânticos que não apresentem uma localização de base.

Os falantes têm acesso consciente apenas a um mundo, que já foi projetado e organizado inconscientemente pela nossa mente. Desse modo, somente são capazes de falar sobre as coisas na medida em que elas receberam uma representação mental através dos processos de organização em campos conceituais (JACKENDOFF, 1983, p. 28). Para Jackendoff (ibidem, p. 28), qualquer estrutura semântica da língua é uma teoria da estrutura semântica do pensamento. Desse modo, a Hipótese da Relação Temática implica estruturas conceituais que são organizadas de acordo com um conjunto muito limitado de princípios extraídos da conceptualização que fazemos do espaço. Essa teoria permite que organizemos de modo coerente e inconscientemente os eventos e os estados em campos semânticos específicos. Essa organização é um elemento indispensável do nosso pensamento cotidiano. A metáfora, processo cognitivo que permite a expansão e a interpretação de um significado de base para outros campos semânticos, permite usar qualquer campo semântico como uma metáfora para qualquer outro. Desse modo, os campos semânticos são metáforas do campo semântico de espaço (ibidem, p. 209). Por isso, o campo semântico espacial está fortemente apoiado pela cognição humana e pela experiência corporificada, permitindo a metaforização para outros tipos de campos semânticos. Além disso, o campo semântico espacial é plano comum para as faculdades essenciais da visão, toque e ação. (ibidem, p. 210).

Jackendoff (1983) propõe, sob uma perspectiva evolutiva, que a organização espacial existia muito antes da linguagem. Assim, é possível imaginar o desenvolvimento de uma estrutura temática em campos menos concretos como uma consequência de uma adaptação cognitiva de uma estrutura já existente para novos fins (ibidem, p. 210). Desse modo, uma estrutura temática conceitual é uma organização inata que permite que organizemos outras estruturas conceituais através de nossa experiência. Nesse processo, a experiência corporificada é o meio pelo qual somos capazes de expandir determinadas relações de significado de forma abstrata para outros campos que descrevam eventos e estados de coisas no mundo (ibidem, p. 210).

Pautado nessa teoria, Jackendoff (1992) adaptou, à sua maneira, a teoria localista de Gruber (1965; 1976) acerca da organização em campos semânticos de conceitos de localização e movimento. Para Jackendoff (1983; 1992), esses conceitos são abstraídos e generalizados para muitos campos semânticos. No caso das preposições, o autor afirma que esses itens podem aparecer em diferentes campos semânticos, apresentando uma relação de localização entre si (JACKENDOFF, 1983, 1992). Essa abordagem localista recebeu o nome de Hipótese da Relação Temática. Assim, nessa pesquisa, apresentaremos os cinco campos semânticos, propostos por Jackendoff (1983, 1992), que são: Temporal, Possessional, Identificacional, Circunstancial, e Existencial. Segundo ele, essa hipótese pode ser estendida e aplicada a todas as línguas para explicar a expansão para significados conceituais de itens que possuem caráter espacial de base (JACKENDOFF, 1983, p. 203). Desse modo, procuraremos estabelecer ligações entre esses cinco campos e os significados das preposições ‘de’ e ‘para’. Os campos semânticos que apresentaremos a seguir possuem a mesma estrutura semântica, ou seja, aquela que corresponde ao predicado GO de trajetória espacial: [EVENT GO ([object X], [path p])] (JACKENDOFF, 1983, p. 152). Esses campos semânticos, que são metáforas do campo semântico espacial, podem ser atribuídos às relações semânticas estabelecidas pelas preposições ‘de’ e ‘para’, localizando, conceitualmente, a figura no ponto de referência. Vejamos:

(i) *Campo semântico Temporal*

Nesse campo semântico, as relações que as preposições estabelecem para o seu objeto de referência definem uma dimensão denominada ‘pseudoespacial’, que corresponde a região ocupada por este objeto Jackendoff (1983), em que [EVENTS] e [STATES] podem aparecer como figura, e [TIMES] pode aparecer como objeto de referência. Na relação de significado, em um campo semântico Temporal, o tempo de ocorrência desempenha o papel de localização. Desse modo, a localização ou movimento temporal podem ser interpretados como localização e movimento espacial. Por exemplo: *João levante ‘de’ manhã cedo.*

(ii) *Campo semântico Possessional*

Assim como no campo semântico Temporal, no campo semântico Possessional, as preposições também estabelecem para o seu objeto de referência um significado ‘pseudoespacial’. Nesse ‘pseudoespaço’, [THINGS] aparecem como figura e também como objeto de referência. Ser possuidor alienavelmente desempenha o papel de locação, ou seja, ‘y

possui x', que é o paralelo conceptual do sentindo espacial 'x está em y' (JACKENDOFF, 1983, p. 192). Por exemplo: *João emprestou o livro 'para' Maria.*

(iii) *Campo semântico Identificacional*

Nesse campo semântico, algumas preposições podem se apresentar como marcador identificacional de locação. Em seu 'pseudoespaço', [THINGS] aparecem como *figura*, [THING TYPES] e [PROPERTIES] aparecem como objeto de referência. A especificação de um objeto de referência faz o papel de localização, ou seja, a *figura*, ao especificar uma característica do objeto de referência, também localiza-o conceitualmente. (ibidem, p. 194). Por exemplo: *Eu ganhei um porta retrato 'de' papel.*

(iv) *Campo semântico Circunstancial*

No campo semântico Circunstancial, o 'pseudoespaço' tem [THINGS] e que aparecem como *figura* e [EVENTS] e [STATES] aparecem como objeto de referência. As preposições estabelecem relação semântica, cuja interpretação dessa relação será algo como 'x é uma característica de y', que desempenha uma função 'x está em y' (ibidem, p. 198). Exemplo: *Eu estudei 'para' passar no concurso.*

(v) *Campo semântico Existencial*

Nesse tipo de campo semântico, no 'pseudoespaço', as preposições estabelecem relações semânticas que indicam algo como 'vir a existir', 'estar em existência' ou 'deixar de existir'. [THINGS] aparecem como *figura*. O objeto de referência é tido como uma região de referência chamada de [EX], que expressa existência (JACKENDOFF, 1983, p. 202-3). Por exemplo: *Eu trabalhei duro 'para' ser alguém na vida.*

No próximo capítulo, propomos fazer análises de sentenças, visando identificar uma relação entre os significados estabelecidos pelas preposições 'de' e 'para' dentro de seus respectivos campos semânticos. Utilizaremos pressupostos abordados até agora, acerca do fenômeno da polissemia, objetivando explicar como os significados espaciais de base das preposições 'de' e 'para' podem ser interpretados conceitualmente. Para tanto, expandiremos a Hipótese da Relação Temática para a descrição das preposições 'de' e 'para' do português brasileiro, buscando uma relação entre os significados dos usos não espaciais e os campos semânticos: Temporal, Possessional, Identificacional, Circunstancial e Existencial.

Procuramos estabelecer uma classificação para os significados das preposições ‘de’ e ‘para’ dentro dessa abordagem localista, adaptada por Jackendoff (1983,1992).

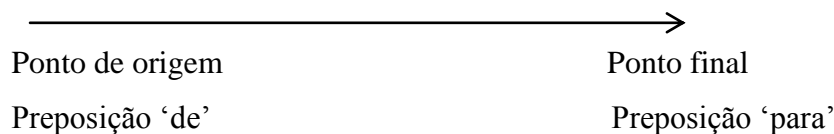
CAPÍTULO 3

A representação espacial das preposições polissêmicas ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro: uma proposta de análise através da Hipótese de Relação Temática

Nos últimos capítulos expomos algumas características associadas à categoria das preposições, identificando que as preposições, enquanto membros pertencentes a uma classe ‘fechada’, ou seja, que possui baixa possibilidade de acréscimo de itens novos, apresentam funções básicas na arquitetura de nossa língua, e uma dessas funções, conforme aponta Ilari *et al.* (2008), é localizar objetos ou eventos no espaço, sejam eles representados espacialmente de forma básica ou metafórica. Tyler e Evans (2003) também reforçam essa proposição através do comportamento semântico das preposições do inglês, alegando que esses itens são polissêmicos por apresentarem uma relação com o espaço através da experiência corporificada.

Como vimos, algumas pesquisas apontam que as preposições ‘de’ e ‘para’ podem ser representadas espacialmente como ponto de origem e ponto final respectivamente, em uma trajetória espacial imaginária, assim como algumas de suas formas correlatas na língua inglesa, por exemplo, ‘from’ e ‘to’. Ilari *et al.* (2008) propõem que as preposições ‘de’ e ‘para’ ocupam, em um esquema imagético de trajeto, as seguintes posições:

3.0 Esquema de trajeto



Esse esquema imagético é também um dos principais esquemas de imagens apontados por Johnson (1987). Esse esquema, segundo o autor, é uma estrutura da imaginação, isto é, uma projeção metafórica da experiência corporificada do falante, que por sua vez pode ser projetada na língua. Conforme apresentamos no capítulo anterior, esse tipo de esquema imagético tem relação direta com nossos movimentos corporais, esses que são relacionados diretamente ao nosso espaço físico. A experiência que depreendemos dessa percepção física e

especial pode, por sua vez, ser identificada na língua, principalmente quando, em determinados contextos, certos itens lexicais nos induzem a uma interpretação que, metaforicamente, possui relação com uma representação espacial. Assim, através de um esquema imagético, é possível interpretar relações semânticas que podem ser identificadas espacialmente.

No entanto, para uma proposição de polissemia das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro, precisamos suportar que as relações de significado, estabelecidas por essas duas preposições tenham uma relação entre si, ao menos em nível conceitual. Visando sustentar esse argumento, nos apoiaremos na abordagem localista de Jackendoff (1983; 1992) para corroborar o que estamos propondo nessa pesquisa. Segundo essa abordagem, que recebe o nome de Hipótese de Relação Temática, as relações de significado estabelecidas pelas preposições possuem relações entre si através de uma representação espacial de trajetória conceitual, em que campos semânticos distintos são empregados, a depender do conteúdo semântico das preposições, para identificar os significados das preposições em determinadas situações de uso e estabelecer os padrões de relação espacial que eles têm em comum. Assim, buscaremos apresentar como as preposições ‘de’ e ‘para’, em cada um desses campos, podem receber uma interpretação de ponto de origem ou ponto final respectivamente. Essa teoria é utilizada para as preposições do inglês; todavia, o próprio autor salienta que essa abordagem pode ser aplicada a outras línguas (JACKENDOFF, 1983, p. 203). Assim, através da análise desses campos, tentaremos identificar a quais deles cada relação de significado das preposições ‘de’ e ‘para’ pertence, buscando uma interpretação conceitual que justifique uma proposta de polissemia por meio de relação espacial.

Para tratar de relações de significado no que concerne às preposições ‘de’ e ‘para,’ é interessante salientar que, independentemente de sua posição estrutural, essas duas preposições atribuem conteúdo semântico para o objeto a que fazem referência. Desse modo, pretendemos identificar até que ponto é possível tratar de polissemia sob uma perspectiva localista a partir do comportamento semântico das preposições ‘de’ e ‘para’. Nas próximas seções procederemos com as análises e classificação dos campos semânticos de acordo com os usos das preposições ‘de’ e ‘para’ e da relação dos significados expressos por elas, com uma representação espacial de trajetória.

3.1 Campo Semântico Temporal

Como vimos no final do capítulo 2, no campo semântico Temporal, as relações de significação, estabelecidas pelas preposições, definem uma dimensão ‘pseudoespacial’¹⁷ (JACKENDOFF, 1983, p. 189). As sentenças que apresentam situações de eventos e estados, ou seja, que não apresentam localização propriamente dita, segundo Jackendoff (1983), aparecem como figura, e as situações que refletem tempo aparecem como objeto de referência em um esquema imagético de trajeto (figura 3). Nesse campo semântico, o tempo de ocorrência desempenha o papel de localização. Assim, a localização ou movimento temporal podem ser interpretados como localização e movimento espacial, respectivamente. Um exemplo citado por Jackendoff (1983) foi a sentença:

3. 1 (a) “*We moved the meeting ‘from’ Tuesday ‘to’ Thursday*” (p. 190)

(a’) *Passamos a reunião ‘de’ terça-feira ‘para’ quinta-feira.*

Nessa construção, as preposições ‘from’ e ‘to’, que podem ser formas correlatas do ‘de’ e do ‘para’ do português brasileiro, localizam espacialmente a figura, representada pelo evento ‘passar’, nos objetos de referências ‘Tuesday’ e ‘Thursday’. A preposição ‘from’ localiza o ponto de origem do evento; e a preposição ‘to’, o ponto final.

3.1.1 Campo semântico Temporal: preposição ‘de’

Dedicaremos nossas análises à preposição ‘de’ no campo semântico Temporal, em que a figura é localizada no tempo. Na sentença “Ele se levantou ‘de’ manhã cedo para trabalhar”, a preposição ‘de’ estabelece para o objeto de referência uma relação semântica de localização temporal, em que localiza a figura, isto é, o evento ‘levantar’, no tempo, ou região ocupada pelo objeto de referência. No entanto, para uma representação espacial conceitual, através de um esquema imagético de trajetória, precisamos identificar o ponto de origem ocupado por essa preposição. Assim, através dessa abordagem localista, podemos interpretar o ‘de’ como ponto de origem do evento, o início de uma trajetória temporal conceitual, baseada em um campo semântico Temporal. Assim, essa preposição localiza o evento no tempo.

Podemos identificar essa mesma relação nas sentenças “Esse mês voou, principalmente ‘do’ meio para o final” e “Ela trabalha ‘das’ duas às três horas”. Na primeira

¹⁷ Através de uma interpretação conceptual, a dimensão ‘pseudoespacial’, em todos os campos semânticos, se torna espacial.

construção, a preposição ‘de’ está contraída com o artigo ‘o’ e, assim como no exemplo anterior, localiza espacialmente no tempo a figura, representada pelo evento da sentença, estabelecendo uma relação de significado para o seu objeto de referência, que corresponde a uma localização espacial temporal. A preposição ‘de’ demarca ponto de origem ou de partida do objeto de referência temporal ‘do meio’.

Na segunda construção, a preposição ‘de’, localiza a figura, representada pelo evento ‘trabalhar’, no tempo, isto é, no objeto de referência ‘duas’. Nesses exemplos, assim como os anteriores, a objeto de referência é abstraído como uma região ‘pseudoespacial’, que quando interpretada conceptualmente, se torna espacial.

Abaixo, os esquemas imagéticos de trajeto dos exemplos analisados:

3.2 (a) Ele se levantou ‘de’ manhã cedo para trabalhar.

—————→
 Ponto de origem Temporal
 ‘de manhã’ (sintagma preposicional)

(b) Esse mês voou, principalmente ‘do’ meio para o final.

—————→
 Ponto de origem Temporal
 ‘do meio’ (sintagma preposicional)

(c) Ela trabalha ‘das’ duas às três horas.

—————→
 Ponto de origem Temporal
 ‘das duas’ (sintagma preposicional)

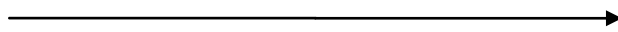
Os sintagmas preposicionais ‘de manhã’, ‘do meio’ e ‘das duas’ ocupam posição de origem em um esquema imagético de trajetória e ambos localizam espacialmente, no tempo, o evento das sentenças. Essa interpretação que estamos propondo para a preposição ‘de’ do português brasileiro é uma interpretação metafórica, que por sua vez pode encontrar sustentação na experiência corporificada do falante, através do movimento corporal e da percepção física do espaço, em que construções imaginativas são construídas e estabelecidas cognitivamente e conseqüentemente refletidas no léxico da língua (TYLER; EVANS, 2003).

3.1.2 Campo semântico Temporal: preposição ‘para’

Através da Hipótese de Relação Temática, a preposição ‘de’ pode localizar espacialmente no tempo o objeto a que faz referência, o mesmo também é possível para as relações de significação da preposição ‘para’. A título de exemplo, observe a sentença “Ele deixou o trabalho ‘para’ a semana que vem”. Nessa construção, a preposição ‘para’ estabelece relação semântica de localização temporal, localizando a figura, representada pelo evento ‘deixar’, no objeto de referência ‘a semana que vem’. Conforme apontou Ilari *et al.* (2008), a preposição ‘para’ ocupa, em uma trajetória de eixo espacial horizontal, posição de ponto final de percurso. No exemplo que apresentamos, também podemos interpretar essa preposição como ocupante dessa mesma posição, pois, embora a preposição estabeleça uma relação temporal, tendo como função localizar o evento no tempo, ela está representando o evento também espacialmente, porém de modo conceitual. Nesse caso, a preposição localiza espacialmente no tempo um evento que indica um movimento para uma dada direção, e essa direção corresponde a uma meta final do evento, ou seja, ‘para a semana que vem’.

Temos essa mesma relação espacial temporal nas sentenças “A reunião foi transferida ‘para’ 6h” e “Sua defesa foi marcada ‘para’ junho”. Na primeira construção, a preposição ‘para’ estabelece uma relação semântica de tempo para o objeto a que faz referência, ou seja, ela localiza esse evento, representando pela figura no tempo, isto é, no objeto de referência ‘6h’. Na segunda construção, essa mesma preposição também localiza no tempo a figura, correspondente ao evento ‘agendamento da defesa’. Assim, é possível propor uma interpretação em nível metafórico para esses sintagmas preposicionais, em que ‘para 6h’ e ‘para junho’ representam um ponto final em um esquema imagético de trajetória. Abaixo, os exemplos analisados em seus respectivos esquemas de imagem:

3.3 (a) Ele deixou o trabalho ‘para’ a semana que vem.



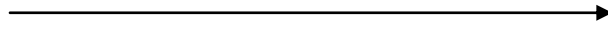
Direção do evento Temporal: Ponto final
‘para a semana que vem’(sintagma preposicional)

(b) A reunião foi transferida ‘para’ 6 h.



Direção do evento Temporal: Ponto final
‘para 6 h’ (sintagma preposicional)

(c) Sua defesa foi marcada ‘para’ junho.



Direção do evento Temporal: Ponto Final
‘para junho’ (sintagma preposicional)

Nos esquemas imagéticos apresentados, a preposição ‘para’ em cada um dos casos ocupa, em uma trajetória espacial conceitual, posição espacial de ponto final, demarcando espacialmente o evento da sentença no tempo. Agora, mostraremos outros esquemas em que a preposição ‘de’ e ‘para’ aparecem, juntas, demarcando ponto de origem e ponto final em uma trajetória Temporal.

3.4 (a) A aula foi transferida ‘de’ terça ‘para’ quarta.



Ponto de origem Temporal
‘de terça’ (sintagma preposicional)

Direção do evento Temporal: Ponto final
‘para quarta’ (sintagma preposicional)

(b) Ele mudou ‘de’ uma hora ‘pra’ outra.



Ponto de origem Temporal
‘de uma hora’ (sintagma preposicional)

Direção do evento Temporal: Ponto final
‘pra outra’ (sintagma preposicional)

Nas representações acima, buscamos apresentar as preposições ‘de’ e ‘para’ concomitantemente, pois nesses contextos é visível uma demarcação locacional conceitual, em que a trajetória temporal se inicia em uma origem até seu ponto final. Na construção (a), em 3.4, a preposição ‘de’ demarca o início da transferência e a preposição ‘para’, o final. Em 3.4 (b), a preposição ‘de’ demarca o início da mudança e a preposição para, o final. Na sentença (b), em 3.2 (“Esse mês voou, principalmente ‘do’ meio ‘para’ o final”), também vemos essa concomitância, em que as preposições ‘do’ e ‘para’ também demarcam pontos extremos de uma trajetória do evento ‘voar’. Desse modo, nossa proposição encontra indícios

de que pode existir uma relação entre um campo Temporal e um campo espacial propriamente dito. Na próxima seção, vamos estabelecer esse mesmo tipo de relação para significados pertencentes ao campo semântico Possessional.

3.2 Campo semântico Possessional

Nessa seção, faremos análises das preposições ‘de’ e ‘para’ que apresentem relação de significação relacionada ao campo semântico Possessional, buscando estabelecer um paralelo com uma representação espacial de trajetória. Procuramos compreender até que ponto podemos encontrar uma conexão entre os significados relacionados à posse e ao espaço, lembrando que as preposições ‘de’ e ‘para’, individualmente, estabelecem esses tipos de significados para os objetos a que fazem referência. Propomos que, as preposições ‘de’ e ‘para’ também podem apresentar uma relação, em nível conceitual, localista de ponto de origem e ponto final.

Nesse tipo de campo semântico, também existe um ‘pseudoespaço’ estabelecido pelas preposições aos seus objetos de referência. Nos ‘pseudoespaços’, objetos aparecem como figura e como objeto de referência. Em um campo semântico Possessional, ser um possuidor significa desempenhar um papel de local, correspondendo à função ‘y possui x’, que pode ser um paralelo conceitual do sentido espacial ‘x está em y’ (JACKENDOFF, 1983). Baseada na Hipótese de Relação Temática de Jackendoff (1983), Levin e Rappaport Hovav (2005) apresentam os seguintes exemplos da preposição ‘to’, forma correlata de ‘para’, do campo semântico Possessional:

3.5 (a) *The reward went ‘to’ Bill* (ibidem, p. 83).

(a’) *A recompensa foi ‘para’ Bill.*

(b) *Pat gave the ball ‘to’ Terry* (ibidem, p. 83).

(b’) *Pat deu a bola ‘para’ Terry.*

As autoras apresentam essas sentenças para explicar como as relações de posse, que a preposição ‘to’ estabelece para o objeto de referência, podem ter conexão com uma representação espacial conceitual. Para elas, “[...] a preposição ‘para’ pode ser usada para indicar não somente uma localização, que é o objetivo do movimento físico, mas também um

possuidor-um objetivo dentro do campo Possessional”¹⁸. Esse objetivo equivale a uma meta ou ponto final em uma trajetória espacial. Nas seções a seguir, nos dedicaremos a análises das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro dentro do campo Possessional.

3.2.1 Campo semântico Possessional: preposição ‘de’

Buscando estabelecer uma relação entre os significados atribuídos pelas preposições ‘de’, apresentamos como exemplo a sentença “Ela emprestou o livro ‘do’ João”. Nessa construção, a figura ‘livro’ representa uma coisa que é possuída pelo objeto de referência ‘João’; a preposição, nesse caso, tem função de localizar essa posse, ou seja, a preposição localiza o ‘x em y’, estabelecendo um ponto de local de origem ou ponto inicial da coisa, representada por ‘livro’. ‘João’, enquanto possuidor, é então uma região onde uma coisa é localizada inicialmente, melhor dizendo, originalmente. Desse modo, através dessa interpretação imaginativa que estamos propondo, é possível imaginar uma trajetória em que a coisa se encontra em seu lugar original, ou seja, seu ponto inicial de posse.

Nos exemplos “Esse ladrão é um covarde, ele roubou a bolsa ‘de’ uma velhinha” e “Ele pichou o prédio ‘da’ prefeitura”, a preposição ‘de’ também estabelece relação de posse, ao relacionar as figuras ‘bolsa’ e ‘prédio’ com os objetos de referência ‘velhinha’ e ‘prefeitura’, respectivamente. Assim, estabelecendo um paralelo conceitual com uma representação espacial de trajetória, os objetos de referência equivalem aos ‘pseudoespaços’; logo, as figuras localizadas são correspondentes aos pontos de origem de uma trajetória conceitual de posse. Abaixo, os possíveis esquemas de imagem que representam as sentenças analisadas, em que ‘de’ ocupa uma posição inicial em esquema de trajeto:

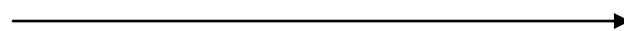
3.6 (a) Ela emprestou o livro ‘do’ João.



Ponto de origem Possessional

‘do João’ (sintagma preposicional)

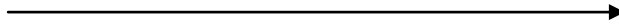
(b) Esse ladrão é um covarde, ele roubou a bolsa ‘de’ uma velhinha.



¹⁸ Tradução livre, no original: “[...] The preposition to can be used to indicate not only a location that is the goal of physical motion, but also a possessor- a goal within the possessional field”. (LEVIN; HAPPAPORT HOVAV, 2005, p. 83.

Ponto de origem Possessional
 ‘de uma velhinha’ (sintagma preposicional)

(c) Ele pichou o prédio ‘da’ prefeitura.



Ponto de origem Possessional
 ‘da prefeitura’ (sintagma preposicional)

Nos esquemas apresentados acima, propomos identificar uma ligação entre as relações de significado estabelecidas pela preposição ‘de’, do campo semântico Possessional, com o campo de base espacial. Através dos pressupostos apresentados e também das proposições apresentadas, sustentamos que é possível encontrar uma conexão em nível espacial, pois, como pudemos observar nos esquemas, em um campo semântico de posse, a preposição ‘de’ localiza, originalmente, no objeto de referência, uma região de posse. Esse paralelo também é possível com a preposição ‘para’, como veremos na próxima seção.

3.2.2 Campo Semântico Possessional: preposição ‘para’

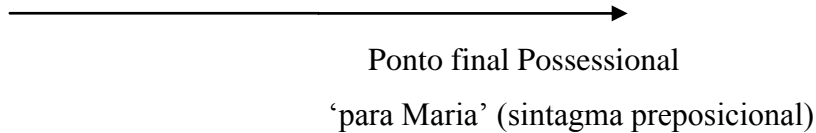
Na sentença “João entregou o presente ‘para’ Maria”, a preposição ‘para’ estabelece para o objeto de referência ‘Maria’ uma relação de posse ao localizar a figura ‘presente’ no objeto de referência ‘Maria’, representando uma região localizada pela preposição ‘para’. Assim, estabelecendo um paralelo conceitual, a preposição ‘para’ demarca uma posição de ponto final do percurso da figura ‘presente’.

Conseguimos compreender esse mesmo tipo de interpretação nas sentenças “Essa comida é ‘para’ o cachorro, não para nós” e “Ele deu casas ‘para’ os desabrigados”. Na primeira construção, consideremos o primeiro sintagma preposicional ‘para o cachorro’. Nesse exemplo, a preposição ‘para’ representa o destino da posse, ou seja, instituindo um paralelo conceitual, essa preposição localiza a figura ‘comida’ no ‘pseudoespaço’ ‘os desabrigados’.

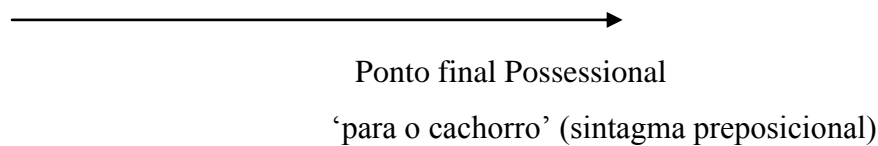
Na segunda construção, a preposição ‘para’ localiza a figura ‘casas’ no objeto de referência e, também ‘pseudoespaço’ ‘os desabrigados’; assim, essa preposição institui um

ponto final ou meta em uma trajetória espacial conceitual. Abaixo, a representação imagética das sentenças analisadas:

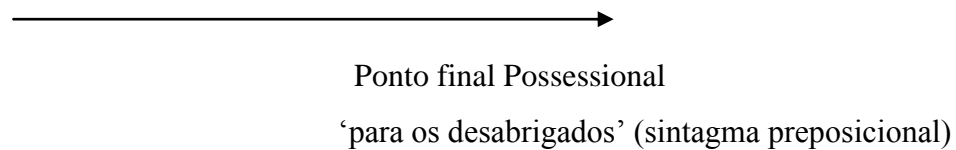
3.7 (a) João entregou o presente ‘para’ Maria.



(b) Essa comida é ‘para’ o cachorro, não para nós.

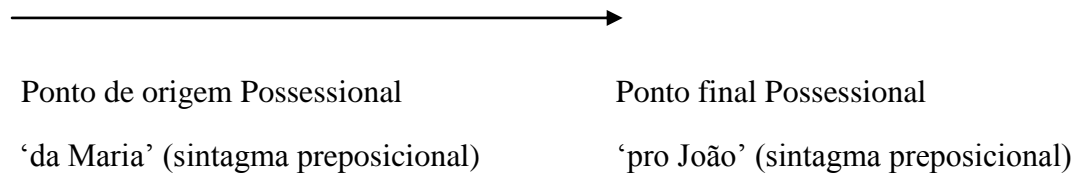


(c) Ele deu casas ‘para’ os desabrigados.

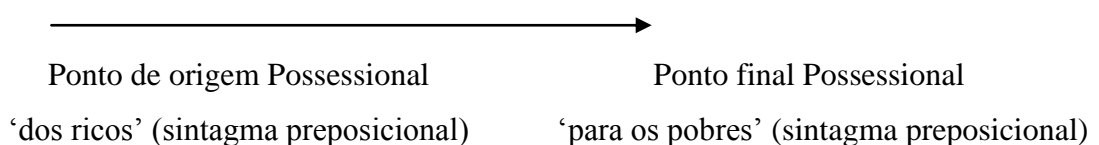


Como pudemos observar nos esquemas acima, a preposição ‘para’ ocupa, em um esquema imagético de trajetória, posição final de percurso. Essa preposição localiza a região da posse. Para uma melhor visualização de trajetória, dentro do campo Possessional, apresentamos a seguir esquemas de imagem com as preposições ‘de’ e ‘para’.

3.8 (a) “O livro ‘da’ Maria foi emprestado ‘pro’ João”.



(b) Ele roubou dinheiro ‘dos’ ricos e deu ‘para’ os pobres.



Nos exemplos acima, a preposição ‘de’ demarca posição de origem; em 3.8 (a) podemos fazer um paralelo conceitual em que essa preposição demarca a origem da figura ‘livro’, nesse sentido, ‘Maria’, conceitualmente, representa uma extensão espacial, isto é, a região onde o livro se encontrava inicialmente. Em 3.8 (b) a preposição também localiza a figura ‘dinheiro’, no objeto de referência ‘dos ricos’, que representa uma região conceitual de origem. Por outro lado, a preposição ‘para’ indica a direção final da figura, pois, nos esquemas acima, é possível visualizar que as figuras ‘livro’ e ‘dinheiro’ sofreram um deslocamento de seus pontos de origem para seus pontos finais ‘pro João’ e ‘para os pobres’ respectivamente.

Desse modo, através dos esquemas apresentados, estabelecemos um paralelo conceitual a uma representação espacial, com o objetivo de identificar uma relação entre os significados estabelecidos pelas preposições ‘de’ e ‘para’ que corroborem a existência do fenômeno da polissemia nos diferentes usos dessas duas preposições. Através de nossas análises, baseadas em interpretações metafóricas, acreditamos que é possível que as preposições ‘de’ e ‘para’ sejam itens polissêmicos, ao menos nas relações espaciais, temporais e possessivas. Veremos, a seguir, se é possível estabelecer esse mesmo paralelo com o campo semântico Identificacional.

3.3 Campo semântico Identificacional

Nessa seção, nos dedicaremos às análises das relações de significado das preposições ‘de’ e ‘para’ que possuam alguma conexão com o campo semântico Identificacional, buscando apontar características análogas a uma representação espacial de trajetória. Nos outros campos analisados, propomos que essas duas preposições ocupam respectivamente ponto de origem e ponto final de um percurso de trajeto conceitual e tentamos encontrar uma possível interpretação que identificasse natureza localista. Agora, tentaremos encontrar essa mesma interpretação para o campo semântico Identificacional.

A saber, no campo semântico Identificacional, as preposições estabelecem relações de significado conceitual de espaço quando elas se apresentam como um marcador de identificação, ou seja, ao especificar uma característica do objeto de referência, ela também o localiza conceitualmente. Segundo Jackendoff (1983), nos ‘pseudoespaços’ representados nas sentenças, objetos ou eventos aparecem como figuras, enquanto tipos de objetos e as suas

propriedades particulares aparecem como objeto de referência. A especificação de um objeto de referência faz o papel de localização, ou seja, a figura, ao especificar uma característica do objeto de referência, também localiza-o conceitualmente. Para exemplificar esse tipo de campo semântico, apresentamos a seguinte sentença:

3.9 (a) “*The light change ‘from’ red ‘to’ green*” (JACKENDOFF, 1983, p. 195).

(a’) *A luz mudou de vermelho para verde.*

Nessa sentença, as preposições ‘from’ e ‘to’ do inglês, atribuem um tipo de característica ao objeto de referência. Nesse exemplo, a preposição ‘from’ localiza a figura ‘light’ no objeto de referência ‘red’, estabelecendo uma especificação inicial. Já a preposição ‘to’ localiza a figura ‘light’ no objeto de referência ‘green’, estabelecendo uma especificação final. Essas atribuições, de característica inicial e final do objeto de referência, podem corresponder também a uma interpretação de ponto de origem e de ponto final, respectivamente, em um esquema imagético de trajeto. Nas próximas seções, propomos uma interpretação espacial para as preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro dentro do campo semântico Identificacional.

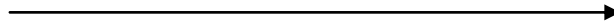
3.3.1 Campo semântico Identificacional: preposição ‘de’

Dedicaremos nossas análises à descrição do comportamento semântico da preposição ‘de’ no campo semântico Identificacional. Nesse tipo de campo semântico, a preposição atribui uma característica identificacional ao seu objeto de referência. Por exemplo, nas sentenças “Eu não gosto ‘de’ chocolate” e “Maria ganhou uma bolsa ‘de’ couro”, a preposição ‘de’ localiza as figuras ‘gostar’ e ‘bolsa’, nos objetos de referência ‘chocolate’ e ‘couro’. No primeiro caso, o ‘pseudoespaço’ representa a origem do evento ‘gosto’, em que ‘chocolate’ é abstraído como um subconjunto do conjunto das coisas que desencadeiam o evento ‘não gostar’. Na segunda sentença, a figura ‘bolsa’ é localizada no conjunto das coisas que são de ‘couro’; desse modo, o objeto ‘bolsa’ tem sua origem abstraída desse conjunto, isto é, ela é oriunda das coisas que apresentam a propriedade ‘couro’.

Estabelecemos esse mesmo paralelo na sentença “Esse rapaz vem ‘de’ uma família tradicional”. A preposição ‘de’ também atribui uma propriedade particular ao objeto de referência, especificando a origem da figura ‘rapaz’. Ao especificar uma característica, a preposição ‘de’ está localizando, em uma trajetória identificacional, o local de origem

ocupado pelo objeto de referência ‘uma família tradicional’. Desse modo, a preposição ‘de’, nas sentenças acima, ocupa a posição de origem em um esquema imagético de trajeto:

3.10 (a) Eu não gosto ‘de’ chocolate.



Ponto de origem Identificacional
‘de chocolate’ (sintagma preposicional)

(b) Maria ganhou uma bolsa ‘de’ couro.



Ponto de origem Identificacional
‘de couro’ (sintagma preposicional)

(c) Esse rapaz vem ‘de’ uma família tradicional.



Ponto de origem Identificacional
‘de uma família tradicional’ (sintagma preposicional)

Nos esquemas acima, procuramos estabelecer um paralelo conceitual com uma trajetória de natureza espacial e, de acordo como nossa análise e nossa exposição dos esquemas de imagem, acreditamos que essa conexão entre as relações de sentidos expressadas pela preposição ‘de’ no campo semântico Identificacional pode ser identificada através de interpretação metafórica. A seguir, buscaremos encontrar esse paralelo com a preposição ‘para’.

3.3.2 Campo semântico Identificacional: preposição ‘para’

Nessa seção, nos dedicaremos às análises do comportamento semântico da preposição ‘para’ no campo semântico Identificacional. Começamos com a sentença “A média do semestre baixou para 5,5”. Nessa construção, a preposição ‘para’ relaciona a figura ‘média do semestre’ com o objeto de referência ‘5,5’, especificando a direção final. Fazendo um paralelo conceitual, essa identificação, atribuída pela preposição ‘para’, corresponde a um ponto final

de percurso, isto é, a média do semestre tinha uma pontuação inicial de um valor x sofreu um deslocamento diminutivo até ocupar uma posição final y.

O mesmo paralelo pode ser estabelecido para as sentenças “O salário da Maria subiu ‘para’ 15 mil” e “João foi dessa ‘para’ uma melhor”. Na primeira construção, a preposição ‘para’ identifica um estado final do objeto referente, isto é, o sintagma ‘para 15 mil’, em um esquema de trajetória conceitual, corresponde a uma interpretação como: o salário da Maria tinha um valor x que aumentou para o valor y, ou seja, houve um deslocamento, em que ‘para 15 mil’ representa um ponto final de um valor anterior original. Na segunda construção, a preposição ‘para’ localiza a figura, representada pelo evento ‘ir’ no objeto de referência ‘uma melhor’, identificando a situação final. Abaixo, os esquemas de imagens correspondentes a essas sentenças:

3.11 (a) A média do semestre baixou ‘para’ 5,5.



Ponto final Identificacional

‘para 5,5’ (sintagma preposicional)

(b) O salário da Maria subiu ‘para’ 15 mil.



Ponto final Identificacional

‘para 15 mil’ (sintagma preposicional)

(c) João foi dessa ‘para’ uma melhor

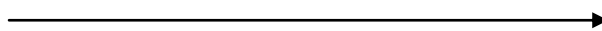


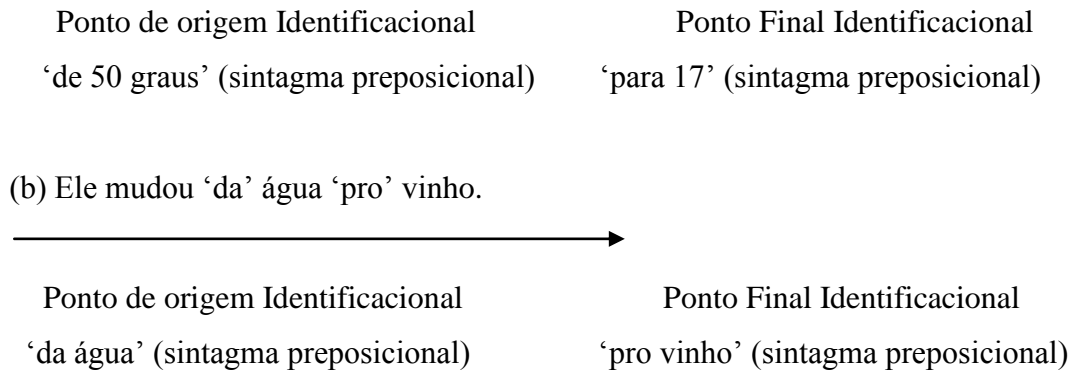
Ponto final Identificacional

‘para uma melhor’ (sintagma preposicional)

Como pudemos observar nos esquemas apresentados, a preposição ‘para’ ocupou uma posição final em uma trajetória espacial identificacional, em que a característica atribuída ao objeto de referência é a própria região localizada conceitualmente. Nos esquemas a seguir apresentaremos concomitantemente as preposições ‘de’ e ‘para’ em uma trajetória Identificacional.

3.12 (a) A temperatura caiu ‘de’ 50 graus ‘para’ 17.





No exemplo 3.12 (a), a preposição ‘de’ demarca ponto de origem ao relacionar a figura, ou seja, o evento ‘cair’ com o objeto de referência ‘50 graus’; e a preposição ‘para’ demarca ponto final para o objeto de referência ‘17’. Nele, as preposições ilustram um deslocamento identificacional, pois a figura do evento possui um estado inicial que se alterou para outro, ou seja, a queda da temperatura. Na sentença 3.12 (b), as preposições ‘de’ e ‘para’ ilustram um deslocamento também conceitual, em que a primeira preposição identifica o ponto de origem do evento ‘mudança’ no objeto de referência ‘água’, e a segunda o ponto final no objeto de referência ‘vinho’. Nesse esquema, observamos a mudança de um estado inicial para outro final.

Até aqui, propomos que as preposições ‘de’ e ‘para’, nos casos em que as relações de significado estão expressas no campo semântico Identificacional, possuem uma conexão com uma interpretação de natureza espacial. Observamos, também, que os outros campos semânticos analisados apresentam esse mesmo paralelo; sendo assim, é possível que os significados das preposições, em cada campo semântico distinto, tenham relação entre si, caracterizando o fenômeno da polissemia desses itens, ou seja, os significados são diferentes, a depender do contexto. No entanto, eles podem, através de uma interpretação metafórica e pautada em uma abordagem localista, possuir uma mesma representação espacial de trajetória para os diferentes significados empregados.

3.4 Campo semântico Circunstancial

No capítulo 1, apresentamos algumas relações semânticas de circunstâncias. Desse modo, a partir do que apresentamos e também do que analisaremos, propomos estabelecer

alguma relação, em nível conceitual, localista de ponto de origem e ponto final para o campo semântico circunstancial.

Nas sentenças eventivas ou estativas de um campo semânticos Circunstancial, os objetos e eventos aparecem como figuras, e as situações de eventos e estados aparecem como objeto de referência. Nesse tipo de campo, as preposições estabelecem relação semântica, cuja interpretação seria algo como ‘x está em y’ (JACKENDOFF, 1983). A título de exemplo, o autor apresenta a sentença:

3.13 (a) *You are far ‘from’ finishing this book* (JACKENDOFF, 1983, p. 201).

(a’) *Você está longe ‘de’ terminar este livro.*

Nessa sentença, a preposição ‘from’, corresponde a uma circunstância de distância do evento, atribuindo uma posição inicial, contrária ao evento ‘terminar’, ou seja, a figura, caracterizada pelo evento ‘estar longe’, localiza o evento ‘terminar’ em uma circunstância distante, isto é, ainda em situação inicial. Veremos outras sentenças com interpretação localista, a depender da circunstancia do evento, nas próximas seções.

3.4.1 Campo semântico Circunstancial: preposição ‘de’

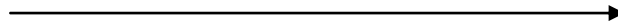
No português brasileiro, temos a relação semântica de circunstância de modo e circunstância de causa entre outras, cujos significados podem ser relacionados com o campo semântico Circunstancial. Na sentença “João morreu de câncer”, a preposição ‘de’ estabelece relação semântica de circunstância de causa para o seu objeto referente ‘câncer’ e, ao tentar estabelecer um paralelo conceitual, propomos que a preposição ‘de’ pode representar o motivo inicial e desencadeador do evento ‘morrer’, ou seja, ‘de câncer’.

Em uma relação semântica de circunstância de causa, também é possível que encontremos uma interpretação similar. Por exemplo, “Maria chorou ‘de’ tanto sorrir”. Nessa construção, a preposição ‘de’ estabelece um significado de circunstância de modo para o seu objeto referente e, ao estabelecer esse valor semântico, também representa o modo inicial do evento, ou seja, a preposição desencadeia originalmente um evento. O sintagma ‘de tanto sorrir’ representa o ponto de origem em uma trajetória conceitual circunstancial, pois é o desencadeador inicial da figura, representada pelo evento ‘chorar’.

Na sentença “João foi trabalhar ‘de’ carro”, a preposição ‘de’ localiza o evento ‘trabalhar’ no ‘pseudoespaço’ simbolizado pela circunstância de modo, ou seja, ‘de carro’.

Em um paralelo conceitual, o objeto ‘carro’ é um subconjunto do conjunto das coisas que representam um modo que locomoção. Desse modo, o evento ‘ir trabalhar’ é localizado originalmente nesse subconjunto, em que o objeto de referência representa um ponto final, isto é, uma região y que é ocupada por x. Observe as sentenças nos esquemas abaixo:

3.14 (a) “João morreu ‘de’ câncer”



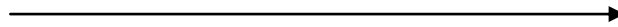
Ponto de origem circunstancial
‘de câncer’ (sintagma preposicional)

(b) Maria chorou ‘de’ tanto sorrir.



Ponto de origem circunstancial
‘de tanto sorrir’ (sintagma preposicional)

(c) João foi trabalhar ‘de’ carro.



Ponto de origem circunstancial
‘de carro’ (sintagma preposicional)

Como vimos nos esquemas acima, nas sentenças com a preposição ‘de’, cujas relações de significação se identificam com o campo semântico circunstancial, foi possível estabelecer alguma relação com uma representação espacial de trajetória. De acordo com nossa interpretação, acreditamos que, ao determinar uma trajetória conceitual circunstancial, a preposição ‘de’ apresenta vestígios que nos permitem interpretar metaforicamente como ponto de origem do evento.

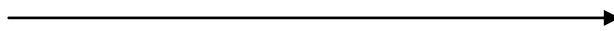
3.4.2 Campo semântico Circunstancial: preposição ‘para’

Para estabelecer um paralelo conceitual com a preposição ‘para’ no campo semântico Circunstancial, analisaremos sentenças em que essa preposição apresenta algum traço semântico que possa ser interpretado como um significado pertencente a esse campo semântico. Nesse tipo de campo semântico, conforme apontamos no início da seção 3.4,

objetos e eventos podem aparecer como figura e situações de eventos e estados aparecem como objeto de referência. Nas relações semânticas de finalidade, encontramos algumas similaridades com as características do campo semântico Circunstancial. Observe a sentença “Ele canta todas as noites ‘para’ ganhar um dinheiro extra”. Nessa construção, ‘para ganhar um dinheiro extra’ apresenta como objeto de referência um evento, e a preposição ‘para’ estabelece um significado de finalidade para esse evento. Fazendo um paralelo conceitual, essa finalidade representa uma meta, ou seja, um ponto final em uma trajetória conceitual de circunstância de finalidade, e essa finalidade representa a característica do evento ‘cantar’.

Observe exemplos “Ele matou ‘para’ não morrer” e “Ele adiantou seu trabalho ‘para’ poder sair mais cedo”. Nessas sentenças, a preposição ‘para’ também estabelece relação de finalidade para os objetos de referência ‘para não morrer’ e ‘sair mais cedo’. Esses ‘pseudoespaços’ representam a meta dos eventos citados. E, como no exemplo anterior, ‘para não morrer’ e ‘para sair mais cedo’ correspondem ao paralelo conceitual de objetivo ou ponto final em uma trajetória conceitual de circunstância. Nos esquemas abaixo, propomos uma representação dessas relações de significado do campo semântico Circunstancial:

3.15 (a) Ele canta todas as noites ‘para’ ganhar um dinheiro extra.



Ponto final circunstancial

‘para ganhar um dinheiro extra’ (sintagma preposicional)

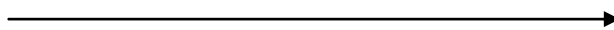
(b) Ele matou ‘para’ não morrer.



Ponto final circunstancial

‘para não morrer’ (sintagma preposicional)

(c) Ele adiantou seu trabalho ‘para’ poder sair mais cedo.

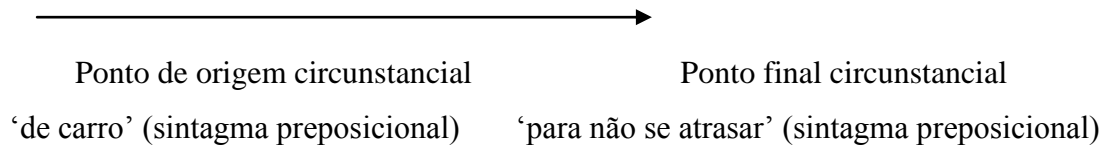


Ponto final circunstancial

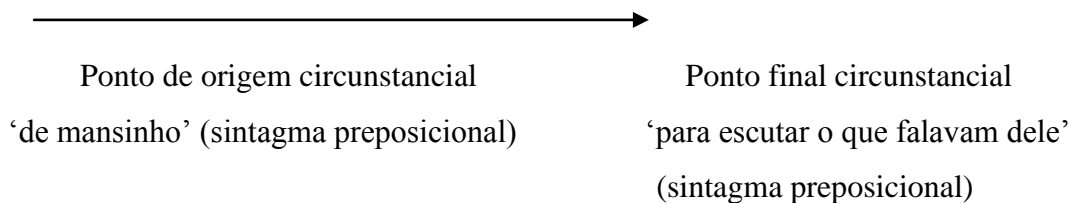
‘para poder sair mais cedo’ (sintagma preposicional)

Assim como nos campos semânticos apresentados acima, buscamos, também no campo Circunstancial, representar esquematicamente uma concomitância entre a preposição ‘de’ e ‘para’ em uma trajetória conceitual. Observe os esquemas abaixo.

3.16 (a) Ele foi ‘de’ carro ‘para’ não se atrasar.



(b) Ele chegou ‘de’ mansinho ‘para’ escutar o que falavam dele.



No esquema 3.16 (a), as preposições ‘de’ e ‘para’ representam um deslocamento de uma circunstância de modo para uma circunstância de causa. A preposição ‘de’ identifica o ponto de origem ao demarcar o modo ‘x’ para não ter como resultado ‘y’, ou seja, com a finalidade de não se atrasar, ele procurou ir de carro. No esquema 3.16 (b), as preposições também ilustram um deslocamento de uma circunstância de modo para uma circunstância de causa. A preposição ‘de’ ocupa a posição de origem ao demarcar o modo ‘x’ para obter ‘y’, ou seja, com a finalidade ou meta de ‘escutar o que falavam dele’, ‘ele’ precisou agir inicialmente de um modo, isto é, ‘de mansinho’. Todavia, para ter essas interpretações é preciso recorrer a uma interpretação metafórica, para que a noção de trajetória espacial possa ser compreendida de maneira esquemática.

Através dos esquemas acima, percebemos que é possível estabelecer paralelo conceitual com uma representação espacial. Ao apresentar um esquema imagético, baseado em uma trajetória circunstancial, conseguimos interpretar a preposição ‘para’ como um ponto final ou meta de um percurso imaginário. Propomos que as preposições ‘de’ e ‘para’, em campo semântico Circunstancial e através de uma interpretação conceitual, podem ocupar posições de ponto de origem e ponto final. Desse modo, propomos, mais uma vez, que os significados estabelecidos por essas preposições possuem relação entre si, caracterizando o

fenômeno da polissemia. Para tanto, ainda resta a abordagem de mais um campo semântico, o Existencial.

3.5 Campo semântico Existencial

Nesse tipo de campo semântico, as preposições, ao relacionar objetos e eventos a outros objetos e eventos, isto é, figura x objeto de referência, estabelecem relações semânticas que correspondem a situações paralelas ‘vir a existir’, ‘estar em existência’ ou ‘deixar de existir’. Nos ‘pseudoespaços’, objetos e eventos aparecem como figura e o objeto de referência é tido como uma região de referência chamada de [EX], que expressa existência (JACKENDOFF, 1983). No português brasileiro, Neves (2011) aponta as construções do verbo SER, em que as preposições ‘de’ e ‘para’ aparecem em sentenças com a formação ‘de ser’ ou ‘para ser’. Nas próximas seções, buscaremos encontrar alguma interpretação metafórica que nos permita identificar um paralelo com a representação espacial de trajetória de ponto de origem e ponto final para as preposições ‘de’ e ‘para’. Todavia, diferentes dos outros campos semânticos, no campo semântico Existencial não foi possível estabelecer esquemas imagéticos concomitantes com a preposição ‘de’ e ‘para’, apenas individualmente.

3.5.1 Campo semântico Existencial: preposição ‘de’

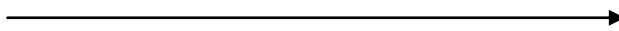
Nesse campo semântico, analisaremos sentenças em que a preposição ‘de’ estabelece relação semântica que corresponde a eventos indicativos de situações de existência, tais como significados paralelos a ‘vir a existir’, ‘estar em existência’ ou ‘deixar de existir’. Através das análises, buscaremos identificar algum paralelo conceitual com a representação espacial de trajetória. Na sentença “Eu tenho orgulho ‘de’ ser brasileiro”, a preposição ‘de’ atribui uma ideia de origem ao relacionar a figura ‘orgulho’ com o objeto de referência ‘ser brasileiro’, pois, esse ‘pseudoespaço’ é o desencadeador inicial para ter ‘orgulho’. Sendo assim, a preposição localiza ‘orgulho’ em ‘ser brasileiro’, como algo que venha a existir de maneira x, isto é, como brasileiro.

Na sentença “Ela tem um jeito ‘de’ ser diferente das outras”, a preposição ‘de’ localiza a figura ‘jeito’ no ‘pseudoespaço’ ‘ser diferente’. Nessa interpretação, o objeto de referência

representa algo que está em existência de um modo x, isto é, a uma origem depreendida do conjunto ‘ser ou existir diferente’.

Em outro contexto, tal como “O Discovery apresenta os perigos ‘de’ ser uma mulher diabética”, a preposição ‘de’ localiza a figura ‘perigos’ no objeto de referência ‘ser uma mulher diabética’; desse modo, esse último se torna a região desencadeadora de ‘perigos’, ou seja, para apresentar uma situação de ‘perigo’ é preciso inicialmente uma motivação, ou seja, ‘ser diabética’ ou existir como tal. Observe os esquemas de imagem das sentenças até então analisadas:

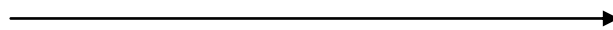
3.17 (a) Eu tenho orgulho ‘de’ ser brasileiro.



Ponto de origem existencial

‘de ser brasileiro’ (sintagma preposicional)

(b) Ela tem um jeito ‘de’ ser diferente das outras.



Ponto de origem existencial

‘de ser diferente’ (sintagma preposicional)

(c) O Discovery apresenta os perigos ‘de’ ser uma mulher diabética.



Ponto de origem existencial

‘de ser uma mulher diabética’ (sintagma preposicional)

Conforme observamos, os esquemas imagéticos acima podem apresentar um paralelo conceitual com uma representação espacial de trajetória. Acreditamos que uma interpretação metafórica permite que compreendamos a preposição ‘de’ como um ponto de origem de uma trajetória existencial. Todavia, apesar de não encontrarmos exemplos de Jackendoff (1983, 1992) para esse campo semântico, tentamos, através de seus pressupostos, apresentar exemplos que demonstrassem esse tipo de relação de significado, que é característica do campo semântico existencial, buscando apresentar uma analogia com a abordagem localista.

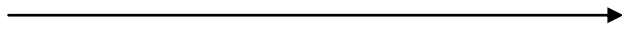
3.5.2 Campo semântico Existencial: preposição ‘para’

Nessa seção, procederemos às análises do comportamento semântico da preposição ‘para’ no campo semântico Existencial. Começamos com o exemplo “‘Para’ ser feliz, é preciso amar”. Nessa sentença, a preposição ‘para’, em um sintagma preposicional deslocado, estabelece um valor de meta, ou ponto final para o evento da sentença. O sintagma ‘para ser feliz’ corresponde a uma situação de existência em que ‘para ser ou existir de modo y é preciso fazer x’, ou seja, um evento inicial resulta em uma situação de existência como meta final de uma trajetória existencial.

Podemos recorrer a esse mesmo tipo de interpretação na sentença “Marilyn fez de tudo ‘para’ ser famosa”, em que a preposição ‘para’ também resulta em uma situação de ‘vir a existir’, ou seja, ‘para ser famosa’ ou existir como tal. Fazendo um paralelo conceitual, essa preposição representa um ponto final do evento na sentença, isto é, ‘ela fez x para ser ou existir y’, caracterizando ‘y’ como a meta final do evento da sentença.

Na sentença “Dr. Oz aponta 15 passos ‘para’ ser magra e feliz”, a preposição ‘para’ localiza a figura ‘15 passos’ no objeto de referência ‘ser magra’. Nessa interpretação, o ‘pseudoespaço’, representa a meta de ser ou existir como ‘magra’. Através dos esquemas de imagem abaixo, apresentamos conceitualmente essas sentenças:

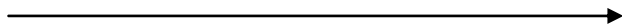
3.18 (a) ‘Para’ ser feliz, é preciso amar.



Ponto final existencial

‘para ser feliz’ (sintagma preposicional)

(b) Marilyn fez de tudo ‘para’ ser famosa.



Ponto final existencial

‘para ser famosa’ (sintagma preposicional)

(c) Dr. Oz aponta 15 passos ‘para’ ser magra e feliz.



Ponto final existencial

‘para ser magra’ (sintagma preposicional)

Dentro do que propomos como análise, acreditamos que as representações acima ilustram esquematicamente o comportamento da preposição ‘para’ como posição final em uma trajetória existencial. Ao propor que podemos recorrer a esse tipo de interpretação, Jackendoff (1983, 1992) se utiliza da proposta da experiência corporificada, pois, segundo sua teoria, é essa experimentação da realidade que permite que o falante se utilize do léxico da língua, projetando outros significados a partir de um significado de base. Através de uma abordagem localista, a Hipótese de relação Temática representa uma argumentação a favor da conexão entre os campos semânticos não espaciais com o campo semântico espacial. As preposições ‘de’ e ‘para’, como falamos no início, possuem significado espacial de base (ILARI *et al.*, 2008); desse modo, ao estender a hipótese de Jackendoff (1983; 1992) para o uso das preposições ‘de’ e ‘para’, podemos identificar as relações de significado dos campos semânticos não espaciais, com uma representação conceitual localista de trajetória, inerente a essas duas preposições. Ao encontrar essas relações, propomos que as preposições ‘de’ e ‘para’, além de completarem o sentido do predicado, são itens polissêmicos, pois seus diferentes significados podem estar relacionados entre si através de uma representação espacial conceitual de trajetória.

Durante o desenvolvimento deste capítulo, procuramos analisar sentenças em que as preposições ‘de’ e ‘para’ apresentassem diferentes relações de significado. Também procuramos identificar essas relações em diferentes campos semânticos, nos quais buscamos uma interpretação metafórica de ponto de origem, para a preposição ‘de’, e ponto final, para a preposição ‘para’, pois segundo os pressupostos apresentados, esses itens desempenham um importante papel na arquitetura de nossa língua, que é localizar objetos no espaço, organizando assim, os objetos no mundo por meio de uma localização conceptual (PINKER, 2007). Todavia, para alcançar o objetivo que propomos desde o início desta pesquisa, recorreremos a um paralelo conceitual com uma representação espacial de trajetória, pois os campos semânticos estudados foram tomados como metáforas do campo semântico espacial propriamente dito (JACKENDOFF, 1983). Desse modo, ao estabelecer esses paralelos, estamos correlacionando esses significados, ou seja, estamos corroborando e afirmando a ideia de polissemia que expomos durante todo nosso trabalho, em que significados estabelecidos por um mesmo item lexical podem ter uma relação entre si, como se fossem sobrepostos a um significado primitivo, ou seja, o espacial, correspondente a uma organização primitiva que é subjacente (JACKENDOFF, 1983).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, investigamos o comportamento polissêmico das preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro, através de uma abordagem localista, em que os significados estabelecidos por essas preposições possuem relação entre si através de um esquema imagético de trajetória. A saber, os significados estabelecidos pelas preposições ‘de’ têm correlação com um significado básico de ‘origem’ e os da preposição ‘para’, com ‘ponto final’. Essa relação é identificada através da metáfora, que é um fenômeno cognitivo que permite a interpretação localista através de um significado primitivo. Esse tipo de interpretação é possível, pois as preposições são itens básicos no funcionamento da língua e têm como principal função localizar objetos no espaço, isto é, uma figura em um objeto de referência.

Com isso, primeiramente, fizemos uma exposição do que se apresenta dessa classe de palavras no português brasileiro, tanto pelos estudos prescritivistas quanto pelos estudos linguísticos. Através dessas duas abordagens, identificamos o conceito, a organização em classe, as funções, as relações de significado e, principalmente, o caráter cognitivo envolvido no uso das preposições. A partir dos estudos linguísticos, foi possível delimitar essa classe de palavras como itens polissêmicos, diretamente relacionados à cognição humana, por meio de um esquema de imagem de trajetória. As preposições, segundo o que apresentamos, são itens básicos na arquitetura de nossa língua e, por natureza, de conotação espacial, desempenhando a função de localizar no espaço físico e metafórico, objetos, pessoas, eventos, entre outros.

Em seguida, apresentamos pressupostos teóricos que fundamentaram nossa proposta de polissemia por representação espacial de trajetória, em que a preposição ‘de’ corresponde à origem de trajeto, e a preposição ‘para’, ponto final. Segundo os autores citados, a polissemia é uma ambiguidade lexical em que os significados de um item devem estar relacionados ou sobrepostos entre si. No caso da preposição, vimos que as relações de significado que elas estabelecem são sobreposições de seu significado mais básico, que é o espacial. Essa relação é possível quando levamos em consideração a experiência corporificada do falante, ligada aos padrões do nosso movimento corporal e ao contato com os objetos no mundo. Essa experiência, por sua vez, está diretamente correlacionada com o sistema conceptual, em que os esquemas de imagem e a metáfora representam a sua consolidação e, conseqüentemente, seu reflexo na língua. Desse modo, a metáfora é uma espécie de organização do real,

permitindo que o significado básico das preposições ‘de’ e ‘para’ seja metaforizado em campos semânticos distintos, relacionados entre si, apresentando um significado espacial conceptual.

Por último, fizemos análises de sentenças com as preposições ‘de’ e ‘para’ do português brasileiro e apresentamos seus respectivos esquemas de imagem. Para a interpretação conceptual das sentenças, utilizamos como base teórica a Hipótese de Relação Temática de Jackendoff (1983), segundo autor, aplicável a todas as línguas. Nessa teoria, as preposições ‘de’ e ‘para’ são itens polissêmicos, pois seus significados são relacionados entre si, através de uma representação espacial de trajetória. Nela, a preposição ‘de’ é interpretada como origem e a preposição ‘para’, como ponto final. Para tanto, os significados estabelecidos por essas duas preposições foram distribuídos em diferentes campos semânticos, que são metáforas de um campo semântico espacial. Os campos semânticos abordados foram o Temporal, Possessional, Identificacional, Circunstancial e Existencial. Neles, as preposições ‘de’ e ‘para’ foram descritas e interpretadas em seus respectivos esquemas de imagem pelos quais foram identificadas como itens de conotação espacial e de natureza polissêmica, pois apresentaram significados sobrepostos entre si, ou seja, em cada campo distinto, conceptualmente, foi possível interpretar um significado de origem para a preposição ‘de’ e um significado de ponto final, para a preposição ‘para’. Assim, através dessa Hipótese de Relação Temática, os significados foram relacionadas com um significado primitivo espacial, corroborando a ideia de polissemia das preposições investigadas.

Desse modo, conforme o que apresentamos em nossa pesquisa, acreditamos que alcançamos nossos objetivos específicos propostos. Cumprimos o primeiro objetivo quando apresentamos as diferentes relações de significado que as preposições ‘de’ e ‘para’ estabelecem ao seu objeto de referência. Esses significados correspondem a ideias de tempo, posse, especificação, circunstância de modo, circunstância de finalidade, circunstância de instrumento e construções com o verbo ‘ser’. Nesses significados, a preposição localiza a figura no objeto de referência, estabelecendo um ‘pseudoespaço’ de origem, atribuído pelos significados da preposição ‘de’, e de ponto final, pelos significados da preposição ‘para’.

O segundo objetivo cumprido foi a descrição do processo cognitivo de experiência corporificada, em que apresentamos como nossa relação com o espaço físico e com a manipulação de objeto no mundo são cognitivamente projetadas em nosso léxico, fazendo com que esquemas de imagens e projeções metafóricas permitam que um significado espacial

de base possa ser expandido para outros significados, sem, contudo, perder a identidade localista. Mostramos que a polissemia é decorrente de nossa experiência e, que, quanto mais um item é empregado e convencionado, mais polissêmico ele é. E, como as preposições ‘de’ e ‘para’ são um dos itens mais utilizados em sentenças no português brasileiro, acreditamos que seu significado básico espacial se estendeu para outros significados que recorrendo a uma interpretação metafórica, recuperam o seu significado primitivo.

Conforme também apontamos, as preposições ‘de’ e ‘para’, através da experiência corporificada e das projeções metafóricas que fazemos dela, são representadas esquematicamente em uma trajetória. Desse modo, expomos e descrevemos esse respectivo esquema de imagem, representado por posições opostas, ou seja, a preposição ‘de’ representa a origem de um objeto, evento, instrumento, entre outros, e a preposição ‘para’, ponto final. Esse tipo de esquema foi criado por Johnson (1987) com o objetivo de apresentar a propensão que as línguas naturais tendem a organizar e individualizar os objetos no mundo por meio de uma localização espacial. Sendo assim, as preposições ‘de’ e ‘para’, enquanto itens fundamentais na arquitetura da língua, localizam objetos em seu espaço de origem e espaço final.

Além dos objetivos acima, também apresentamos uma descrição e análise dos campos semânticos Temporal, Possessional, Identificacional, Circunstancial, e Existencial, que são metáforas de um campo espacial propriamente dito. Cada campo semântico foi relacionado com determinadas relações de significado, estabelecidas pelas preposições ‘de’ e ‘para’ e, através de pressupostos teóricos, interpretamos os diferentes significados dessas preposições individualmente, como extensão de um significado básico. Demonstramos essa afirmação através de análises de sentenças, pautadas em conceptualizações e esquemas de imagem, pelos quais essas preposições localizam os objetos ou eventos em ‘pseudoespaços’.

Por fim, com os objetivos desenvolvidos e cumpridos no decorrer dos capítulos, acreditamos, através dos pressupostos e das análises dos exemplos, que as hipóteses formuladas são verdadeiras. Como primeira hipótese, tínhamos proposto que as relações de significados das preposições ‘de’ e ‘para’ têm conexão entre si através de uma representação espacial de trajetória. Confirmamos que de fato os significados possuem relação entre si, através da interpretação metafórica de campos semânticos, pois esses são sobreposições de um campo espacial, portanto, os significados não espaciais são oriundos de um primitivo de conotação localista.

Nossa outra hipótese era acerca das relações de significados, estas que poderiam ser identificadas com os campos semânticos propostos pela Hipótese de Relação Temática. Conforme Jackendoff (1983) afirmou, essa teoria seria aplicável em todas as línguas, o que foi corroborado neste trabalho para as preposições do português brasileiro, pois conseguimos identificar e distribuir as diferentes relações de significado das preposições ‘de’ e ‘para’ em campos semânticos específicos. Desse modo, estabelecemos paralelos conceituais entre esses campos, oriundos de um campo primitivo, ou seja, o espacial.

Assim, reafirmando nossa proposta inicial de trabalho e tudo que apresentamos como pressupostos e análises, acreditamos que as preposições ‘de’ e ‘para’ são itens polissêmicos, pois além de localizarem, por natureza, os objetos no mundo (e assim se relacionarem entre si como origem e meta, respectivamente), seu comportamento linguístico respeita o princípio de economia da língua. Esse tipo de ambiguidade lexical é, acima de tudo, o reflexo de nossa experiência corporificada no mundo e de tudo aquilo que depreendemos dele.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J.C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2009.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERG, M. *O comportamento semântico lexical das preposições no português brasileiro*. 2005. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- CAMARA, J.M. *Dicionário de linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 16ª edição, 1992.
- CANÇADO, M. Argumentos: Complementos e Adjuntos. *Alfa*, 53(1), pp. 35-59, 2009.
- _____. *Manual de Semântica*. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. *Um estatuto teórico para os papéis temáticos*. In: MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda V.; FOLTRAN, Maria José (Org). *Semântica formal*. São Paulo: ed. Contexto, 2003, p. 95-124.
- CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CORRÊA, R.; CANÇADO, M. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.14, n.2, p.371- 404, 2006.
- CROFT, W; CRUSE, D.A. *Cognitive Linguistics*. New York: Cambridge, 2004.
- CUNHA, C. F. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 5ª 2008.
- FARIAS, J.G. *Aspectos da Sintaxe de Preposições no Português*. Tese (Doutorado em Linguística)- Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2005.
- FAUCONNIER, G., TURNER, M. Polysemy and conceptual blending. In: NERLICH, B. et al. (Org). *Polysemy flexible patterns of meaning in Mind and Language*. New York: Mouton de Gruyter, 2003. pp. 79-94.
- FRANCHI, C. *Teoria da Adjunção: predicação e relações temáticas*. Manuscrito publicado em CANÇADO, M. (org) *Predicação, Relações Semânticas e Papéis Temáticos: anotações de Carlos Franchi*. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 155-176, Jul/Dez. 2003.
- GODOY, L. *Preposições e os verbos transitivos indiretos: interface sintaxe-semântica lexical*. *Revista da Abralin*, João Pessoa, v.7, n.1, p.49-68, 2008.

GONÇALVES, P.S. *A preposição “para” e o processo de construção referencial*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara- SP, 2008.

GRUBER, S.(1965/1976). "*Studies in Lexical Relations*." Ph.D. dissertation, MIT. Reprinted as part of *Lexical Structures in Syntax and Semantics*. Amsterdam: North-Holland (1976).

ILARI, R. *Introdução ao estudo do Léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2012.

ILARI, R., BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2007.

ILARI, R., CASTILHO, A.T., ALMEIDA, M.L.L., KLEPPA, L.A., BASSO, R.M. *A preposição*. In: ILARI, R e NEVES, M.H.M (ORGS). *Gramática do português culto falado no Brasil: volume 2 : classes de palavras e processos de construção*. Campinas, SP: UNICAMP, 2008.

JACKENDOFF, R. *Consciousness and the Computational Mind*. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.

_____. *Languages of the Mind: Essays on Mental Representation*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

_____. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

NEVES, M. H. de M.. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

OLIVEIRA, M.A. *Relações semântico-cognitivas no uso da preposição ‘em’ no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PINKER, S. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. *Learnability and cognition*. Cambridge: MIT Press, 1993.

PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. Cambridge: London: MIT, 1995.

RICOEUR, P. *A metáfora viva*. 2. São Paulo: Loyola, 2005.

ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.

ROSA, M.C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2009.

SAID, M. A. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAGAN, C. *Cosmos*, 1980. Disponível em: <http://www.dicocitations.com/citations/citation-90387.php>, acessado em: 02/02/2014.

SILVA, L.A. *As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro*. Goiânia, 2012. 284p. Tese de Doutorado em letras-Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

TAYLOR, J. *Cognitive models of polysemy*. In: NERLICH, B. et al. (Org). *Polysemy flexible patterns of meaning in Mind and Language*. New York: Mouton de Gruyter, 2003. pp. 31-48.

TYLER, A.; EVANS, V. *The Semantics of English Prepositions: Spatial Scenes, Embodied Meaning and Cognition*. Cambridge: University Press, 2003.

WEINREICH, U. *Webster's Third: A Critique of its Semantics*. International Journal of American Linguistics, 1964.